



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

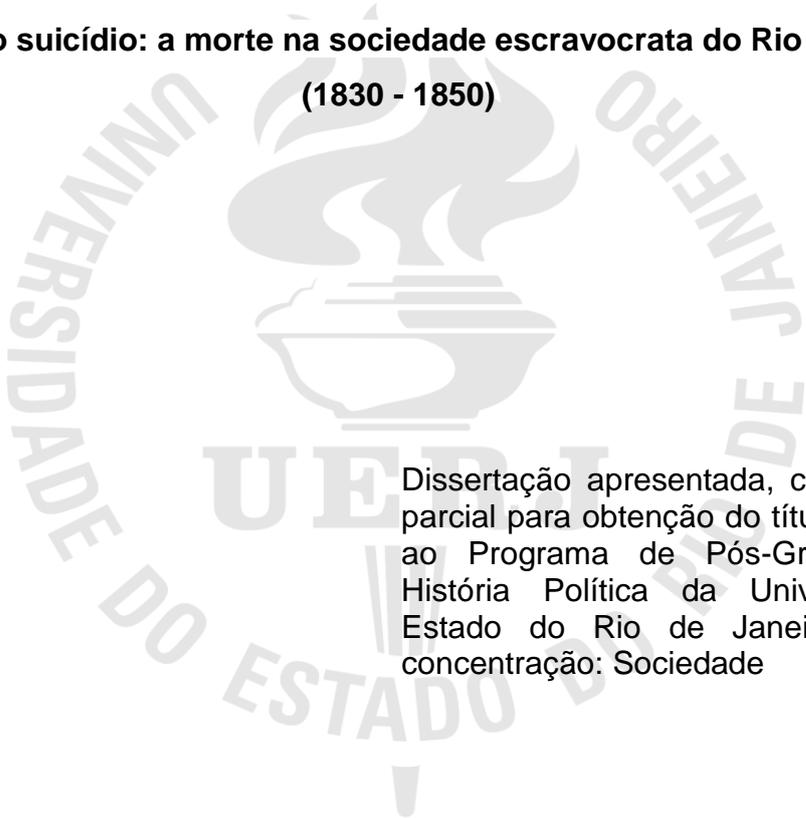
Camila Dias da Costa

As cores do suicídio: a morte na sociedade escravocrata do Rio de Janeiro (1830 – 1850)

Rio de Janeiro
2019

Camila Dias da Costa

**As cores do suicídio: a morte na sociedade escravocrata do Rio de Janeiro
(1830 - 1850)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Sociedade

Orientador (a): Prof. Dr. Washington Santos Nascimento

Rio de Janeiro

2019

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C837 Costa, Camila Dias da.
As cores do suicídio: a morte na sociedade escravocrata do Rio de Janeiro (1830 – 1850) / Camila Dias da Costa. – 2019.
127 f.

Orientador: Washington Santos Nascimento.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. História – Teses. 2. Suicídio – Teses. 3. Escravidão – Teses. I.
Nascimento, Washington Santos. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

es

CDU 9(81)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Camila Dias da Costa

**As cores do suicídio: a morte na sociedade escravocrata do Rio de Janeiro
(1830 - 1850)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Política da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Sociedade

Aprovada em 25 de setembro de 2019.

Banca Examinadora:

Dr. Washington Santos Nascimento
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Dr. André Nunes de Azevedo
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Dr. Gustavo Pinto de Sousa
Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

Rio de Janeiro

2019

DEDICATÓRIA

Aos meus pais. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me inspira todos os dias e me protege a todos os momentos de minha vida. Sem ele não seria possível a confecção e inspiração para esta dissertação.

Aos meus pais Roberto Pinto da Costa e Cristina Virginia Dias da Costa, por seus incentivos, carinho e apoio que me deram suporte e ânimo ao longo dessa caminhada. Vocês são os meus pilares que sustentam a minha caminhada.

Ao meu orientador Washington Santos do Nascimento por todo apoio, conselhos, encontros e incentivos. Sua orientação me fez enxergar o melhor em mim.

RESUMO

COSTA, Camila Dias. **As cores do suicídio**: a morte na sociedade escravocrata do Rio de Janeiro (1830 – 1850). 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado em História Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

A proposta da dissertação é analisar o suicídio negro na sociedade escravocrata do Rio de Janeiro entre os anos de 1830 e 1850 sob uma perspectiva da banalidade da morte, a partir do arcabouço teórico relacionado ao princípio de políticas da morte (necropolítica e biopolítica). A metodologia escolhida seria a história comparada, onde analisaremos os mecanismos que regeram o suicídio entre indivíduos negros (escravos e libertos nascidos no Brasil), e africanos (negros estrangeiros) em contraposição aos brancos na cidade do Rio de Janeiro entre 1830 e 1850. Utilizaremos como fontes os arquivos da polícia da corte e os periódicos do Jornal do Comércio e Diário do Rio de Janeiro. O suicídio é um fenômeno que ocorre em todas as sociedades. Nesse sentido, é um assunto recorrente e relevante em nossa atualidade. Historicamente, no século XIX, a sociedade fluminense, em meio à organização social marcada pela escravidão, convivia com constantes casos de suicídios. A Corte era um espaço onde as políticas sobre a morte atuava como um vetor sobre a população negra, africana e branca inclusive, como um produto de uma sociedade aristocrática. A problemática que fundamenta a pesquisa é: Será que o suicídio tem uma cor em uma sociedade aristocrática escravocrata? Ou seja, há um predomínio de suicídios sobre determinados grupos de pessoas?

Palavras-chave: Suicídio. Sociedade Aristocrática. História Comparada. Escravismo. Políticas sobre a morte. Banalidade da Morte.

ABSTRACT

COSTA, Camila Dias. **The colors of suicide**: death in the slave society in Rio de Janeiro (1830-1850). 2019. 127 f. Dissertação (Mestrado em História Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

The purpose of this dissertation is to analyze black suicide in Rio de Janeiro's slave society between 1830 and 1850 from the perspective of the banality of death, from the theoretical framework related to the politics of death (necropolitical and biopolitical). The methodology chosen would be comparative history, where we will analyze the mechanisms that governed suicide between black individuals (slaves and freedmen born in Brazil) and Africans (foreign blacks) as opposed to whites in the city of Rio de Janeiro between 1830 and 1850. We will use as sources the court police archives and journals of the Rio de Janeiro Newspaper. Suicide is a phenomenon that occurs in all societies. In this sense, it is a recurring and relevant subject in our day. Historically, in the nineteenth century, the society of Rio, amid the social organization marked by slavery, lived with constant cases of suicides. The Court was a space where death policy acted as a vector for the black, African and white population, even as a product of an aristocratic society. The problem that underlies the research is: Does suicide have a color in a slave aristocratic society? That is, is there a predominance of suicides over certain groups of people?

Keywords: Suicide. Aristocratic Society. Comparative History. Slavery. Policies on Death. Banality of Death

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Número de suicídios com motivação descrita (%)	54
Gráfico 2 -	Número de suicídios e motivação descrita (%)	55
Gráfico 3 -	Número de suicídios e motivação descrita (%)	57
Gráfico 4 -	Quantidade de suicidas sem identificação (%)	58
Gráfico 5 -	Quantidade de suicidas sem identificação (%)	59
Gráfico 6 -	de suicidas sem identificação (%)	62
Gráfico 7 -	Métodos utilizados para cometer suicídio por negros e africanos (%)	66
Gráfico 8 -	Métodos utilizados para cometer suicídio por negros (%)	67
Gráfico 9 -	Métodos utilizados para cometer suicídio por negros (%)	68
Gráfico 10 -	utilizados para cometer suicídio por brancos (%)	95
Gráfico 11 -	Métodos utilizados para cometer suicídio por brancos (%)	97
Gráfico 12 -	Métodos utilizados para cometer suicídio por brancos (%)	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Afogamentos descritos nos relatórios da polícia da Corte entre os anos 1834-1839. Dados relativos a Negros e Africanos.	37
Tabela 2 - Número de suicídios descritos por cor e gênero (%)	52
Tabela 3 - Número de suicídios descritos por cor e gênero (%)	52
Tabela 4 - Nomes e motivações para o ato suicida.....	86
Tabela 5 - Nomes e motivações para o ato suicida.....	89

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	A MORTE DOS AFRICANOS E NEGROS NO RIO DE JANEIRO	19
1.1	Construindo o cenário: Rio de Janeiro (1830 -1850)	19
1.2	O africano e o negro: o trabalho e inserção em meio a Urbe carioca ..	22
1.3	Das Áfricas ao Rio de Janeiro: Vida e Morte dos Africanos	24
1.4	A morte sob perspectiva do olhar banto: a ancestralidade e o mundo espiritual	28
2	NO <i>KALUNGA</i> DO ESQUECIMENTO: A HISTÓRIA DOS SUICIDAS NEGROS E AFRICANOS	46
2.1	A grande manchete: o suicida em preto e branco	47
2.2	Suicídio e gênero em tons negros	51
2.3	Um adeus sem motivos	54
2.4	Tonalidades Negras: Os Não Nomeados e Excluídos da História	58
2.5	Escolhendo como partir deste mundo	62
2.6	Quando a partida não importa	75
3	QUANDO MORRE UM BRANCO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA	78
3.1	A motivação: o suicida e a história apresentada	86
3.2	A escolha ao partir define quem somos: o que o método revela	93
3.3	O suicida exterior: entre o estrangeiro e o personagem	102
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
	REFERÊNCIAS	121
	APÊNDICE - Corpo Documental	125

INTRODUÇÃO

Em 14 de maio enforcou-se no porto um indivíduo, sendo levado seu corpo para o cemitério pela Irmandade da Misericórdia, o desgraçado deu alguns sinais de vida, falou, e pediu uma gota d'água. Em consequência ia ser conduzido ao hospital para se lhe administrarem os medicamentos necessários, quando se recebeu ordem em contrário: o pobre homem lutou ainda quatro horas com a morte, e escaparia dela se recebesse os socorros que lhe foram negados¹.

O trecho acima é uma manchete do *Jornal do Comércio* de 21 de agosto de 1830 e revela-se uma fonte histórica. O primeiro aspecto a ser interpretado é a qualificação atribuída ao suicida é o descaso quanto ao atendimento ao suicida. O primeiro passo foi levá-lo para o cemitério ainda vivo? Não poderiam tê-lo socorrido, quando o indivíduo ainda estava consciente e pedia água? Ou seja, por ele ter cometido ato suicida não teria direito a uma segunda chance?

Quando o indivíduo comete suicídio, ele rompe com o pacto social. A partir do momento que sua vida é perdida, ele deixa de ter importância para sociedade, conforme se verificou quando o socorro lhe foi negado e permaneceu por quatro horas agonizando. Mais o sofrimento permaneceu no seu *post mortem* uma vez que seu suicídio foi retratado com um discurso formado com termos pejorativos.

A possibilidade de ação sobre o próprio corpo e a existência daqueles que ousam romper com os códigos de comportamento sobre a morte e resulta na taxação desses indivíduos como: doentes, loucos, desequilibrados, covardes e frustrados². O suicida é um sujeito que merece um castigo da sociedade por tirar a vida que pertence a ele próprio. Mesmo que ainda se possa salvá-lo, ele sofre um abandono pelos demais.

O preconceito com o qual a sociedade lida com o suicida é baseado no seguinte pensamento: aqueles que não seguem a lei universal da autopreservação merecem morrer sós. A partir deste exemplo esta dissertação de mestrado tem por objetivo

¹ Bremen, Notícias Estrangeiras. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 21 AGO.1830. p.01

² Existe na sociedade uma imposição sobre a forma da morte e a ideia de uma cronologia biológica sobre a morte. Os códigos sobre a morte estão ligados ao que se espera de uma “boa morte” no âmbito social. Uma morte aceitável e aquela que realiza os ritos necessários para a passagem do indivíduo para o além-túmulo e que ocorre de uma forma natural, ou seja, sem ser controlada pelo indivíduo. Ver: LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012; RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

analisar a morte na sociedade escravocrata do Rio de Janeiro entre os anos de 1830 e 1850.

A temática da morte se faz presente através de um entrelaçamento dos ritos fúnebres que ocorrem no espaço público e no âmbito privado³. Na contemporaneidade, ocorreu o rompimento dessa estrutura e uma mudança no que seria o padrão de ritos, no qual a morte começa a se tornar algo privado.

. No ano de 1831 quando foi assinada a primeira lei de abolição ao tráfico de escravos, conhecida como a “lei para inglês ver” e 1850, assinatura da Lei Euzébio de Queiróz, responsável por acabar com o tráfico. A escolha obedece a seguinte justificativa: é um período histórico marcado pelo aumento significativo do desembarque de escravos no Brasil e, por consequência, a expansão demográfica da população negra no país. Embora abolido oficialmente, em 1831, iniciou no país, uma estruturação do Estado para incentivar o tráfico ilícito de escravos africanos. Nesse sentido, a cidade do Rio é uma área central de circulação de bens simbólicos⁴. É fundamental compreender que expansão do tráfico gerou o aumento da população escrava e, por consequência um sentimento aristocrático cercearia as relações entre o escravo e o senhor. Assim sendo, este trabalho se propõe a analisar o suicídio negro em comparação ao branco na cidade do Rio de Janeiro no entre os anos 1830 a 1850.

O *corpus documental* da pesquisa são os relatórios da polícia da corte custodiado pelo Arquivo Nacional. As fontes oficiais foram complementadas com

³ ARIÈS, Philippe. **História Da Morte No Ocidente: Da Idade Média Aos Nossos Dias. Rio de Janeiro:** Nova Fronteira, 2012.

⁴ AZEVEDO, André Nunes. **O Rio de Janeiro do século XIX e a formação da cultura carioca.** Intellèctus. Ano IX. N: 2

veículos da imprensa *Jornal do Comércio*⁵ e *Diário do Rio de Janeiro*⁶, disponibilizados no site institucional da Biblioteca Nacional.

A escolha pelos periódicos como fontes históricas obedece ao papel político e social desempenhados por esses veículos. Na sociedade, a imprensa está inserida como um meio de manipulação de interesses e de intervenções na vida social. As notícias que deveriam ser consideradas imparciais e neutras apresentam um discurso influenciado pelos lugares social que estruturam o seu discurso⁷. Primeiramente estes foram escolhidos por serem jornais de longa duração, sendo os mais antigos do Rio de Janeiro, em segundo lugar eram de grande circulação e em terceiro a problemática girava em torno da questão política⁸. Esta temática se insere neste estudo, onde: o caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção do espaço público caracterizam a imprensa brasileira de grande parte do

⁵O *Jornal do Comércio* fundado em 1827 por René Plancher (1764-1844). O fundador do jornal foi perseguido na França com a Restauração que levou Luís XVIII ao trono. Em 1824, Plancher emigrou para o Brasil. Ele instalou sua gráfica e loja na Rua dos Ourives. Mais tarde, a gráfica foi transferida para a Rua do Ouvidor. Em 1824, Plancher lançou o jornal: *O Espectador Brasileiro*. Um jornal com um viés profundamente político, no qual ele escrevia sob o pseudônimo de “um francês brasileiro”. O *Espectador* deixou de circular em 1827. Isso ocorreu devido à divulgação de uma carta de um colaborador em defesa do ministro da Guerra e brigadeiro, João Vieira Carvalho, considerada insultuosa aos membros da Assembleia Geral do Império. Quando em 1º de outubro de 1827, ele lançou o *Jornal do Comércio*, Plancher restringiu-se aos assuntos comerciais e econômicos. Em 1828 ampliam-se os debates e o jornal volta a mergulhar em assuntos políticos novamente. Esse jornal considerado um dos jornais mais antigos em circulação na América latina, o jornal tinha muita visibilidade, tanta que até D. Pedro II possuiu uma coluna dentro dele. Um ponto importante a se destacar seria sua orientação que era basicamente conservadora. Ver: LEAL, Carlos Eduardo e SANDRONI, Cícero. **Jornal do comércio**. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/JORNAL%20DO%20COM%C3%89RCIO.pdf> > Acesso em: 19 de julho de 2018

⁶A outra fonte foi *Diário do Rio de Janeiro* fundado por Zeferino Vítor de Meirelles. Oriundo da Imprensa Régia, o qual obteve a autorização e os meios para lançar seu próprio jornal. E assim, o *Diário do Rio de Janeiro*, o primeiro diário da história da imprensa brasileira, nasceu em 1821. O diário publicava sobre questões gerais tais como: furtos, assassinatos, demandas, reclamações, entretenimento, meteorologia, marés e anúncios que tratavam de escravos fugidos, leilões, compras, vendas, achados, aluguéis. Em 1822 com a morte de Zeferino, Antônio Maria Jourdan assume seu lugar como diretor do jornal, entretanto o jornal não sofre mudanças significativas até 1830, quando passa a fazer abordagens de cunho mais político o *Diário do Rio de Janeiro* havia deixado seu lado “*Diário da Manteiga*”: passara a servir à facção restauradora. Ver: BRASIL, Bruno. **Diário do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/diario-do-rio-de-janeiro/>> Acesso em: 19 de julho de 2018.

⁷ PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. P.118

⁸ Apesar da preponderância de uma temática possuidora de caráter político nos periódicos, isso não impedia que outros assuntos fossem levantados. Como uma exceção a essa ênfase no político temos: o *Jornal do Commercio* que começou com conteúdo econômico e aos poucos fora adquirindo um caráter político. Uma questão a ser levantada seria o público e suas características: era de contingente diminuto, devido a as baixas taxas de alfabetização. Ou seja, se voltava a um grupo intermediária ou a uma elite com acessibilidade aos periódicos e letrada.

século XIX⁹. Portanto, é importante o emprego de uma metodologia sobre essa fonte a fim de interpretá-las de forma crítica. Nessa pesquisa, por meio das fontes impressas dos jornais de época, é possível obter indícios sobre como a sociedade fluminense enxergava o suicídio. Nesse sentido, utilizaram-se as fontes como um meio de cotejar e comparar os documentos oficiais do Estado Imperial, tendo em vista que os relatórios, por vezes, foram insipientes, não apresentando informações sobre o ato e seu agente.

A pesquisa fundamenta-se sob o arcabouço teórico baseado nos seguintes autores: Achille Mbembe em sua obra: *Necropolítica. Arte e ensaios*; Fábio Lopes em *Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação*, a fim de fundamentar a concepção de políticas da morte; José Carlos Rodrigues em *o Tabu da Morte*, trabalhando a concepção da morte como um tabu e João José Reis em *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*, buscando a compreensão dos ritos fúnebres e da ideia de morte no Brasil oitocentista. Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*.

Segundo Foucault, o ato suicida é um algo que rompe com a ideia de uma sociedade disciplinar. Utilizaremos o conceito de uma sociedade disciplinar: processo de dominação através da economia do poder que percebeu a sua eficácia por intermédio da ideia de vigiar e punir, A questão disciplinar no âmbito social tem a finalidade de compreender o julgamento moral que repousa sobre o ato suicida. A proposta de uma administração do indivíduo sobre o relógio cronológico rompe com as estruturas de controle social¹⁰.

Quando relacionados ao seu lugar social, os suicídios são julgados de formas diferentes. O suicida considerado branco possui mediante ao ato suicida uma visibilidade nas fontes, onde se percebe que o mesmo possui um lugar de fala diferenciado, através da forma com que as fontes se revelam aos leitores. Para Fábio Lopes, o suicida se insere em um contexto de biopolítica, ou seja, uma política de preservação da vida implantada no século XIX¹¹. Onde o controle de uma sociedade sobre a vida dos indivíduos se reflete nas fontes, nas quais podemos ver transparecer

⁹ LUCA, Tania Regina. *Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. P.133.

¹⁰ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005.

¹¹ LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012

as emoções daquele que narra os atos suicidas. Emoções essas que se refletem na criminalização do suicida. Uma busca por relatar a sua história em mínimos detalhes e transparecendo os sentimentos de perda e pesar nas fontes.

Em contrapartida, destaca-se o conceito de Mbembe, a necropolítica que assume uma conotação oposta, refletindo uma política sobre a morte¹². Uma política que justificaria a morte de determinados indivíduos para o funcionamento da sociedade. Com quais vidas deveriam se preocupar? Determinadas mortes são justificadas? Quando analisamos as fontes, referente a negros e africanos nos deparamos com o silêncio. A ideia de uma banalidade da morte.

O conceito de banalidade da morte diz que o mal ele reside na ausência de uma reflexão sobre as ordens e condutas a serem seguidas. No caso da banalidade do mal se percebe a obediência cega a um código ético pré-determinado por uma ordem superior sem sequer uma avaliação moral de certo e errado. Quando adaptamos esse conceito a uma ideia de banalidade da morte (conceito adaptado para este trabalho), entende-se que algumas mortes são avaliadas moralmente de forma diferente. Tornando-se restritas a uma forma de pensar e interligadas as esferas superiores de poder (no caso neste trabalho analisaremos a visão da boa sociedade oitocentista). As fontes relacionadas às mortes de negros e africanos são relegadas a um silêncio profundo em comparação a um extenso memorial sobre os suicidas brancos¹³.

Como metodologia utilizaremos a história comparada como arcabouço dessas questões iniciais. O objetivo principal é por meio de uma comparação dos sistemas sociais de ordem distintas, possamos estabelecer dissemelhanças e semelhanças que liguem esses dois mundos¹⁴. Utilizaremos o artigo História Comparada: Olhares Plurais, visando compreender instâncias diferentes para os suicídios, por meio das cores em um ato comparativo: é um método que busca através do diálogo, relacionar

¹² Necropolítica: Política relacionada a morte que define quem merece viver ou morrer dentro da sociedade. Ver: MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, nº: 32. Dezembro, 2016.

¹³ ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁴ A ideia de comparação está atrelada a delimitação dos diversos sistemas sociais que serão escolhidos como método de comparação. BLOCH, Marc. **Para uma história comparada das sociedades europeias**. In: História e historiadores, Teorema. Paris: 1963, p.15-50.

os resultados de pesquisa, visando à ampliação dos conhecimentos dos fenômenos sociais¹⁵.

Predomina a ausência de informações. Não informavam, por exemplo, as motivações do ato suicida; informações pessoais do indivíduo, inclusive, subtraindo sua identidade. Quando falamos dessa política relacionada à justificação de uma morte, não podemos esquecer a quem essa política se aplica. E sob o prisma das políticas da morte¹⁶, é possível compreender a estruturação da sociedade fluminense calcada em princípios aristocráticos.

A morte não se dissocia da vida e é um tema central de estudo sobre a humanidade. Essa simbiose entre a morte e a vida é responsável pela construção de um diálogo diferenciado, contribuindo para compreensão da sociedade em seu todo. Ao falarmos da questão da boa morte presente em João José Reis na obra *A morte é uma festa*, temos como ideia principal dialogar com o conceito do que seria uma morte ideal¹⁷. Os ritos funerários são considerados símbolos que desligam o defunto do domínio do mundo dos vivos. Quanto ao luto podemos notar uma proteção simbólica da família e não do próprio moribundo, o peso do luto é algo para ser vivido pela sociedade. A lápide seria uma representação da unidade familiar e os ritos uma celebração melancólica em família. Todas as conjunturas dos ritos e do luto exprimem uma inadaptação à morte, uma tentativa de negação do encerramento da vida, e é nesse contexto que nasce a passagem para uma imortalidade perpétua na consciência dos familiares ainda vivos. Na historiografia sobre a morte, a temática do suicídio ainda é insipiente.

Embora existam trabalhos no âmbito da sociologia e antropologia, é imperativo a promoção de pesquisas de forma interdisciplinar, dialogando com essas disciplinas com a história. A forma como a morte de determinado indivíduo é avaliada no âmbito

¹⁵ THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina. *História Comparada: Olhares Plurais*. Revista de História Comparada, v: 01 n°: 01. Jun./2007.

¹⁶ Políticas da morte: seriam políticas que definiriam a princípio que deveria morrer e viver dentro de uma sociedade (Necropolítica), além de trabalhar sobre a preservação da vida daqueles que possuíam uma importância no âmbito social (biopolítica). Ver: Necropolítica: Política relacionada a morte que define quem merece viver ou morrer dentro da sociedade. Ver: MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. dezembro, 2016; LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012

¹⁷ REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

social será um fator determinante em todo o processo ritualístico e de luto. A morte de um suicida, segundo Rodrigues, em muitas sociedades suscita um pavor especial, por isso são imediatamente abandonados os ritos e o luto¹⁸. Ao invés de cumprir os costumes, esses indivíduos sofrem o desprezo. Os suicidas passam por uma espécie de punição e interdição após cometer o ato. Sua morte determina o fim da sua vida em sociedade, bem como a sobrevivência nos pensamentos daqueles que aqui ficaram. Mas, como essa punição influenciaria os suicidas? Afinal, eles já não morreram?

Essas interdições são instrumentos de controle social, não dos mortos e sim dos vivos. Esse instinto de autopreservação da sociedade e a religião como um instrumento regulador incidiriam com um objetivo pedagógico, ou seja, como afirma Reis, podemos defini-lo como determinação reguladora e disciplinar sobre o que seria uma boa morte¹⁹. A vida não pertence inteiramente ao indivíduo ao ponto de que ele possa encerrá-la quando e como desejar. Por isso a negação da lápide ao suicida, segregando-o dos outros mortos, punindo-o através da degradação da sua imagem após a morte. Sendo uma prática recorrente tanto no período estudado como na atualidade em algumas culturas. Em resumo, essa prática reflete a instrumentalização do poder social e político sobre os mortos.

Baseando-nos em Ziegler, entre os principais referenciais teóricos a serem usados nesta dissertação está o conceito de morte estratificada²⁰, que adaptaremos para “suicídio estratificado”. A principal proposta é delinear as semelhanças e diferenças entre os brancos (a boa sociedade)²¹ e o negro e africano (escravos). O ponto chave é analisar se a vida do indivíduo define de algum modo o seu suicídio e como esses distintos elementos são percebidos pela sociedade. Quando propomos que o suicídio tem suas cores, precisamos encarar que o ato suicida era uma manifestação quanto à realidade vivida pelo indivíduo. Por

¹⁸ RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

¹⁹REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1999. O autor denota que ao criminalizar o ato suicida, há uma função pedagógica da sociedade, a fim de se evitar novos suicídios.

²⁰ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

²¹ “Boa sociedade”: a ideia de mundos que individualizavam a sociedade, a boa sociedade é a representação de uma sociedade aristocrática, formada por indivíduos livres e produtivos economicamente. Ver: MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema**. 5ª edição, São Paulo: Editora Hucitec, 2004.p. 123.

consequente, ao falarmos de suicídio escravo mergulhamos em um silêncio constrangedor nas fontes trabalhadas. Em síntese, os suicídios dos escravos não requeriam nota explicativa: a condição de miséria falava por si e apenas a ideia de desgosto seria justificativa suficiente²². O nosso intuito, ao elaboramos esse trabalho, é retirar o véu de invisibilidade sobre os negros e africanos, enquanto grupo social.

O primeiro capítulo foi intitulado: **A morte dos africanos e negros no Rio de Janeiro**. Remete-nos a compressão da morte dos africanos e negros e os fatores que estavam por traz dela, tais como: castigos físicos, alimentação, moradia entre outros fatores que colaborariam para os altos índices de morte. Além disso, abordaremos a questão da morte no plano cultural para esses africanos e negros, como se configura as concepções de morte dos mesmos e a estrutura que alicerça os seus ritos de passagem para o mundo espiritual. A construção desse capítulo está entrelaçada ao conhecimento do nosso objeto de estudo: o africano e o negro analisando a sua cultura e cotidiano, atrelado a sua concepção de morte.

No capítulo dois foi nomeado: **Suicídio africano e negro**. Nesta análise, destacamos casos gerais sobre o ato suicida neste capítulo. A temática discutida questiona: o que leva esses indivíduos a cometer o suicídio? E como este ato é encarado pela sociedade aonde este se insere? A compreensão como o ato se estrutura em si e como através de um prisma cultural, esses suicídios são vislumbrados pelos africanos e negros. Para isso utilizaremos os relatórios de polícia do arquivo nacional e os relatos do jornal do Commercio e do Diário do Rio de Janeiro. O propósito de analisarmos nos casos de suicídio se insere na construção de um enredo, que após o ato final gera consequências no post-mortem para os negros e africanos suicidas. Eles sofrem um ocultamento de informação quanto ao ato, gerando um apagamento contínuo de quem são e o porquê de cometem tal ato.

O terceiro capítulo foi intitulado: **Quando morre um branco: uma análise comparativa**. Tem por proposta e compreender através das fontes a exclusão e invisibilidade no negro e do africano até na hora da morte a partir das análises sobre os suicidas brancos. A proposta é comparar ambas as mortes: a dos brancos e negros e a traçar um panorama sobre as mesmas. Utilizaremos relatos de suicídios de ambos:

²² O artigo trabalha a questão do suicídio escravo analisando a Gazeta de Campinas. Retrata o desinteresse sobre o suicídio dos escravizados, encarados como algo consequente da escravidão através dos jornais. Ver: OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n°. 2, 2008.

africanos, negros e homens brancos, a fim de constatar se a morte possui uma cor. A ideia é mostrar o quanto a morte de africanos e negros possui um caráter segregacionista e em parte invisibilizador do indivíduo através da perspectiva de uma sociedade aristocrática e escravista.

1 A MORTE DOS AFRICANOS E NEGROS NO RIO DE JANEIRO

A problemática que será respondida nesse primeiro capítulo é: quem eram esses africanos e suas crenças sobre a morte e o morrer? Quais indivíduos teriam direito a vida ou a morte? A ideia é a partir do cotidiano, reconstruímos esse indivíduo, muitas vezes apagado, dando voz por meio das fontes históricas. O necropoder é um conceito utilizado para definir a linha de pensamento responsável pela divisão daqueles que devem viver e dos que devem morrer²³. O ato de exercer o poder sobre a vida dos homens está ligado à apropriação da morte dos mesmos. Podemos admitir que certa liberdade pairasse sobre o suicídio. Enxerga-se nele uma afronta perigosa e intolerável: a vida e a morte de um escravo pertencem ao seu senhor²⁴. Antes precisamos compreender como era a sociedade escravocrata do Rio de Janeiro entre os anos de 1830 e 1850.

1.1 Construindo o cenário: Rio de Janeiro (1830 -1850)

Com o florescimento comercial, a abertura dos portos e a superação do pacto colonial, a partir de 1808, o Rio de Janeiro obteve suas funções redefinidas. Segundo o historiador Jaime Benchimol, o Rio de Janeiro transformou-se em “uma Versalhes tropical”, abrigando uma multidão de fidalgos aspirantes a empregos públicos e as pensões, que acompanharam o Príncipe Regente D. João (1767-1826)²⁵. A Corte se consolidou enquanto polo de atração. O seu brilho e os hábitos luxuosos da nobreza portuguesa se tornaram um chamariz para os proprietários rurais. A configuração do aparato burocrático construído no período joanino (1808-1821) foi baseado na transferência da estrutura administrativa portuguesa construindo desta forma uma sociedade aristocrática e escravocrata, como salientam também Ilmar Rohloff de Mattos e José Murilo de Carvalho. Neste cenário, podemos questionar como eram os

²³MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. dezembro, 2016. O autor utiliza-se do conceito de biopoder do Foucault, trazendo uma questão importante sobre o poder sobre a vida quem deve morrer ou viver, como esse processo se desenrola.

²⁴RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

²⁵ A ideia de Versalhes tropical é uma analogia a aristocracia francesa em terras tropicais. A nobreza e suas estruturas são refletidas na construção de uma corte aristocrática em torno de D. João VI. Ver: BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Editora: Biblioteca Carioca, 1990.p.23.

habitantes da cidade: quem era os negros e africanos? Quem seria os brancos que nela residiam? Como as cores se entrelaçavam na formação da urbe carioca?

O êxodo de várias localidades para a capital ocorreu de forma desordenada. A instalação da corte foi um fator que rompeu com equilíbrio populacional da cidade. Em menos de duas décadas a população duplicou, alcançando 100.000 habitantes em 1822. Após a Independência, esses números continuaram se elevando. No fim do período regencial (1831-1840), já estavam em torno de 135.000 habitantes²⁶.

Ao sediar o corpo burocrático e administrativo, a nobreza instalada na Corte e os demais migrantes da elite rural, ocorreram transformações na cidade do Rio de Janeiro. Foram realizadas diversas obras para atender a essa elite aristocrática que se deslocava em direção à urbe carioca. Construiu-se o Jardim Botânico, a Biblioteca Nacional e o Banco do Brasil. Houve também uma modernização do arsenal da Marinha, além da Missão francesa admitida por D João VI (1767-1826). O pintor francês Jean Baptiste Debret (1768-1848) recebeu por missão retratar essa civilização. As imagens de suas pranchas refletem a sociedade aristocrática e a mão de obra escrava, inseridos nesse contexto de florescimento e de intensas mudanças. O crescimento das áreas de comércio implicou no aumento da mão de obra, a fim de atender a malha urbana crescente.

A Historiadora Leila Algranti, no livro *O Feitor Ausente* cita Florestan que afirma como a raça branca se organizou na antiga colônia como um espelho da estratificação social existente em Portugal na época dos descobrimentos, ou seja, os negros, índios e mestiços vão se estruturar a parte da ordem estamental, formando uma subordem de castas em relação ao núcleo estamental. A dinâmica econômica da região definiu a estrutura, separando entre dois mundos um branco e um negro: o primeiro sobre o *status* de privilégio político e social e com um acesso a cidadania e o segundo regido pelo mundo do trabalho (ponto de alimento a rede de serviços urbanos) e o retrato da exclusão dos indivíduos enquanto cidadão²⁷.

O Rio de Janeiro, capital do Império do Brasil sediava as principais instituições de poder, educação e comércio no século XIX. Na dinâmica da economia agrário-exportadora, detinha o principal porto do país onde era a porta de entrada e saída

²⁶ Ibidem, p.25.

²⁷ ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro**. Petrópolis. Vozes, 1988.

para comunicação com o mundo, exportação e importação de diversos produtos. Podemos caracterizar essa capitalidade como um agente que faz com que a cidade exercesse uma grande capacidade de influência sobre outras regiões²⁸. Ou seja, um impacto magnético, a cidade passa a ser um centro de referência simbólico.

Toda essa importância e características denotam a autonomia frente às outras cidades, incidindo significativamente na vida dos escravos. O comportamento de um escravo urbano (de ganho) entrelaçado às malhas urbanas de trabalho com certa autonomia, induzia a um amplo debate, ocasionando questionamentos sobre a escravidão, além de insatisfação, conduzindo à formas de resistência, como o suicídio. Ao matar-se, o negro e o africano escravizado se mostravam como um agente da sua própria história.

Nessa sociedade carioca destacou-se o espírito de rebeldia política como um traço marcante da urbe carioca.²⁹ Por meio dos embates políticos, setores da sociedade recorriam a essa estratégia para romper com a opressão, chave aos processos de resistência.

As insurreições refletiam os conflitos entre as elites brasileiras e a insatisfação popular, devido à miséria e a crise econômica, mantida por um regime elitista, autoritário e de caráter excludente³⁰. Enquanto a elite se organizava em suas estruturas, para melhor exercer seus domínios, as camadas populares mostravam sua insatisfação de forma desorganizada, refletindo a falta da educação (socialização e treinamento)³¹. A “boa sociedade” traz a ideia de uma separação em mundos que individualizam a sociedade. Dela faziam parte os indivíduos livres, brancos em sua maioria, e economicamente ativos, ou seja, “o povo”. Aqueles que dela destoavam

²⁸Anais do Seminário, **Rio de Janeiro: Capital e Capitalidade**, de 23 a 26 de outubro de 2000 / organizador, André Nunes de Azevedo. Rio de Janeiro: Departamento cultura/NAPE/DEPETEX/SR3/UERJ, 2002. p.45.

²⁹ Segundo o filósofo Gérard Lebrun a política seria uma atividade social que se propõe a garantir pela força, fundada geralmente no direito, a segurança externa e a concórdia interna de uma unidade política particular Lebrun (1981, p. 11, apud Julien Freud, *Qu'est-ce que la Politique?* p. 177).

³⁰ BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Editora: Biblioteca Carioca, 1990.p.24.

³¹ CARVALHO, J. M. 2003. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p. 21.

dessas características constituam a plebe e os escravos dentro da sociedade carioca³².

Nesse sentido, é possível caracterizar a urbe carioca como um polo atrativo gerador de um impacto magnético, ou seja, a cidade passa a ser um centro de referência simbólico. Toda essa importância e característica autonomia frente às outras cidades incidiriam significativamente de seus habitantes e colocaria em uma posição de destaque.

1.2 O africano e o negro: o trabalho e inserção em meio a Urbe carioca

Mesmo com a proibição do tráfico negreiro (1831), o mesmo se manteve e ocorreu resistência em aboli-lo. O aumento do tráfico acompanhou o crescimento da demanda interna e a necessidade de mão de obra dentro da urbe. A importância do Rio de Janeiro enquanto ponto distribuidor de escravos não foi reduzido, principalmente, devido ao não cumprimento efetivo da Lei de 1831³³.

O aumento da população escrava estava ligado ao tráfico ilegal de mão de obra africana. Devido às condições precárias da vida escrava, a reprodução biológica atingiu os menores índices para a manutenção de uma demanda de mão de obra dentro da sociedade escravista fluminense. Na cidade do Rio de Janeiro, o escravismo teve uma composição totalmente diferente da área rural. O africano escravizado foi responsável por uma malha de serviços na cidade e desfrutou de certa autonomia, aonde circulou no espaço urbano, devendo somente prestar aos seus senhores a quantia recebida pelo seu trabalho. Como escravo de ganho, tudo aquilo que obtivesse a mais seria revertido em seu benefício³⁴. Nesse sentido, o controle diminutivo nas cidades deu uma autonomia reivindicativa aos cativos.

Os habitantes livres e brancos geralmente possuíam indivíduos escravizados que trabalhavam nas atividades domésticas e como escravos de ganho. O trabalho era visto como algo degradante ao senhor. Os escravos se tornavam indispensável e

³² MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema**. 5ª edição, São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

³³ ALGRANTI, Leila Mezan. **O Feitor Ausente**: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro. Petrópolis. Vozes, 1988, p. 34

³⁴ Eram escravos que assumiam através do trabalho um papel indispensável no dia-a-dia da cidade e em toda sua organização econômica. Ver: ALGRANTI, Leila Mezan. **O Feitor Ausente**: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro. Petrópolis. Vozes, 1988.

eram os braços que sustentavam também a malha urbana. Eram indispensáveis à cidade, porque o trabalho físico não ser considerado uma ocupação de pessoas brancas³⁵. Na sociedade escravocrata, no Rio de Janeiro, o trabalho manual era visto como algo inerente ao indivíduo negro que detinha uma representação de estrutura corporal voltada para a força física, enquanto que ao homem branco caberia a atividade intelectual.

O temor de insurreições e o medo de atos violentos por parte dos escravos eram comuns durante todo o período de escravidão, atrelados a recente Revolução do Haiti (1771-1804). Especialmente após 1808, quando seu número cresceu desproporcionalmente³⁶. Esse temor à população escrava pode ser visto na seguinte no Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, descrita na matéria: “Colonização europeia e a Escravidão Africana”. O Cincinato ao escrever essa matéria se mostrou a favor do fim da escravidão, denotando um sentimento de temor a uma futura rebelião escrava³⁷.

Só damos valor aos africanos! E que bens nos trazem eles? Ignorância, e implacável ódio. Privados da doce liberdade, que tanto enobrecem o homem, reduzido à humilhante condição de escravo, o africano nenhum amor tem pelo país onde arrasta cadeias; nenhum afeto consagra a quem carrega de pesados ferros, que só com a morte quebraram³⁸.

A partir desse relato, verifica-se que somente a morte quebraria as correntes da escravidão, segundo o autor. O senhor que subjugava, prezava manter seu *status* de senhorio, superioridade. A sua liberdade aumentava por meio da escravização do outro. Já o escravo almejava a sua liberdade por tê-la perdido ou por observar alguém que dela gozasse. Cabe refletir: até que ponto a morte seria uma chave que os libertaria das correntes? Qual tipo de morte essa matéria queria destacar? Seria a morte do senhor um fator de libertação ou a morte escrava?

A fonte abaixo apresenta uma continuidade sobre a matéria escrita por Cincinato, no *Diário do Rio de Janeiro* na qual refletia sobre o a resistência no processo de um suicídio de um negro ou africano escravizado. O autor defendia que o ato suicida, em alguns casos, estava ligado a uma luta entre senhores e escravos.

³⁵SOARES, Luiz Carlos. **O “Povo de CAM” Na Capital do Brasil: A Escravidão Urbana no Rio de Janeiro do Século XIX**, Rio de Janeiro: 7 Letras ,2007, p.130

³⁶ O Cincinato. Colonização europeia e a Escravidão Africana. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 07, janeiro. 1837, p.01.

³⁷ Cincinato: Nome usado pelo colunista para a publicação da matéria: Colonização europeia e a Escravidão Africana.

³⁸O Cincinato. Colonização europeia e a Escravidão Africana. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 07, janeiro. 1837, p.01.

O suicídio seria a última saída. Afinal, inicialmente, haveria a busca de uma vingança contra os senhores por meio de assassinatos, fugas e por último: o suicídio.

Com esta luta entre senhor, que quer ser obedecido, e o escravo que se vê forçado a obedecer, a lavoura padece; os interesses reais do senhor padecem, em resultado padece a nação. Quando se lhe oferece o momento de vingança, o escravo não a perde; repetidas vezes ele assassina o senhor; e quando assim não o procede ele foge, ou se suicida³⁹.

Para obter a liberdade, o escravo possuía três abordagens básicas que eram: a deserção (suicídio), resistência violenta e a alforria⁴⁰. Nesse contexto, o suicídio era última tentativa de busca da liberdade, ele era precedido por inúmeras fugas, caracterizando a resistência por parte do cativo. O suicídio funcionava como um ato de manifestação⁴¹. Nos jornais e nos relatórios da polícia, o suicídio de negros e africanos não possuía uma explicação. A condição de miséria fala por si e apenas uma ideia de um suposto desgosto permeava esse ato⁴². Ao refletirmos, podemos perceber que o escravo não era apenas mais uma vítima da exploração. Ele tinha voz e por meio do ato suicida, ele exercia sua soberania, concretizando assim a sua mortalidade⁴³.

A liberdade é alcançada por meio da resistência. Sendo obtida por causar a morte do outro (senhor) ou por causar a sua própria morte (escravo). Nessa questão, a morte era uma estratégia para fugir na escravidão. Podemos encará-la como uma fuga da vida escrava. Por meio da morte do proprietário, enxergamos um rompimento em uma relação de poder entre o senhor e escravo. A partir desse fato, o escravo mediante a morte torna-se senhor de si mesmo.

1.3 Das Áfricas ao Rio de Janeiro: Vida e Morte dos Africanos

³⁹O Cincinato. Colonização europeia e a Escravidão Africana. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 07, janeiro. 1837, p.01.

⁴⁰KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 398.

⁴¹ FLORENTINO, Manolo; GOES, Roberto. J. **A Paz nas senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico**. Rio de Janeiro, c. 1790-c. 1850. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

⁴²OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2008.

⁴³MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, nº: 32. dezembro, 2016.

O processo de escravização do africano se inicia na África. No processo de embarque ao navio negreiro, o uso das correntes evitava possíveis fugas. A bordo, ocorria uma separação arbitrária nos navios negreiros de homens, mulheres e crianças. Além das misturas de grupos étnicos a fim de evitar rebeliões. A ausência de unidade “étnica” contribuía para debilidade dos africanos⁴⁴. A natureza humana do indivíduo escravizado foi transformada em sombra personificada, gerada a da perda: de seu lar, dos direitos sobre o corpo e do seu status político⁴⁵. Nessas condições precárias, inicia-se uma longa jornada. O encontro com morte ocorria antes de aportar em seu local de destino.

Para realizarmos este debate, analisaremos um relatório da Polícia da Corte, descrevendo a apreensão do um navio negreiro. Em 1834, os policiais realizavam buscas relacionadas a uma denúncia no *patacho Santo Antônio* proveniente do Gabão. Na embarcação encontravam-se 130 africanos. Todos apreendidos ilegalmente, entretanto, somente 126 indivíduos aportaram em terras brasileiras; 4 morreram antes mesmo chegarem ao seu destino.⁴⁶

O inglês Pascoe Grenfell Hill, que era capelão do navio britânico *Cleópatra*, esteve a bordo do navio negreiro *Progresso*, capturado em Moçambique em 1843. Ele descreveu que, após uma forte tempestade, foram encontrados no porão muitos cadáveres esmagados e mutilados pelo balanço do navio. A mortalidade foi de 44% dos 397 negros embarcados, correspondendo a 175 pessoas. No mundo, segundo ele, não se assistiria um espetáculo mais chocante do que os ocorridos em um navio negreiro. Na avaliação de Antônio o espanhol, outro viajante, se os negros estivessem bem acomodados não morreriam⁴⁷.

A partida para o desconhecido marcava essa transição. Sem saber o seu destino, sobrepostos em compartimentos e de forma desconfortável, sem higiene,

⁴⁴FREITAS, Décio. **Palmares: a guerra dos escravos**. Rio de Janeiro: Movimento. 1973.

⁴⁵MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, nº: 32. Dezembro, 2016. O autor traz a ideia de sombra personificada, ao falar sobre a dominação sobre o indivíduo escravizado.

⁴⁶ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça**, IJ 169 – 1834. Rio de Janeiro, 1835.

⁴⁷RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro, 1780-1860**, São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Hill *apud* RODRIGUES, 2000, 1843, p: 48-52).

famintos, assim esses africanos iniciavam a sua jornada. Atravessando o Atlântico, com o seu corpo físico abalado e o seu psicológico desestruturado. A maioria dos africanos não desembarcavam e pereciam a bordo dos navios negreiros. De acordo com Luiz Felipe Alencastro, o desenraizamento do africano iniciava-se quando ele era capturado e retirado do seu meio social de origem. O negro, por ser estrangeiro, transformou-se em escravo devido ao processo desenraizamento, reduzindo-o de uma pessoa à propriedade privada na visão dos senhores⁴⁸. Entretanto, nas Américas, eles construíram formas de humanização. Não nos esqueçamos das irmandades e das famílias escravas como uma forma de interação e inserção desses africanos enquanto indivíduos nessa nova sociedade.

Grande parte dos indivíduos provenientes do tráfico de escravos no Rio de Janeiro eram indivíduos originários do eixo congo-angolano. A urbe carioca era uma das principais importadoras de mão de obra escrava e detentora do principal porto, responsável pela reprodução do escravismo no Sudeste e na região Sul. Os africanos que faleciam no trajeto para América foram o motivo para a escolha da África Central como principal exportadora de mão de obra para a cidade. Existia um enorme risco de mortalidade escrava que se iniciava no momento em os africanos eram capturados. Essa ameaça crescia à medida que o esse indivíduo era transportado para zona portuária. Eles seriam armazenados no barracão, onde aguardariam o trajeto que determinaria seu destino. Geralmente, a mortalidade girava em torno de 40% daqueles que pereciam durante o deslocamento até o litoral, outros 10% ou 20 % morriam antes de serem embarcados⁴⁹.

Ao desembarcarem no porto, os africanos eram depositados em armazéns e passavam por vários processos, a fim de deixá-los atraentes a seus compradores. Eles se encontravam debilitados físico-emocionalmente da viagem. Para vendê-los, os comerciantes de escravos deviam alimentá-los, cuidar de sua saúde física e psicológica. Os procedimentos eram feitos para que ele se apresentasse como um produto interessante aos olhos do comprador. Inicialmente, existia uma preocupação com a estética da escravaria. Raspando os cabelos, as barbas, aplicando sobre eles

⁴⁸ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O Trato dos Viventes. A Formação do Brasil no Atlântico Sul**, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p.144.

⁴⁹MILLER, Joseph C. *Way of Death*, Medison: Wisconsin University Press, 1987. In: FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2000, p.147.

vários cosméticos para que parecessem jovens, os comerciantes atraíam o seu público alvo⁵⁰.

Os cuidados com a saúde e alimentação do cativo eram primordiais para o seu reestabelecimento e obtenção de aparência saudável para o agrado dos consumidores. A possível venda no Valongo, um importante mercado de escravos do país, se concretizava após todo esse processo. Ali estava encruzilhada de seus destinos, onde se determinava: a quem eles serviriam, quais trabalhos fariam e até se viveriam ou morreriam cedo⁵¹.

O cais do Valongo funcionou como um depósito de africanos até que fossem vendidos para negociantes e particulares. As condições higiênicas eram péssimas e a insalubridade era uma marca registrada da região. Uma combinação de febres endêmicas, enterros em massa e doenças infecciosas fizeram parte do cotidiano do Valongo. Os viajantes descreviam a aparência grotesca de africanos esqueléticos, cuja pele adquiria um tom cinza escamoso, com escorbuto, semivestidos com tecidos de algodão coloridos e gorros vermelhos⁵².

A morte era presente no Valongo. Um velho em trajes de padre lia orações pela alma dos mortos, enquanto alguns negros perto dele estavam cobrindo “seus conterrâneos” com um pouco de terra. No meio do cemitério, havia uma “montanha” de terra e cadáveres nus em decomposição parcialmente descobertos pela chuva⁵³. Como não imaginarmos o emocional dos sobreviventes a cenas como essa? Ver seus companheiros em estado de decomposição, sem direito aos ritos fúnebres, sem direito a dignidade que a escravidão roubou desses indivíduos. Os enterros realizados no Valongo denotam quais óbitos importam para a sociedade carioca. A banalização da morte se refletia nos momentos finais. O escravo era importante, enquanto mão de obra, após sua morte, o descaso se refletia por meio do olhar senhorial e aristocrático sobre o *post mortem* desses africanos escravizados.

⁵⁰ RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro, 1780-1860**, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁵¹ KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, P.67.

⁵²KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, P.74.

⁵³KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, P. 77.

1.4 A morte sob perspectiva do olhar banto: a ancestralidade e o mundo espiritual

É importante apresentar os costumes e a cultura congo-angolana a fim de traçarmos um panorama e construirmos uma concepção de como seriam esses africanos e suas relações com a morte. Tal qual como interagiam socialmente na urbe carioca, destacando o cotidiano. Além disso, é relevante a compreensão dos seus ritos e os significados da morte para esses africanos.

Os africanos originários da África Central eram da família linguística banto. Havia ligação com os recém-chegados boçais que mesmo se originando de grupos diferentes, possuíam um ponto de origem comum devido ao mesmo tronco linguístico. Ao analisarmos um relato de John Luccock, pode-se compreender de forma significativa algumas concepções das sociedades do eixo congo-angolano e as perdas e as continuidades da interação entre eles. Diversas etnias compunham esse eixo e foram escravizadas e enviadas ao sudeste brasileiro, podemos destacar: os umbundos, kimbundos, bakongos e kikongos⁵⁴.

Nas regiões habitadas por povos bantos, sobretudo, nos arredores de Congo e Angola, podemos nos deparar com três corpos de crenças: a primeira relacionada aos espíritos da natureza (nas crenças e práticas religiosas ligadas à fertilidade e a natureza), as crenças ligadas aos *Nkadihpemba* (espíritos “demoníacos”) e as crenças associadas aos cultos aos ancestrais (regularmente invocados e cultuados com o objetivo de equilíbrio entre o mundo dos vivos e dos mortos).

Para os bantos, em relação à morte, não existia a separação entre mundo dos vivos e o mundo dos mortos. A morte se fazia presente diariamente por meio do culto à ancestralidade. A partir desse ponto de vista, a vida se tornava uma extensão da morte na África Central. Na cosmogonia, creditada pelos povos bantos, não havia uma separação visível entre o mundo espiritual e mundo terreno. Ou seja, ao morrer acreditavam que alcançariam esse mundo espiritual. Entretanto, isso não excluía uma interação constante desses ancestrais sobre plano material. Os cultos ligados a *Nkadihpemba* estavam fixados no êxito pessoal e na riqueza material. O uso de

⁵⁴ John Luccoc era um viajante francês e estava realizando suas pesquisas na Baía de Guanabara. Ver: SLENES, Robert. W. **A GRANDE GREVE DO CRÂNIO DO TUCUXI**: espíritos das águas centro-africanas e identidades escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro. In: HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p.193

feitiços estava interligado ao objetivo de promoção, prestígio social e força, ou seja, querer se proteger de outros indivíduos ao ponto de prejudicá-los⁵⁵.

Outra crença importante estava ligada aos gênios da natureza. Havia uma forte ligação entre os espíritos da natureza e os habitantes locais. A questão da morte e os elementos ligados à natureza alimentavam as crenças. A água estava ligada aos conjuntos de crenças e ao imaginário religioso. Na concepção dos bantos, as *kiandas*, gênios da natureza que são responsáveis pela água e os cursos d'água, possuíam a responsabilidade de guardar a passagem para outro mundo⁵⁶. Uma das principais passagens para o mundo espiritual ocorria através das águas e superfícies reflexivas. Os bacongos associavam superfícies reflexivas em geral com o *Kalunga*, a linha que separa o mundo dos vivos dos mortos. A água funcionava como uma barreira entre o mundo espiritual e material, representando o invisível e o visível⁵⁷.

Em África, os mortos não morrem nunca, com exceção daqueles que morrem mal⁵⁸. O suicídio seria uma morte considerada má. No livro *O mundo se despedaça* do Chinua Achebe (2009), depois de cometer o suicídio, ninguém tocou no corpo do suicida que teve que ser retirado da árvore (onde tinha se enforcado) pelos brancos⁵⁹. Os provérbios eram muito utilizados pelos angolanos e carregavam toda essa ideia cíclica de vida e morte, pertencendo ao mesmo ciclo de rito de passagem: antepassado – nascimento e vida.

A figueira amadurece os figos de um lado e do outro os deixa cair; os homens de um lado vêem o mundo e de outro morrem (Omukuyuntheletaupi, ntheletaukuku, ovanthunthelevatyitwa, nthelevankhya)⁶⁰.

⁵⁵M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações – Tomo 1 (até o século XVIII)**. São Paulo, Salvador: Casa das Áfricas, Edufba, 2009

⁵⁶ HEYWOOD, Linda. (Org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

⁵⁷M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações – Tomo 1 (até o século XVIII)**. São Paulo, Salvador: Casa das Áfricas, Edufba, 2009.

⁵⁸ Morrer mal: Seriam aqueles que ao morrer romperiam com o padrão esperado de morte. Em África o morrer mal está ligado ao morrer antes da hora. Morrer jovem por acontecimentos inesperados, sem filhos ou pelo ato suicida. Este tipo de morte simboliza má sorte. Ver: RODRIGUES, Cláudia e LOPES, Fábio Henrique. **Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015; PANTOJA, Selma (ed.), **Identidades, Memórias e História em Terras Africanas**, Brasília: Luanda, Nzila, 2006.

⁵⁹ ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009 [1958].

⁶⁰SILVA, Antônio Joaquim. Provérbios em Nyaneka. Lisboa: Serviço de Cáritas Portuguesas, 1989. In: PANTOJA, Selma (ed.), **Identidades, Memórias e História em Terras Africanas**, Brasília: Luanda, Nzila, 2006.

A morte estava ligada a ideia de ascensão à categoria de ancestral. A morte não aniquila o ser, ela é a porta de entrada para o além. Uma entrada para uma nova vida. Aos cristãos ela se remete ao reino dos céus, aos africanos uma passagem segura para o reino ancestral⁶¹. São os antepassados que garantem todo o ciclo vital. Essa corrente indefinida entre a vida e a morte. Eles revivem biologicamente nas crianças e vivem simbolicamente nos anciões, fazendo com que as tradições se tornem vivas. A legitimação do poder político regia a comunidade, isso se fazia mediante a junção harmoniosa entre o mundo invisível (espiritual) e o mundo visível (físico). O africano vivia como um prolongamento dos seus antepassados. E ele só concebia a vida em comunidade. Tendo uma forte ligação social que ultrapassava as fronteiras do mundo dos mortos⁶². O elo da criação e “Deus” estaria presente na força ancestral.

Quem morreu mal, enterra-se mal (*Chyafa, lavi, vachikendalavi*)⁶³. Morrer mal significava falecer fora de contexto, ou seja, jovem, sem filhos ou através de suicídio, rompendo com a harmonia dessa transição entre os dois mundos. Para os bantos esses tipos de mortes são compreendidos como um sinal de má sorte. Para os nagôs, por exemplo, o homem é feito para vida. E seu dever é mantê-la na terra e perpetuá-la no outro mundo. Então, o suicídio significava uma interrupção deste ciclo, desestruturando a harmonia entre esse mundo material e imaterial⁶⁴.

Quando transportamos essa cosmogonia banta para o Brasil oitocentista, percebemos por meio do sincretismo a criação de uma visão de morte diferenciada. O culto aos mortos tinha uma grande relevância na tradição africana, embora não se fizesse ausente na portuguesa. Entre os povos oriundos de Angola, os espíritos ancestrais chegavam a influir na rotina diária, mais que as próprias divindades. Os africanos possuíam elos mais complexos de comunicação com os mortos, como o culto iorubá dos *eguns*. Enquanto a igreja católica tinha uma visão diferente, não de

⁶¹RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

⁶²DA SILVA PEREIRA, Júlio César Medeiros. *À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

⁶³VALENTE, José F. **Seleção de provérbio e advinhas em umbundo**. Lisboa: Junta de investigação ultramarina, 1975, In: PANTOJA. Selma (ed.), *Identidades, Memórias e História em Terras Africanas*, Brasília: Luanda, Nzila, 2006.

⁶⁴ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975, p.123

cultuar os mortos e sim de salvá-los⁶⁵. Com a junção das duas concepções e os empréstimos do cerimonial católico, houve uma cisão entre dois mundos na sociedade brasileira, resultando aos africanos uma divisão ritualística sobre o âmbito público (ritual católico) e o privado (ritual africano).

Tanto na visão africana quanto na católica a forma mais temida de morte era aquelas sem sepultura. Os mortos nesta situação eram considerados os mais temidos. Com esse sincretismo a imagem do suicida se torna cada vez mais depreciada. Na África, esse tipo de morte era associado à má sorte e no Brasil, quando era negado uma sepultura eclesiástica, ou seja, passava pelo crivo das sanções religiosas⁶⁶. Essa interdição possuía função pedagógica, instituída pela Igreja, para que os vivos pudessem assistir aos mortos pagando pelo ato cometido. Era por meio de exemplos que se evitaria que os vivos cometessem tal ato. A morte enquanto experiência, não é uma experiência vivida, mas sentida a partir do outro. A consciência não viveria jamais a experiência da sua morte, mas uma vida inteira como uma figura empírica da morte⁶⁷.

O culto aos ancestrais se tornou um dos pontos-chaves do sincretismo religioso com a religião católica. Isso ocasionaria a formação de uma nova cultura em torno da morte, gerando a junção dos novos e antigos elementos correspondentes. A intercessão entre a religião católica e os cultos religiosos banto se faz presente através do culto aos mortos. Enquanto os africanos ministravam rituais para aplacar a fúria dos ancestrais e gerar boa relação com eles, os católicos rezavam pelas almas no purgatório, realizando inclusive missas para o falecido. Esse sincretismo resultou no ponto de intercessão, gerando uma confusão de conceitos. O papel do intermediário (santos católicos) foi assumido pelo ancestral e, em ambas as cosmogonias, os mortos intercederiam junto a uma força suprema⁶⁸.

A dinâmica do ciclo vida e a morte permeou as relações sociais. A compreensão, a partir do viés cultural, contribuiu para interpretações sobre a morte e

⁶⁵REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3 eds. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.p.90

⁶⁶REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

⁶⁷ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975, p.129

⁶⁸REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1999

o ato de morrer. Quando falamos da morte dos africanos, nós devemos nos fixar em sua estruturação ritualística, nas quais crenças fundamentaram essa passagem para outro plano. Compreender a cosmogonia, as relações dos limites entre o mundo terreno e espiritual contribuíam com subsídios para entender o suicídio. Afinal, como esse ato era visto pelos negros e africanos? Quais as crenças estruturariam essa morte premeditada?

1.5 A morte dos Africanos no Rio de Janeiro (1830 – 1850)

Para falarmos da morte de africanos no Rio de Janeiro, apresentaremos o caso do africano Francisco, da nação Banguela, aos 15 anos de idade. Foi cedido a Vicente Antônio da Costa em 1834. Sua descrição física: rosto comprido, olhos grandes, beijos finos e nariz afilado. Consta em seu processo que faleceu aos 20 anos, aproximadamente, cinco anos após a sua concessão. Em outra situação, destacaremos a história de Madalena, da nação do Congo. A africana possuía rosto redondo, olhos pequenos, beijos grossos e nariz grosso. Cedida à Aureliano Azevedo da Silva Continho no ano de 1835. Ela morreu em 1841, seis anos depois de sua chegada, beirando os 21 anos. Já não se encontrava com Aureliano Azevedo e estava emprestada ao Florentino Corrêa, membro da Secretaria do Estado de negócios estrangeiros. No documento analisado, não constava o motivo da morte aparente⁶⁹.

Ambos morreram jovens, embora fosse possível relacionar africanos e africanas jovens à ideia de longevidade. Quanto mais novos, mais resistentes seriam as atividades propostas. Encontramos diversas concessões de africanos ainda mais jovens, como no caso de Sepião, de Nação Congo de 13 anos, no ano de 1836. Possuindo rosto redondo, olhos pequenos, beijos grossos, nariz chato, cedido ao Sargento Mor José de Vasconcelos Meneres Drummond, morreu em 1841. Estava sob tutela da viúva do Sargento Maria de Vasconcelos Meneres Drummond. Sepião faleceu aos 18 anos. Ainda mais jovem temos: João, 12 anos, da nação Banguela. Possuindo rosto comprido, olhos pequenos, beijos grossos, nariz chato foi cedido a

⁶⁹ ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 467** – 1834 e 1835. Rio de Janeiro, 1834 e 1835.

Rodrigo Fernandes Santorio, no ano de 1835, vindo a falecer em 1844, aos vinte e um anos, apresentando uma maior longevidade, vivendo durante nove anos⁷⁰.

Os africanos importados, considerados livres são concedidos a alguém escolhido pelo Juiz de órfãos. Eles não sobrevivam mais que 25 anos de idade geralmente, conforme verifica-se no caso de Joaquim, da nação do congo de nove anos de idade, com as seguintes características: cara comprida, olhos grandes, nariz chato e traços finos. Sendo cedido a Antônio José da Silva em 1835, vindo a falecer em 1843, aos 17 anos. Vivendo oito anos aproximadamente⁷¹.

No *Jornal do Comércio*, em 1831, nos deparamos com uma descrição precisa da vida e morte dos africanos. O tráfico deixava de ser lucrativo, em alguns casos, devido à perda da mão de obra por meio das doenças e maus tratos infligidos. Uma pergunta pairava no ar: valeria insistir na manutenção de mão de obra escrava para atender às lavouras?

(...) Se calcularmos o custo atual da aquisição do terreno, dos imensos capitais empregados nos escravos, que o devem cultivar, o valor dos instrumentos rurais com que cada um desses escravos devem trabalhar, cada um desses escravos, sustento, vestuário, moléstias reais e afetadas, seu curativo, as mortes numerosas filha do mau tratamento e da desesperação (...) o lucro da lavoura deve ser muito pequeno⁷².

Apesar do prejuízo e da grande mortalidade. Havia um aumento contínuo nas importações. O aumento do tráfico ilegal advinha da necessidade de reposição dos indivíduos, devido às baixas expectativas de vida, segundo o historiador Manolo Florentino. Com as condições precárias de vida, a reprodução biológica atingia os menores índices, reduzindo a mão de obra na sociedade escravista. Além disso, os africanos importados viviam em péssimas condições, marcados por diversas enfermidades infectocontagiosas. Era natural que a sua expectativa de vida fosse bruscamente reduzida, como podemos enxergar nas fontes, a partir da escolha de indivíduos muito jovens pelos traficantes⁷³.

⁷⁰ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 467**. Rio de Janeiro, 1835.

⁷¹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 467**. Rio de Janeiro, 1835.

⁷²**Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 05 fevereiro. 1831, p.01

⁷³FLORENTINO. Manolo. Tráfico Atlântico, **Mercado Colonial e Famílias escravas no Rio de Janeiro, Brasil, c. 1790-c. 1830**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 51, p. 69-119, jul./dez. 2009. Editora UFPR, p.58

Além de doentes e fragilizados, encontramos relatos de maus tratos em fontes policiais. Em um desses relatos, havia uma “negra” encaminhada à Casa de Misericórdia por agressões infligidas pelo seu senhor (José de Araújo) e não somente ela, como também um “crioulo” de apenas cinco anos. Os castigos eram rigorosos e serviam como exemplo. A maior parte dos proprietários de escravos eram absolvidos.

Nota-se que a violência era exercida com rigor a todos. E que esses excessos cometidos, poderiam levar ao ato suicida aqueles que sofriam tal flagelo. São vários os casos de uma vida marcada por agressões, como a história de Maria Joaquina, socorrida na Santa Casa de Misericórdia por ter levado uma dentada em sua boca, infligida por Ananias José Xavier. Através de uma dose de maus tratos diários, a vida dos indivíduos reduzidos a escravos se esvaia em muitos dos casos. Caso não houvesse o cumprimento das proposições de seus senhores, a eles eram infligidos castigos físicos e morais. Alguns casos, o suicídio se deve ao medo dos castigos. O temor às penalidades e a opção pela fuga, por meio do mecanismo da morte, funcionava como escape de um sistema social, marcado por imposições difíceis no cotidiano.

Ocorriam reações a essa violência. No Rio de Janeiro, eram presos escravos que reagiam contra essa situação. O caso de João da Nação inhambane, por exemplo, fora preso pela tentativa de assassinato ao seu senhor Jorge Dojé no ano 1838⁷⁴. Um relato que expressa resistência à escravidão é a história do suicídio do negro Antônio, escravo de D. Augusta de Avelar. Sendo levado a praticar o ato suicida por desgosto, pelos castigos infligidos após suas tentativas de envenenamento aos senhores da casa grande a aos animais⁷⁵. Em alguns casos, o suicídio é um dos últimos recursos. A não adequação a condição de escravo, se reflete através das tentativas de assassinato aos senhores, incidindo sobre a opção por um ato extremo, seja a partir da morte do seu senhor, seja da sua própria na condição de escravo.

Era comum proceder-se corpo de delito em escravos que sofreram severas agressões. Como o caso de Manuel, escravo de Manuel José Duarte, que se encontrava com ferimentos graves e profundas contusões, geradas por castigos

⁷⁴ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 186**. Rio de Janeiro, 1838.

⁷⁵MACHADO, Humberto F. **Escravos, senhores e café**. Niterói: Cromos, 1993.

físicos aplicados por seu senhor⁷⁶. Percebe-se que ocorrem diversos tipos de castigos. Os requintes de crueldade variavam, como no caso do escravo de João Francisco Veloso⁷⁷ que tendo sofrido vários açoites, já se encontrava com as nádegas em carne viva. Os novos africanos fugiam por causa do adestramento que ocorria durante o período de aclimatação, quando homens e mulheres livres eram transformados em servos obedientes⁷⁸.

As fugas, após o processo da aclimatação, eram passíveis dos mais terríveis castigos. Entre os relatos de suicídio, encontramos a história de Pulquéria, sua proprietária era dona Leocádia Maria dos Anjos, achando-se presa em um paiol-depósito de farinha, tentou arrombar a porta para fugir. Não conseguindo e temendo ser castigada, cortou a garganta com uma faca⁷⁹. A escravização era capaz de matar e adoecer ao longo prazo. O fator predominante para o suicídio seria os maus-tratos da vida cotidiana⁸⁰. O ato suicida era um recurso de fuga para negro de regime social que o oprimia. Alguns relatos traziam à tona essa visão. De acordo com o historiador João Antonil, se fossem apanhados poderia ser que se matem a si mesmos antes que o senhor chegue a açoitá-los, ou que algum parente seu tome a sua conta a vingança, ou com feitiço ou com veneno⁸¹. Em alguns casos, morrer era tido como algo libertador. A liberdade nunca alcançada em vida era obtida mediante a morte.

A escravidão tinha por consequência uma morte interior, os problemas mentais e alienação que se faziam presentes, como o caso da escrava Rosa⁸². Remetida pela polícia ao hospital da misericórdia por encontrar-se alienada. As dores da alma se faziam tão presentes, como a fissuras expostas dos castigos físicos em

⁷⁶ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 191**. Rio de Janeiro, 1839.

⁷⁷ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

⁷⁸KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.403.

⁷⁹GOULART, José Alípio. **Da fuga ao suicídio — Aspectos de rebeldia nos escravos do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista/Instituto Nacional do Livro, 1972.

⁸⁰ MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

⁸¹ ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Introdução e notas de André e Mansuy Diniz Silva. São Paulo: USP, 2007, P.103.

⁸²ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 204**. Rio de Janeiro, 1845.

seus corpos. Rosa não era exceção. Em alguns desses relatos, encontramos na mesma situação, o escravo José Pereira. Encaminhado pela polícia a Santa Casa da Misericórdia⁸³. A insanidade se fazia comum nos relatórios policiais, principalmente em escravos. Muitos dos casos de alienação mental podem ter sido fruto das condições de cativeiro⁸⁴.

O processo de aclimatização⁸⁵ era extremamente doloroso, os recém-chegados, através de castigos, violência e trabalho excessivo são doutrinados a submissão ao senhor. Para justificar a violência, os defensores do sistema escravocrata usavam estereótipos. O negro era considerado um ser inferior, fazendo parte de uma sub-raça intermediária entre os homens e animais e só trabalhariam sobre severa vigilância⁸⁶. Muitas vezes, essa violência se excedia e acabava em assassinato, uma das costumeiras realidades da escravidão. Alguns castigos levavam a um encurtamento da vida drasticamente.

Os castigos eram rigorosos e serviam de exemplo. Mesmos aqueles considerados excessivos ou que acarretavam na morte do escravo possuíam o respaldo judicial. Podemos citar uma fonte da polícia da Corte em que consta o relatório de assassinato cometido por Alexandre José Coelho⁸⁷. Ele matou seu escravo, lançando-o no mar, sendo absolvido pelo júri, entretanto por achar injusta a sentença, o Juiz da Primeira Vara de crime apelou novamente. As leis não zelavam pela proteção do africano, em condição de escravidão. Não se condenavam os senhores na maioria das sentenças. A legislação apenas buscava evitar o prejuízo do senhor, pois se o africano morresse em decorrência dos castigos físicos, o senhor perderia seu capital imobilizado. A preocupação não era em garantir a integridade física do escravo e sim a propriedade privada⁸⁸.

⁸³ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 204**. Rio de Janeiro, 1845.

⁸⁴FERREIRA, Jackson. **Por hoje acaba a lida: suicídio escravo na Bahia (1850- 1888)**. Afro-Ásia, nº31, 2004, P.210

⁸⁵ Processo de aclimatização é o processo de adaptação do africano a vida escrava. Ver: KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁸⁶MACHADO, Humberto F. **Escravos, senhores e café**. Niterói: Cromos, 1993

⁸⁷ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 204**. Rio de Janeiro, 1845. - Secretária de Polícia da corte emite um relatório sobre um assassinato de um proprietário ao seu escravo, com uma apelação de sentença.

⁸⁸MACHADO, Humberto. F. **Escravos, senhores e café**. Niterói: Cromos, 1993.

Nem os forros escapavam da exacerbada violência. Em um relatório emitido pelo Juiz de Paz do Engenho Novo. Havia um preto forro que foi encontrado ferido e, devido aos espancamentos que sofreu, faleceu⁸⁹. Os atos violentos tinham por consequência o assassinato. No relatório da polícia da corte, constava a prisão de um determinado homem por assassinar o escravo Bernadino de Manuel Fernandes Correia com açoites⁹⁰. A agressão não partirá do proprietário. O escravo morreu em decorrência às severas feridas. Outro caso de crueldade que constava nos relatórios foi de uma mulher negra, que aparecerá com a cabeça toda fraturada, na chácara do Conde de Lajes⁹¹. A política de crueldade e os abusos cometidos tendiam a não se distinguir dentro de uma sociedade escravista. E por meio da banalidade da morte, relacionavam-se o terror e uma política da morte, alicerçada sobre a valorização da vida de alguns indivíduos em detrimento de outros⁹².

Na tabela abaixo, podemos encontrar os casos de afogamentos, de acordo com dados recolhidos nos relatórios da polícia da corte. Entre 1834 e 1839, encontramos discriminados: data, nome, sexo, região e os dados relativos à morte. Os indivíduos escolhidos para esta análise são negros e africanos. A informação limitada sobre essas mortes se faz presente ao longo da tabela.

Tabela 1 - Afogamentos descritos nos relatórios da polícia da Corte entre os anos 1834-1839⁹³. Dados relativos a Negros e Africanos.

⁸⁹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 166**. Rio de Janeiro, 1833.

⁹⁰ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

⁹¹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

⁹²MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

⁹³Amostragem retirada dos Relatórios da polícia da Corte (Arquivo Nacional) entre 1834 a 1839. Foram separados 27 casos de supostos afogamentos.

Afogamentos				
Data	Nome	Sexo	Região	Dados sobre a morte
21/10/1834	sem nome	Homem	Não informada	Afogamento em poço
19/10/1836	sem nome	Homem	Praia Formosa	Foi encontrado na praia-Afogamento
29/12/1836	sem nome	Mulher	Praia Vermelha	Afogamento
12/01/1837	sem nome	Mulher	Praia de Santa Luzia	Encontrada em um Baú (provável assassinato)
26/01/1837	sem nome	Homem	Rua Do Saco	Afogou-se no poço-Forro
15/02/1837	sem nome	Homem	Praia Formosa	Morreu afogado
31/05/1837	sem nome	Homem	Não informada	Morreu afogado
09/01/1838	Bernardo	Homem	Não informada	Morreu afogado ao tomar um banho
23/01/1838	sem nome	Homem	Mangue do aterrado	Morreu afogado
23-01-1838	sem nome	Homem	Praia do Boqueirão	Morreu afogado
07/02/1838	sem nome	Homem	Praia da Gamboa	Morreu afogado
21/03/1838	sem nome	Mulher	Ponta do Cajú	Morreu afogado
27/03/1838	sem nome	Homem	Praia da Gamboa	Morreu afogado
16/05/1838	sem nome	Mulher	Praia	Morreu afogado
16/05/1838	sem nome	Homem	Praia Vermelha	Morreu afogado
30/05/1838	sem nome	Homem	Praia do Cajú	Morreu afogado
30/05/1838	sem nome	Homem	Praia S. Cristovão	Morreu afogado
06/06/1838	sem nome	Homem	Praia S. Cristovão	Morreu afogado
20/06/1838	sem nome	Homem	Praia S. Cristovão	Morreu afogado
20/06/1838	sem nome	Homem	Praia S. Cristovão	Morreu afogado
02/10/1838	sem nome	Homem	Praia Vermelha	Morreu afogado
17/12/1838	sem nome	Mulher	Praia da mineira	Morreu afogado
09/01/1839	sem nome	Homem	Praia do Cajú	Morreu afogado
09/01/1839	sem nome	Mulher	Praia do Cajú	Morreu afogado
23/04/1839	sem nome	Mulher	Praia S. Cristovão	Morreu afogado
23/04/1839	sem nome	Mulher	Praia S. Cristovão	Morreu afogado

Fonte: Arquivo Nacional- Série Justiça. (1834-1839).

Sobre esses dados repousava um o silêncio relativo à morte de negros e africanos. Foram registrados vários casos de afogamentos de negros (nascidos no Brasil) e africanos em relatórios policiais. Entretanto temos poucas informações sobre as investigações, inclusive sobre a vítima que remetessem a sua identificação.

Somente em um dos vinte e sete casos um indivíduo foi identificado. Em segundo lugar, não existia uma investigação prévia sobre qualquer um dos casos, nem suposição sobre o motivo aparente da morte. Em alguns casos, podemos inferir serem suicídios, em outros assassinatos, como o descrito na história do baú na Praia de Santa Luzia.

Eram múltiplas as formas de matar, em todas elas, a crueldade se fazia presente. No dia 12 de janeiro de 1837, encontrou-se um baú na praia de Santa Luzia, próxima a Igreja de mesmo nome, no centro do Rio de Janeiro. Essa praia estava localizada em uma área remota e isolada do Rio de Janeiro, por ser separada da área mais central da cidade, pelo antigo Morro do Castelo. A polícia foi acionada e dentro desse baú, o conteúdo era assustador, nele continha uma escrava morta⁹⁴. Ao analisarmos a fonte, supõem-se o assassinato. O baú foi desovado em uma área inóspita, denotando uma tentativa de ocultar seu conteúdo.

A morte escrava se fazia presente nos relatórios policiais e era expressão de uma sociedade escravocrata. Supõe-se que alguns desses, descritos como supostos afogamentos eram assassinatos. O caso desta mulher negra encontrava no baú, exemplificava essa afirmação. Nos outros casos, poderíamos supor prováveis suicídios. Entretanto, na situação descrita, o homicídio era evidente. O silêncio dessas fontes que retratam os afogamentos de negros e africanos se faz brutalmente evidente

Vários relatórios informavam o aparecimento de corpos próximos à orla, como o caso de um negro, encontrado junto a uma pedra na Urca, abaixo da fortaleza da praia vermelha⁹⁵. A praia vermelha era um local comum de se encontrar cadáveres de negros arrojados pelo mar. Em um dos relatos, uma criança negra foi encontrada na prainha, a polícia realizou o corpo de delito⁹⁶. Relativo às ocorrências registradas nos relatórios policiais, na maioria dos casos, existe uma diferença, nesta podemos destacar, a tentativa de ocultamento do cadáver. O limite entre a vida e a morte se fazia presente em uma linha tênue, que denotava claramente o papel do negro e do africano em uma sociedade escravista. No fim, tornavam-se descartáveis, à medida

⁹⁴ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1837.

⁹⁵ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1838.

⁹⁶ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 187**. Rio de Janeiro, 1838.

que perdiam sua função, enquanto mão de obra, transformando-se em um objeto sem uso dentro de um velho baú.

As fontes não apresentavam detalhes sobre os casos relativos a essas mortes. Esse silenciamento se fazia presente, no qual a informação sobre o indivíduo se encontrava ausente. Inclusive, podemos nos deparar com esses casos nos relatórios da polícia. Em um dos relatórios, no ano de 1834, afirmava que proceder ao corpo de delito, no cadáver de um escravo que morreu afogado em um poço, explicitando esse silêncio cotidiano⁹⁷.

Não se faz explícito a motivação do escravo para o ato suicida, o que o levou até o poço? Se ele se lançara voluntariamente, ou até mesmo se o empurraram com a intenção de assassina-lo? Sobre essas fontes, repousam os véus que recobrem as informações relativas essas mortes. O que essa fonte, do escravo que apareceu afogado em um poço, tem em comum com o caso do possível assassinato e o corpo encontrado no baú? Apenas o corpo delito, informando uma morte por afogamento, sem uma identificação dos indivíduos encontrados mortos, ou seja, sem uma investigação mais detalhada sobre esses casos descritos. A morte desses indivíduos não tem uma relevância. Não existe uma necessidade para que a sociedade evoque uma resposta sobre o que as ocasionou. Seria uma morte por assassinato (no caso do corpo no baú)? Um suicídio (no caso do corpo no poço) ou até um acidente? Nunca decifraremos ao certo, são óbitos que fazem parte de um mecanismo político que visa invisibilizar e justificar essas mortes⁹⁸.

Sobre os castigos físicos, percebe-se que as punições possuíam um caráter profundamente hediondo. Temos o caso da escrava Bernarda, oriunda da nação Manjolo, propriedade de Antônio Lopes da Silva. Foi queimada viva, tendo falecido em decorrência de suas graves queimaduras⁹⁹. Um relato marcado pela crueldade e o limite entre propriedade privada e a vida do indivíduo. Eram queimaduras, e não só elas, os castigos físicos eram algo do cotidiano e o corpo delito uma prova da

⁹⁷ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 169**. Rio de Janeiro, 1834.

⁹⁸Políticas da morte. A questão da necropolítica. Ver: MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

⁹⁹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

severidade dos mesmos. Como no caso do André Moçambique que tinha por dono Joaquim Ruiz e apresentava inúmeras incisões e contusões¹⁰⁰.

Em muitos casos, o escravo reagia por meio de denúncia. Eram encaminhados em condições deploráveis a polícia até mesmo o boçal, apesar de não apresentar uma fluência do português, a sua maneira relatava o ocorrido. Os africanos recém-chegados eram considerados rudes e muito fechados¹⁰¹. Os crioulos, ou seja, os considerados ladinos possuíam maior facilidade em sair de situações. Utilizavam-se da língua portuguesa e do seu conhecimento cotidiano para sair das situações de agressão. Já os boçais, ao seu jeito emanavam um grito de socorro, uma tentativa de evitar os maus tratos e a morte pelos excessos de violência. Manuel foi encontrado na rua, estava coberto de ferimentos, encaminhado por pessoas que o notaram apoiado junto a um portão. Na delegacia, procuraram um interprete a fim de recolher seu depoimento, o mesmo alegava se chamar Manuel da nação benguela. Ele fez uma denúncia formal contra seu senhor chamado Bento. Manuel Benguela afirmava que o seu estado se devia aos excessivos castigos infligidos contra ele¹⁰².

As senhoras de escravo cometiam também atos de violência. Nos relatórios de Polícia, encontramos a agressão e o assassinato praticado por Francisca Carlota de Souza. Ela assassinou sua escrava com pancadas. Apesar da situação de invisibilidade jurídica dos escravos, na maioria dos casos, contra Francisca, havia cinco testemunhas que a incriminavam: seus escravos que foram levados ao calabouço e testemunharam contra o crime cometido por sua senhora, sendo peças fundamentais na prisão de sua proprietária¹⁰³.

Em alguns casos, os indivíduos escravizados reagiam não só com palavras e denúncias aos maus tratos. Dionísio, escravo de Feliciano da Costa Pinheiro, assassinou seu feitor com uma enxada na cabeça e fugiu sem deixar rastros. O ato de resistir estava ligado à ideia de fuga em muitos casos. Outra história intrigante, se refere a escrava fugida de um inglês, em um dos relatórios, lhe roubou antes de se

¹⁰⁰ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

¹⁰¹ ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Introdução e notas de André e Mansuy Diniz Silva. São Paulo: USP, 2007. Descrição de escravos boçais.

¹⁰²ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1837. - Depoimento de Manuel da Nação Beguella.

¹⁰³ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 166**. Rio de Janeiro, 1833.

evadir as roupas. Demonstrando uma forma de resistir, ligada ao prejuízo financeiro, ela teve seus planos frustrados e foi apreendida pela polícia¹⁰⁴. A não aceitação da condição de escravidão imposta se fazia presente em muitos relatos, o ato de resistir marcava essas histórias.

Estes tipos de reações se apresentavam constantemente nos relatórios. Miguel Rebollo, por exemplo, foi preso por ofender um homem branco com diversos insultos. Ele foi punido pela polícia com açoites e devolvido ao seu senhor. Esses casos demonstram que devemos romper com o discurso de passividade do negro diante do cotidiano marcado pela violência.¹⁰⁵ As ofensas e agressões físicas faziam parte da retribuição, em alguns casos, ao cruel tratamento dado aos africanos e negros escravizados. Como formas de romper esse sistema escravista, encontramos: a fuga, o suicídio, as revoltas, os assassinatos aos senhores e o fazer corpo mole ao executar suas tarefas entre outros¹⁰⁶. A escravização não era algo aceito de forma pacífica pelo indivíduo.

A resistência ocorria de inúmeras formas. Quando a Polícia do Rio de Janeiro promoveu uma incursão no quilombo, não nomeado na fonte analisada, onde os negros fugidos foram apreendidos, além dos assassinatos de homens que tentaram resistir. O processo de repressão não era recebido de forma passiva. A liberdade encontrava-se longe ao alcance de muitos e foi regada com o sangue daqueles que se negavam a abrir mão dela¹⁰⁷. Se existiram fugitivos e quilombolas era porque existiam homens sobre o julgo da escravidão e exploração. Nesse sentido, a resistência dos quilombolas deve ser explicada pela negação dos mesmos ao sistema do cativo¹⁰⁸.

Quanto aos castigos infligidos, não havia uma preocupação com as consequências e nem com a evolução dos ferimentos. Muitas vezes, traziam a febre

¹⁰⁴ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 166**. Rio de Janeiro, 1833.

¹⁰⁵ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1837.

¹⁰⁶GOMES. Flávio dos Santos. **História de quilombolas: Moçambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁰⁷ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 166**. Rio de Janeiro, 1833.

¹⁰⁸GOMES. Flávio dos Santos. **História de quilombolas: Moçambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

e mazelas ao escravo, levando a graves infecções e inflamações. Em relato de um corpo de delito, procedido em Graciano Mina, mostrava as intensas inflamações, causadas pelo açoite¹⁰⁹.

Em alguns registros, nos deparamos com os perigos do cotidiano e a violência que marcavam os relatórios policiais. Encontramos o caso relativo à morte do escravo, Francisco, propriedade de Rodolfo. Ele sofreu ferimentos a faca, foi assaltado e não resistiu violência, indo a óbito. Provavelmente, levava algo de valor de seu senhor. Este tipo de serviço poderia matar pelos excessos, como o caso de um negro de ganho, a fonte ignora o nome. Ele conduzia uma pesada porção de ferro, apoiado em suas costas na altura do pescoço, devido ao peso da carga caiu no campo de Santana, deslocando o seu pescoço e o levando a morrendo no local.

Sobre o escravo de ganho, podemos ver um contraste diferenciado da escravidão, em um meio urbano em oposição ao rural¹¹⁰. Os tipos de moradia eram diferenciados, devido a certa autonomia possuíam em detrimento de outros escravos. Esses escravos, só deveriam encontrar com seu senhor para lhes ofertar o lucro do dia de trabalho e não mantinham necessariamente o vínculo de morar debaixo do mesmo teto. No caso de Rodolfo, que foi assaltado, era possível que o mesmo estivesse levando os ganhos do dia ao seu senhor e por isso sofreu o assalto¹¹¹. O escravo de ganho possuía uma autonomia maior que os pertencentes à área rural, entretanto não significa que a vida era mais fácil com relação ao trabalho, como o caso do nosso escravo de ganho que morreu devido à excessiva exploração. Ele não suportou o peso dos ferros que levava para o seu senhor e morreu com a queda e a torção do pescoço¹¹².

Era muito comum devido às condições de vida difíceis, o africano ou o negro escravizado ir a óbito por doença. Como podemos ver, em um dos casos relatados no relatório policial, em 1836. Uma negra forra andava muito doente, e sem tratamento vagava pelas ruas a mendigar. Sem os cuidados necessários e sofrendo com má

¹⁰⁹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1837.

¹¹⁰KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹¹¹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1837.

¹¹²ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

alimentação, veio a falecer ao pé da Igreja do Carmo onde costumava mendigar¹¹³. Eram comuns mortes repentinas. Uma crioula morreu repentinamente, quando cedida ao arsenal da marinha. Essas mortes, enquadradas como repentinas, talvez estivessem ligadas à exploração e subvida imposta aos escravos¹¹⁴. Os serviços que envolviam o esforço físico em intuições públicas se destinavam aos escravos que nela estavam inseridos¹¹⁵. Não podemos deixar de relacionar sua morte ao cotidiano de trabalho forçado e violência, inclusive, dentro do Arsenal da Marinha.

O óbito era um fator tão rotineiro aos escravos, que mesmo com sua carta de liberdade em mãos, devido às condições de vida e à falta de oportunidade, a história desses indivíduos, não se fazia muito diferente: o frio, a fome, a falta de oportunidades era constante em suas vidas. Com uma alimentação mínima e precária, um vestuário inexistente, principalmente, durante o inverno. Homens e mulheres se vestiam com apenas avental de tecido azul listrado. Às vezes, as mulheres adultas recebiam um pano para cobrir os seios expostos¹¹⁶. Sobre uma esteira e sobre o tempo, foi encontrado um negro morto, segurando sua carta de alforria. Ele estava abraçado a ela, como se sua curta vida dependesse disso. Ao realizar o corpo delito, foi informado que morreu de uma enfermidade: sem uma boa alimentação, sobre as intempéries e sem qualquer tratamento de saúde, ele partiu desse mundo, segurando seu passaporte para a liberdade, pois seu corpo padeceu antes da contemplação da mesma¹¹⁷.

A vida e a morte estavam intimamente ligadas e entrelaçavam as relações sociais que permeavam o cotidiano de negros e africanos escravizados. Alicerçada sobre uma sociedade senhorial, mostrava que a morte dos indivíduos escravizados, faziam parte de uma rotina estruturada sobre as políticas referentes às mortes. O descaso relativo ao óbito de negros e africanos escravizados era justificável, após a sua morte perdiam seu valor enquanto instrumentos de trabalho. A banalidade

¹¹³ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

¹¹⁴ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

¹¹⁵MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **Africanos Livres- A abolição do tráfico de escravos no Brasil**, São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

¹¹⁶KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹¹⁷Arquivo Nacional: **Série Justiça, IJ 173 – 1836** ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte.

atravessava essas mortes e intimamente trazia o pior da natureza humana: a justificação de uma morte em detrimento de outras¹¹⁸.

¹¹⁸MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

2 NO *KALUNGA* DO ESQUECIMENTO: A HISTÓRIA DOS SUICIDAS NEGROS E AFRICANOS.

O termo *Kalunga* possuía dois significados em Angola: além-túmulo (eternidade) e mar¹¹⁹. A morte era comparada a uma grande travessia para eternidade. Os bantos acreditavam que a água é um ponto de ligação entre os dois mundos, o material e o mundo espiritual. Nossa missão, neste trabalho, é contribuir para historiografia, a partir dos relatos desses homens e mulheres que foram silenciados e estão às margens da literatura. Aos muitos negros e africanos que atravessaram para o além-túmulo sob o véu do esquecimento.

Nos relatórios e nos veículos de imprensa, não constava o nome do indivíduo, somente a sua cor. Na sua maioria, nos deparávamos com o termo negro ou preto, usado como forma de nomear o africano ou seus descendentes que cometem suicídio.

Ao estabelecer o referencial ao africano e o seu descendente apenas como “negro”, conforme verifica-se na documentação oficial e nos jornais, ocorre uma negligência, desconsiderando sua biografia, sua identidade, valorizando apenas sua condição como escravo. Ser classificado como negro, na fonte acima era: não ter uma vida, um nome, não ter uma investigação sobre sua morte e nem sequer um motivo para o ato suicida. E se tornar invisível e perecer no grande *Kalunga* do esquecimento, silenciando assim as suas trajetórias.

A proposta deste capítulo é trabalhar o suicídio negro e africano, analisando suas nuances e trazendo à tona os regulamentos que regem o ato suicida: motivação, imagem no âmbito social e as influências vigentes. Além de desmitificar o suicida negro e africano escravizado, retirando-os do papel de vítima, delegando a eles o papel de agentes da própria história. Utilizaremos dois tipos de fontes: os jornais do *Comércio* e o *Diário do Rio de Janeiro*, em conjunto dos relatórios da polícia. O jornal é uma fonte de grande impacto, devido a sua ampla circulação nos meios sociais. A sua utilização, nos norteará sobre a visão construída em torno do suicida negro. Possuindo o poder de influenciar grandes parcelas da população.

Os relatórios da polícia, nos serão importantes, a fim de se construir uma análise paralela, em conjunto com os jornais. Trabalharemos essas questões através de uma comparação entre as documentações. Essa proposta visa interligar as fontes

¹¹⁹<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/calunga>

com estruturas diferentes de construção, com o objetivo de compreendermos quem é esse suicida? E que visão a sociedade construiu em torno do mesmo? E como conseguimos ouvir a sua voz através do ato suicida?

2.1 A grande manchete: o suicida em preto e branco

Na notícia abaixo, publicada pelo *Jornal do Comércio*, conheceremos a História de Francisco. Raramente nos deparamos com maiores informações sobre a vida dos indivíduos escravizados nos jornais. Nessa publicação, existe uma trama em torno da sua tentativa de suicídio e as sucessivas fugas. Na última, ele obtém sucesso, a notícia veiculada pelo noticiário seria relativa à tentativa de recuperação, por meio de um anúncio, do escravo pelo Barão de Sabará.

Fugiram ao barão de Sabará em dias de julho deste ano, da sua fazenda da Boa Vista do Rio Abaixo, termo da cidade de Sabará, os seguintes escravos: Francisco, pardo escuro, de 21 anos de idade, pouco mais ou menos, ponta de barba, bem feito de corpo, excetuando os pés, estatura regular, tem uma cicatriz no queixo e debaixo outra ao pescoço de cortadura que fez querendo suicida-se: é bom oficial de sapateiro: dá se por forro com nome suposto, consta que anda com passaporte passado em Cocais, no qual o dão por guarda nacional. Foi preso em princípios do corrente mês de outubro junto à fazenda do padre Corrêa perto do Rio de Janeiro, sendo conduzido algemado tornou a fugir. É de presumir que esteja na corte trabalhando pelo ofício, ou se tenha ido oferecer voluntário para algum corpo de linha ou embarcação de guerra, quando não preferisse algum mercante¹²⁰.

No relato anterior, a fuga nos traz algumas questões instigantes. Primeiramente, ela está atrelada ao fluxo de trabalho, que na cidade do Rio de Janeiro se fazia essencial, enquanto polo atrativo e capital do império. Francisco foge, atraído pelas oportunidades que a urbe carioca oferece. Além de um ato de resistência, sua fuga simboliza um recomeço. Ele tem profissão é um sapateiro. Podemos encarar essa fuga, como uma troca entre: a cidade e Francisco. A urbe, pela sua carência de mão de obra, necessitava de trabalhadores, mediante ao seu crescimento. Nosso personagem, enquanto escravo, na cidade tem acesso a esse fluxo de trabalho e se passa por liberto, atendendo a essa demanda de serviços a ele solicitados. O trabalho fazia parte apenas do mundo negro, era algo humilhante para os homens livres. Os negros eram os braços que sustentavam a malha urbana.

¹²⁰. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 11 FEV.1845. P.04

Em segundo lugar, essa não era a primeira tentativa de fuga. Ele fugira inúmeras vezes de seu senhor e foi pego. Por diversas vezes, ele resistiu continuamente à escravidão imposta socialmente. Ele falsificou documentos e fugiu da prisão. Sua inaugural tentativa para a liberdade foi à morte. Ele tentou se suicidar antes de realizar a sua fuga para liberdade. Em sua primeira opção de alcançar a liberdade, ele optou pelo ato suicida, tentando cortar seu pescoço, carregando essa marca, sinal que o revelava um escravo fugitivo e ex-suicida. Porque o suicídio foi sua primeira opção? Foi um ato de fuga e desespero ou resistência à escravidão? O que motivou nunca saberemos ao certo. O que torna essa história interessante foi que o indivíduo desistira da morte voluntária e apostou na fuga. Ele queria a liberdade a qualquer custo. Tentará todos os tipos de fugas: uma fuga psicológica (através do ato suicida) e posteriormente uma fuga física. A fuga e o suicídio funcionam como um mecanismo de resistência. Portanto, a liberdade pode ser atingida através de diversos caminhos: seja vivendo e fugindo, seja morrendo para alguns indivíduos, através de uma fuga do plano material.

O ato da fuga poderia ser um ato de negação às imposições culturais da sociedade vigente e a própria escravidão. Podemos incorporar na questão da resistência a ideia de uma força de oposição. Evadir-se é um ato de resistência latente: as dominações culturais, imposições sociais e a privação da liberdade do indivíduo escravizado. Só havia fugitivos e quilombolas porque existiam homens escravizados sob a exploração do trabalho. Nesse sentido, a resistência dos quilombolas era tão somente explicada na negação dos mesmos ao sistema do cativeiro¹²¹. Eles não estavam mergulhados na passividade e sobre o domínio dos senhores eram sujeitos a possuírem lógicas próprias, forjadas em experiências sociais concretas.

Quando analisamos as altas taxas de suicídios entre escravos, nos relatórios policiais, temos a percepção que nos jornais, eles eram à maioria. Existe uma relação direta entre o quantitativo de suicidas e a escravidão. Em alguns casos, o suicídio além de ser uma abreviação dos sofrimentos físicos e morais, era uma forma de vingança contra o senhor¹²². Ou seja, o autocídio funcionaria como uma forma de vingar-se resultando em prejuízo financeiro ao senhor. *O ato suicida possuía assim uma conotação de vingança, assim como de fuga dos problemas; "Ao mesmo tempo,*

¹²¹GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas: Moçambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p.24.

¹²²GOULART, José Alípio. **Da fuga ao suicídio — Aspectos de rebeldia nos escravos do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista/Instituto Nacional do Livro, 1972

esta fuga ao sofrimento abalava a propriedade do senhor¹²³. Conclui-se, que há uma forte resistência ao sistema, através do ato suicida, refletindo-se na não aceitação das leis que condicionam o indivíduo a posição de escravidão. Matar-se é afirmar um pertencimento a si de certa forma. É rompimento com as amarras da escravidão e ao mesmo tempo ser uma vítima dela. É mostrar que a morte é um direito pleno a todos¹²⁴. Em suas breves reflexões sobre o suicídio Francisco Bernadino afirma que:

(...) O suicídio quer dizer: morte voluntária própria. O que é, pois um suicida? É um homem covarde e pusilânime, inimigo de seu Deus, da sua pátria, de si mesmo, que não tem valor de vencer a fortuna adversa, é um sanguinário, um monstro, um assassino excretável, o horror da humanidade¹²⁵.

No relato acima, é possível ter a percepção sobre a possibilidade de ação relacionada ao próprio corpo. A existência daqueles que ousam romper com tais códigos de comportamento, sobre a morte resulta na taxação desses indivíduos como: doentes, loucos, desequilibrados, covardes e frustrados¹²⁶. O suicida, nada mais é que: alguém que merece um castigo da sociedade, por tirar a vida que pertence a ele próprio. E mesmo que ainda se possa salvá-lo, ele sofrerá um abandono pelos demais. Enfatizando a seguinte lição, aqueles que não seguem a autopreservação, devem morrer a sós. As ofensas a ele proferidas após a morte, nada mais são que um discurso de uma sociedade extremamente reguladora, que controla e rege o ser humano a tal ponto que a sua vida deixa de pertencê-lo. Esse ataque possui um tom de ameaça e uma função pedagógica, lembrando a todos aqueles que tentam romper com o contrato de autopreservação social através da desmoralização do suicida.

O processo de criminalização do ato suicida era muito comum em algumas sociedades. O ato de criminalizar, se fazia amparado pelas leis. No Brasil, a prisão de suicida tinha uma função diferente. O objetivo era conter o indivíduo, a fim de preservá-lo a vida. Encontramos no *Jornal do Comércio*, dois casos distintos, onde encontravam-se descritas as prisões de um negro e um africano por atentar contra a própria vida.

¹²³MACHADO, Humberto F. **Escravos, senhores e café**. Niterói: Cromos, 1993, p.80.

¹²⁴MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, nº: 32. Dezembro, 2016

¹²⁵Francisco Bernadino de Souza, Breves Reflexões sobre o suicídio. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 30 DEZ.1850. P.01

¹²⁶LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012.

Repartição da Polícia. Extrato do dia 15 de dezembro de 1845. (...) Da parte de corpo permanente consta que foram presos, a ordem do subdelegado da Glória, um preto que tentava suicida-se, afogando-se¹²⁷.

Repartição da Polícia. Extrato do dia 24 de março de 1846. (...) Na freguesia de Sacramento foram presos: Luiz Burne e Luiz Francisco de Souza, por desordem. Na de São José, o preto Joaquim Rebollo, escravo de Agostinho Luiz de Almeida, por querer se suicidar¹²⁸.

No primeiro relato, temos um negro (descendente de africano) que provavelmente, tinha uma interação social maior, por ter nascido em solo brasileiro. Ele tentou se afogar nas imediações da Glória e foi preso pelo subdelegado. Outro ponto perceptível, nessa fonte seria a questão da identidade do indivíduo, que não é revelada. O segundo relato retrata um africano, um estrangeiro conhecido por Joaquim Rebollo. Ele tenta se suicidar, entretanto não temos uma informação de que meio ele utilizou para tal fim. O que os dois casos têm em comum, são as prisões desses indivíduos, os impedindo de cometer o ato extremo.

A condenação ao suicídio é anterior à legislação europeia. Mas se fazia presente na legislação desde o século XVII em alguns países. No ano 1670, emitiram decreto-lei na França, visando punir através das leis, os casos de “autocídio”. Neste documento constava que o suicídio devia ser considerado um crime e um ato de traição contra si mesmo e contra Deus. Considerado um crime, o suicídio deveria ser julgado nos tribunais. Essa lei foi incorporada em diversos países e funcionou durante séculos, como uma punição aos possíveis suicidas. A Inglaterra foi o último país, a abolir sua lei de criminalização do suicídio, na Europa em 1961. Francisco Bernadino, em suas Breves Reflexões sobre o suicídio, enfatiza essa criminalização extremada do ato suicida.

(...) o suicida arranca a própria existência, com quanta mais facilidade arrancará a vida alheia? Se com tanto desembaraço leva um punhal ao seio, se com sangue frio rasga as entranhas, com que impassibilidade arrancará as de outrem? O suicida é o mais criminoso que o homicida (...) ¹²⁹.

O suicida era considerado um criminoso pela sociedade, era mais criminalizado que o homicida. A legislação brasileira não condenava o ato suicida, mas sim a sociedade. No Brasil, o suicídio nunca foi considerado crime. Entretanto, por que prender um suicida? A prisão estava relacionada ao controle dos suicidas. A melhor

¹²⁷Extratos da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 17 DEZ.1845, p.02.

¹²⁸Extratos da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 27 MAR.1846, p.02.

¹²⁹Francisco Bernadino de Souza, Breves Reflexões sobre o suicídio. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 30 DEZ.1850. P.01

forma de contê-lo seria prendê-lo. A sociedade se assegurava de utilizar um dispositivo de contenção para criminosos: a cadeia.

No documento analisado, Francisco Bernadino expressava uma visão religiosa sobre o suicida. Eles constantemente eram julgados e criminalizados por desafiar os desígnios de Deus. Quem seria o suicida para retirar a própria vida, ela não pertence a ele e sim ao criador. Matar-se era insultar a divindade que o criou, era um crime religioso e social.

(...) O suicida é ímpio para com Deus, criminoso para com a sociedade e cruel para consigo mesmo. É ímpio para com Deus mostrando-se desobediente à sua vontade, arrojando-se a arrancar a própria vida; usurpando os seus direitos, atribuindo a si uma autoridade que de nenhum modo lhe pertence, insultando-o até, pois é um insulto à divindade destruir a sua mais primorosa obra. (...) ¹³⁰.

Sob essa perspectiva, nem na vida póstuma os suicidas seriam poupados. Na formação do pensamento mítico-religioso sobre o além nas religiões judaico-cristãs, o inferno é o lugar do suicida e pecadores. A vida se torna uma propriedade da sociedade na qual esse indivíduo estava inserido, alicerçada no pensamento religioso e sobre as questões do além-túmulo. A morte era algo extremamente assustador e inevitável, nós não temos domínio sobre a mesma. Controlar e planejar a própria morte romperia com uma regra geral que impera em todas as sociedades: a imprevisibilidade da morte.

O suicídio rompeu com o cotidiano, trazendo questões que a sociedade tenta apagar. O cemitério é uma microcidade, sendo o reflexo das nossas organicidades sociais. A morte reproduz os conceitos de uma sociedade viva. O cemitério torna-se uma cidade fechada, dentro de uma intensa malha urbana. A antropologia da morte revela de maneira significativa essa reprodução das organizações sociais em vida que persistem até o túmulo. Podemos ver através dessa divisão, uma manutenção desse elemento segregador. A diferença entre as lápides e a arquitetura dos túmulos, dos ritos fúnebres e até da forma de luto, estruturam essa diferenciação dos indivíduos.

2.2 Suicídio e gênero em tons negros

Embora em todas as fontes possamos identificar o gênero dos indivíduos, não conseguimos muitas informações sobre esses indivíduos. As notícias tanto no *Jornal*

¹³⁰Francisco Bernadino de Souza, Breves Reflexões sobre o suicídio. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 30 DEZ.1850. P.01

do *Comércio* como no *Diário do Rio de Janeiro* apresentam-se com a mesma estrutura descrevendo: Local, cor, origem, gênero e em alguns casos o método.

Na tabela abaixo, trabalharemos sobre taxas relativas ao número de suicidas registrados no *Jornal do Comércio*. Os dados enfatizados descrevem o número de suicídios atrelados ao gênero. Os suicidas eram em maioria do sexo masculino. Quando trabalhamos sobre essa amostragem, percebe-se que na maioria dos casos, a taxa sempre incide sob o gênero masculino.

Tabela 2 - Número de suicídios descritos por cor e gênero (%) ¹³¹

Suicídios descritos por cor e gênero				
Cor	Homens	Mulheres	Homens (%)	Mulheres (%)
Negro	32	6	84%	16%
Branco	26	4	86%	14%
Pardo	3	0	100%	0%

Fonte: *Jornal do Comércio*. (1830-1850).

Os suicidas negros e africanos do sexo masculino são compostos por 84%. Já no caso das mulheres negras e africanas as encontramos em 16% dos casos. Nos relatos sobre suicidas brancos, nos deparamos com números semelhantes: homens negros. Eles são 86% dos casos relatados e as mulheres são 14%. Sobre os pardos 100% dos casos relatados são homens.

A tabela abaixo possui uma análise comparativa dos suicídios atrelados à questão de gênero, utilizaremos também o *Jornal Diário do Rio de Janeiro*. A proposta é comparar as duas amostras e identificar se apresentam dados similares, ou se há uma enorme variação de uma fonte para a outra.

Tabela 3 - Número de suicídios descritos por cor e gênero (%) ¹³²

Suicídios descritos por cor e gênero				
Cor	Homens	Mulheres	Homens (%)	Mulheres (%)
Negro	28	5	85%	15%
Branco	28	0	100%	0%
Pardo	1	0	100%	0%

Fonte: *Diário do Rio de Janeiro*. (1838-1850).

¹³¹Amostragem retirada do **Jornal do Comércio**, entre 1830 a 1850. Foram separados 71 casos de suicídio, onde foram realizadas as porcentagens sobre número de suicídios e gênero descritos por cor.

¹³²Amostragem retirada do **Diário do Rio de Janeiro**, entre 1838 a 1850. Foram separados 68 casos de suicídio, onde foram realizadas as porcentagens sobre número de suicídios e gênero descritos por cor.

Ao fazermos uma análise comparada dos dois jornais, podemos perceber que não há uma mudança significativa em relação ao gênero dos suicidas. Os homens são maioria em ambas as fontes. Nota-se uma diferença nos casos de suicidas por gênero e cor no *Diário do Rio de Janeiro*. No caso daqueles considerados brancos e pardos, em 100% dos casos são homens, não encontramos mulheres que atentaram contra a própria vida curiosamente.

Assim sendo, podemos perceber a partir das duas fontes: primeiramente, uma predominância do gênero masculino nos suicídios noticiados. Quando se trata de africanos e negros, temos 85% dos casos de suicídios cometidos por homens enquanto que as mulheres são 15%. Os negros e africanos são os mais passíveis de cometerem suicídios, a partir dessa análise. Isso se deve a uma lógica escravista, pautada na maximização de lucros e exploração das vidas escravizadas. A preferência senhorial era por escravos do sexo masculino, considerados mais adequados as rudes tarefas exigidas pela sociedade escravista¹³³. Ou seja, os números de mulheres importadas eram em um quantitativo reduzido se comparado ao gênero masculino.

No caso dos brancos podemos inferir que os índices se mantinham altos atrelados às motivações para o ato suicida que estudaremos mais a frente neste trabalho. No *Jornal do Comércio* eles constam com 86% se comparados as mulheres com 14% e no *Diário do Rio de Janeiro* são 100% dos casos analisados. As motivações na maioria dos casos, atreladas a esses indivíduos se ligavam a questão financeira, em uma sociedade patriarcal, o papel de provedor da família faria com que eles se sentissem extremamente responsáveis em caso de falência e dificuldades financeiras. A desonra devido aos problemas financeiros na maioria dos casos motivaria esses indivíduos, elevando as taxas de suicídio atreladas ao gênero masculino.

Podemos enfatizar que o número de suicidas mulheres era baixo, não passando de 15% nos casos analisados. No *jornal do Comércio*, as maiores taxas de suicidas são do gênero feminino composto por negras e africanas, encontramos uma diferença de 2% se comparada com as mulheres brancas. Já no *Diário do Rio de Janeiro*, a diferença é maior. Nos casos de suicidas do gênero feminino, o número de africanas e negras giram em torno de 15%. Não encontramos caso de suicídio de

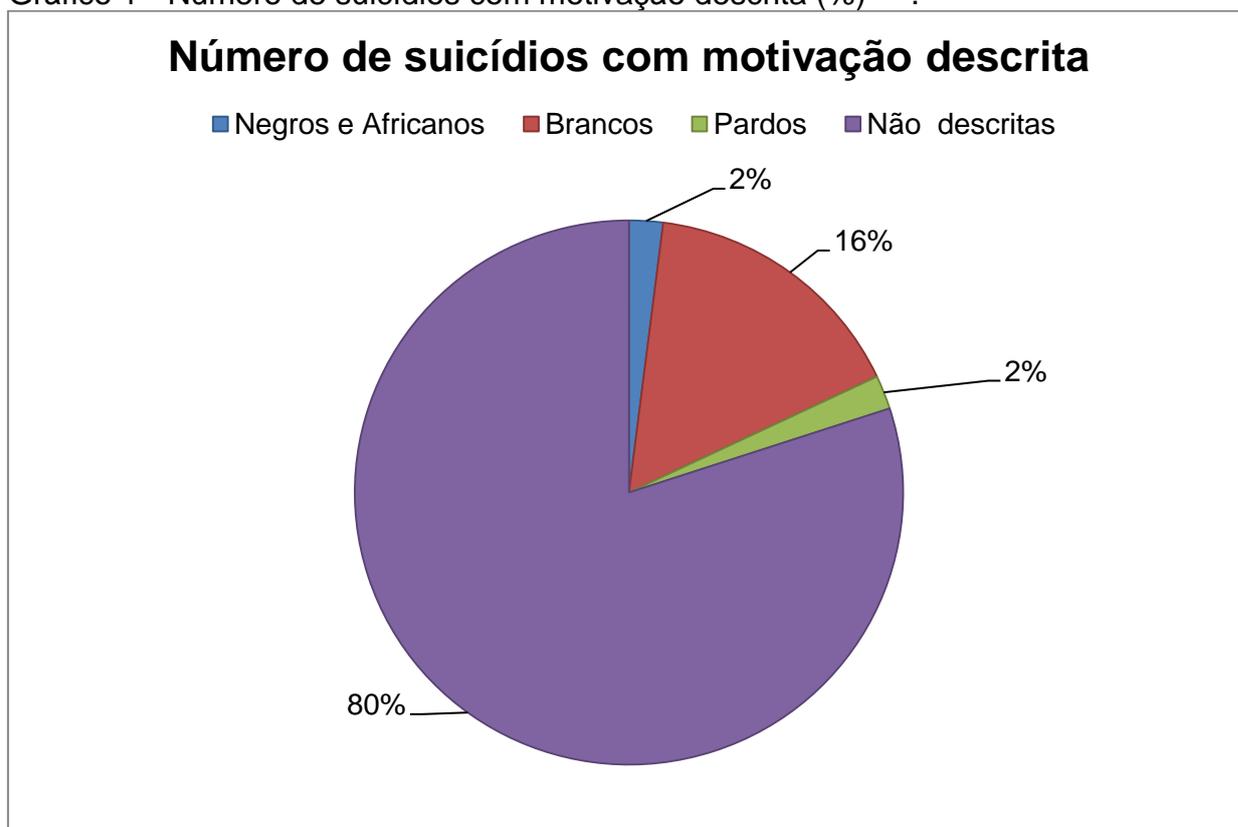
¹³³FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2000.

mulheres brancas. Se formos analisar a vida de um indivíduo escravizado, as marcas de uma vida de excessiva exploração incidem numericamente sobre as taxas de suicídios. Mesmo em menores quantitativos se comparadas aos homens, às mulheres escravas também eram exploradas até os seus limites. Não é de se estranhar que essas mulheres, inseridas no processo de escravidão, atentariam contra a própria vida.

2.3 Um adeus sem motivos

Os motivos são importantes quando falamos de um suicídio, entretanto em muitos casos eles simplesmente não foram registrados. Quando falamos sobre as motivações que levariam aos africanos e negros escravizados a cometerem o ato extremo, nos deparamos com um silêncio.

Gráfico 1 - Número de suicídios com motivação descrita (%) ¹³⁴.



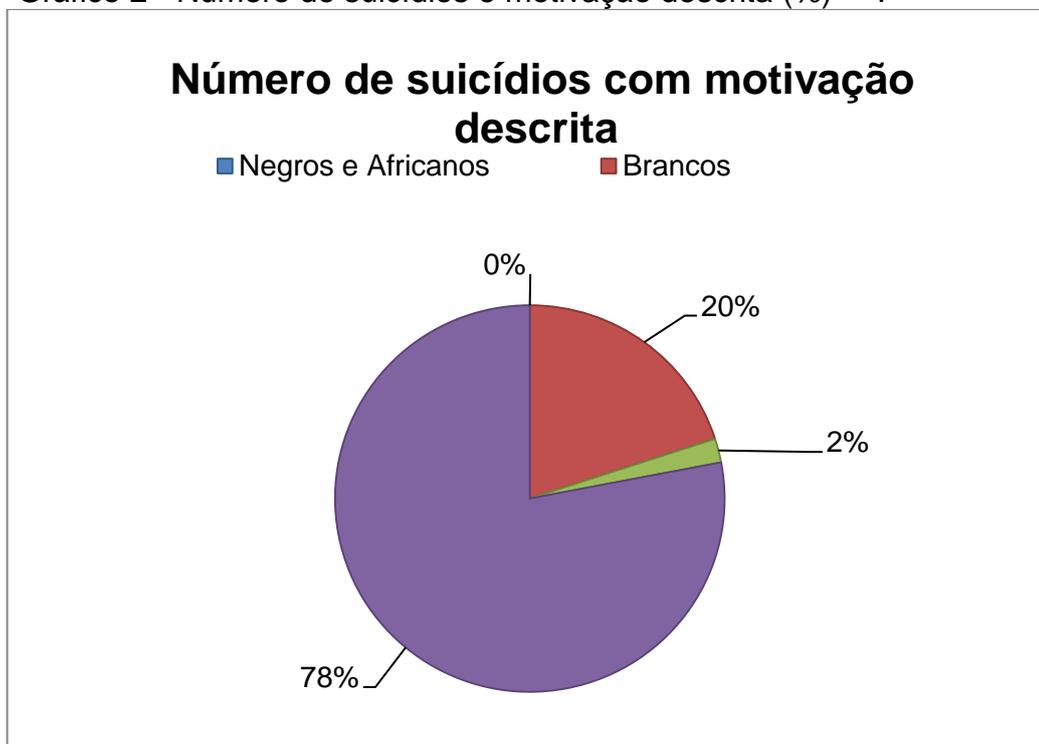
Fonte: Jornal do Comércio. (1830-1850).

¹³⁴Amostragem retirada do **Jornal do Comércio**, entre 1830 a 1850. Foram separados 71 casos de suicídio para fazermos as porcentagens sobre: a quantidade de suicidas por cor e a quantidade de casos em que sobre os suicidas, o jornal menciona a motivação.

A partir da análise do *Jornal do Comércio*, verifica-se 71 suicídios, no período de 1830 a 1850. O suicídio de negros e africanos escravizados com motivação atingiam numericamente 2% dos casos abordado nos jornais. Entretanto, existe uma falta de informações quando se trata do suicida negro. Se compararmos ao suicida branco, no jornal, em 16% dos relatos, os suicidas possuem uma motivação descrita. Encontramos suicidas pardos nos noticiários. Entretanto são parcelas minoritárias e assim como os negros e africanos, raramente seus motivos são revelados. Eles atingem 2% do contingente no gráfico. E as motivações não descritas constam como 80% dos casos.

Ao analisarmos nossa segunda fonte, nota-se que não existe uma variação grande entre os números apresentados na amostragem anterior. No *Diário do Rio de Janeiro*, em uma amostragem de 62 casos de suicídio, analisados no período de 1838 a 1850. Percebe-se que os dados se repetem, os motivos de indivíduos brancos aparecem com destaque nos jornais, em detrimento de pardos, negros e africanos, conforme veremos na tabela abaixo.

Gráfico 2 - Número de suicídios e motivação descrita (%) ¹³⁵.



Fonte: Diário do Rio de Janeiro. (1838-1850).

¹³⁵Amostragem retirada do **Diário do Rio de Janeiro**, entre 1838 a 1850. Foram separados 68 casos de suicídio para fazermos as porcentagens sobre: a quantidade de suicidas por cor e a quantidade de casos em que sobre os suicidas, o jornal menciona a motivação.

Podemos perceber sobre o suicídio negro e africano, que motivações giram em torno de 0%, ou seja, não encontramos nenhum caso registrado que apresente uma motivação. No *Diário do Rio de Janeiro*, o suicida negro não possui um motivo para atentar contra sua própria vida. Sobre o suicídio branco, encontramos em 20% dos casos com a motivação descrita. Já relacionado ao suicídio de pardos constam de 2% dos casos. Sobre as motivações não descritas no *Diário do Rio de Janeiro*, apresentam-se como 78% dos casos. Pode-se concluir que os jornais selecionavam as histórias que angariavam maior público, por isso poucos casos tinham esse destaque nas publicações. A exclusão ou a inferiorização do indivíduo em seu ambiente social, os insere em uma área de risco: aquela favorável à opção de morte controlada. Quem seria aquele que deve morrer¹³⁶? O suicídio de um indivíduo escravizado torna-se uma chave de discussão interessante para alavancar essa teoria.

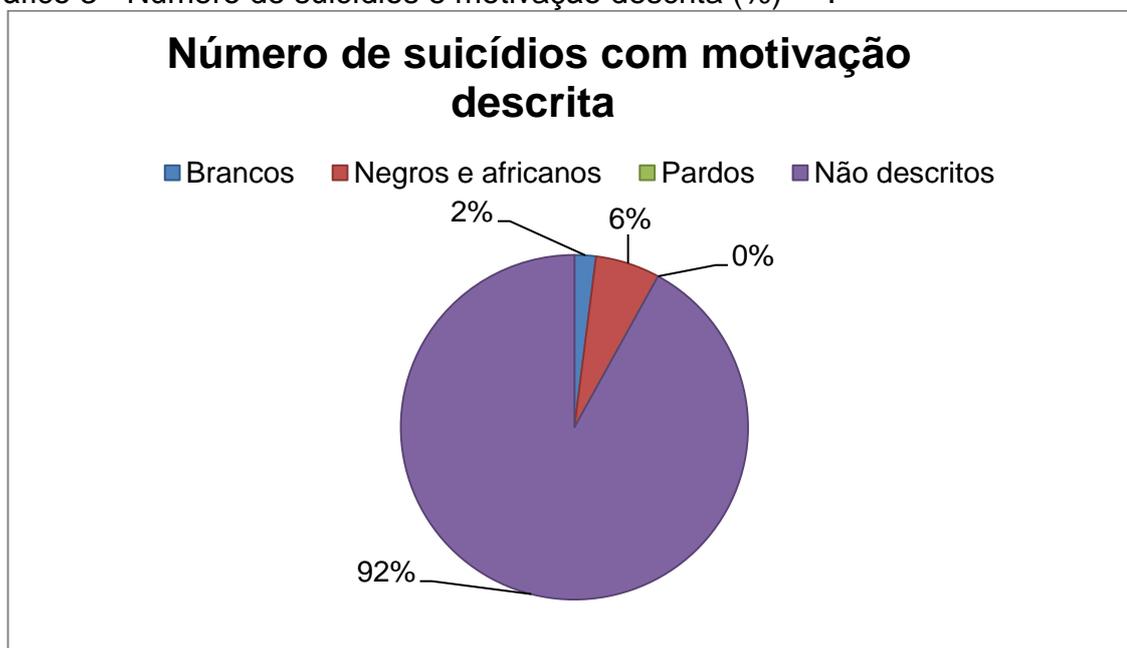
O escravo, segundo o direito romano era considerado coisa, ou seja, uma propriedade desprovida de alma. Em suas mortes, sofrem um apagamento nos jornais e nos relatórios da polícia. Eles sequer possuíam nome ou um motivo específico para atentar contra a própria vida. Podemos encarar essa questão de uma forma bem específica: o status social do escravo seria um fator determinante sobre sua invisibilidade após sua morte. Ele perde seu valor, enquanto instrumento de trabalho, ou seja, o seu suicídio não merecia referências, nem qualquer enunciação nos noticiários.

Analisando o suicídio negro e africano, percebe-se uma banalização de suas mortes. Existe um processo de profunda naturalização sobre suas mortes. Fazendo com que não exista a necessidade de detalhes sobre os casos, nem de uma identificação aos suicidas. Essas mortes não são importantes e nem as informações que elas possam trazer.¹³⁷

Na tabela abaixo, analisamos os relatórios da polícia da corte. A ideia é percebermos se existe uma mudança brusca quando se trata da descrição dos motivos no ato suicida nos relatórios policiais.

¹³⁶MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

¹³⁷MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

Gráfico 3 - Número de suicídios e motivação descrita (%) ¹³⁸.

Fonte: Arquivo Nacional – Relatórios da Polícia da Corte

Quando analisamos os relatórios policiais, a documentação nos remete a algo totalmente diferente. Embora se estruturasse de forma semelhante aos jornais, existia uma grande diferença numérica entre os suicidas negros e africanos e os brancos. O relativo equilíbrio dos noticiários se rompeu. Nos relatórios, raramente se interessavam em descrever a motivação de ambas as partes, quando se tratava de um suicídio. Em 92% dos casos analisados, eles não mencionam as motivações que levaram os indivíduos a cometerem suicídio. O número de suicidas negros e africanos com os motivos descritos, no período de 1833 a 1850, está em torno de 6%. Já os suicidas brancos, numericamente são representados por 2% dos casos. Já relacionados a pardos, notamos que seu quantitativo foi de 0% nos relatos. Percebe-se, que há uma tentativa dos jornais, em destacar as motivações somente em casos de suicidas brancos.

Podemos inferir que isso ocorria devido ao público dos jornais e ao tipo de suicídio e de suicida que atrairiam aos leitores. Quem merece ter sua história contada? Qual história traria uma maior visibilidade? Devido a esses consumidores, encontramos vários casos de suicídios ocorridos no estrangeiro que são relatados

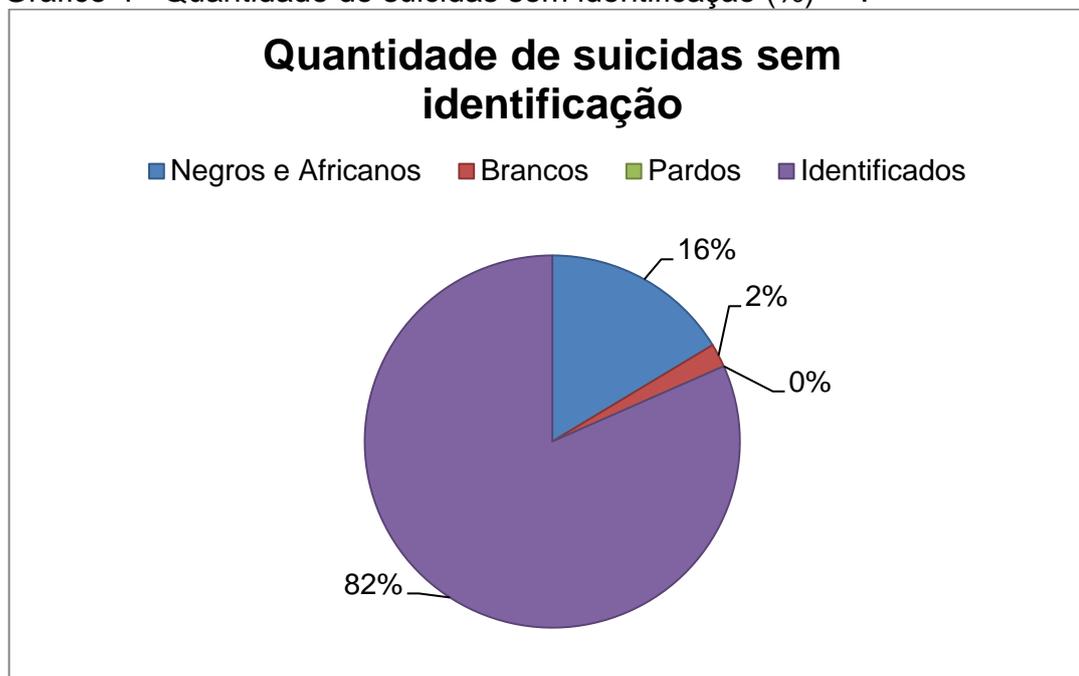
¹³⁸Amostragem retirada dos **Relatórios da polícia da Corte (Arquivo Nacional)**, entre 1833 a 1850. Foram separados 52 casos de suicídio para fazermos as porcentagens sobre: a quantidade de suicidas por cor e a quantidade de casos em que sobre os suicidas, o jornal menciona a motivação.

como verdadeiras novelas épicas. Será que negros e africanos não tinham motivos? Ou os jornais não se interessavam em expor esses motivos devido ao seu público alvo. Sobre as motivações, raramente nós as encontramos descritas nos relatórios da polícia, entretanto percebemos que os negros e africanos não sofrem o mesmo silenciamento dos jornais. Não há a necessidade de um enredo para entreter um determinado leitor, e sim a elaboração de relatórios sobre a rotina diária das repartições de polícia.

2.4 Tonalidades Negras: Os Não Nomeados e Excluídos da História

Os negros que não possuíam seus nomes identificados nos arquivos da Polícia configuravam 16% dos casos. Podemos comprovar que tanto nos jornais quanto nos relatórios policiais, somente um determinado grupo de indivíduos não possuía um nome e uma história a ser contada. O silêncio se fez presente ao longo da documentação analisada. A única posse do indivíduo é a sua própria vida, o seu corpo pertence ao senhor. A escolha entre morrer e viver era uma opção individual, atribuída ao livre arbítrio que possuímos sobre o nosso morrer. Na tabela abaixo trabalharemos o número de suicidas não nomeados nas matérias do *Jornal do Comércio*.

Gráfico 4 - Quantidade de suicidas sem identificação (%) ¹³⁹.



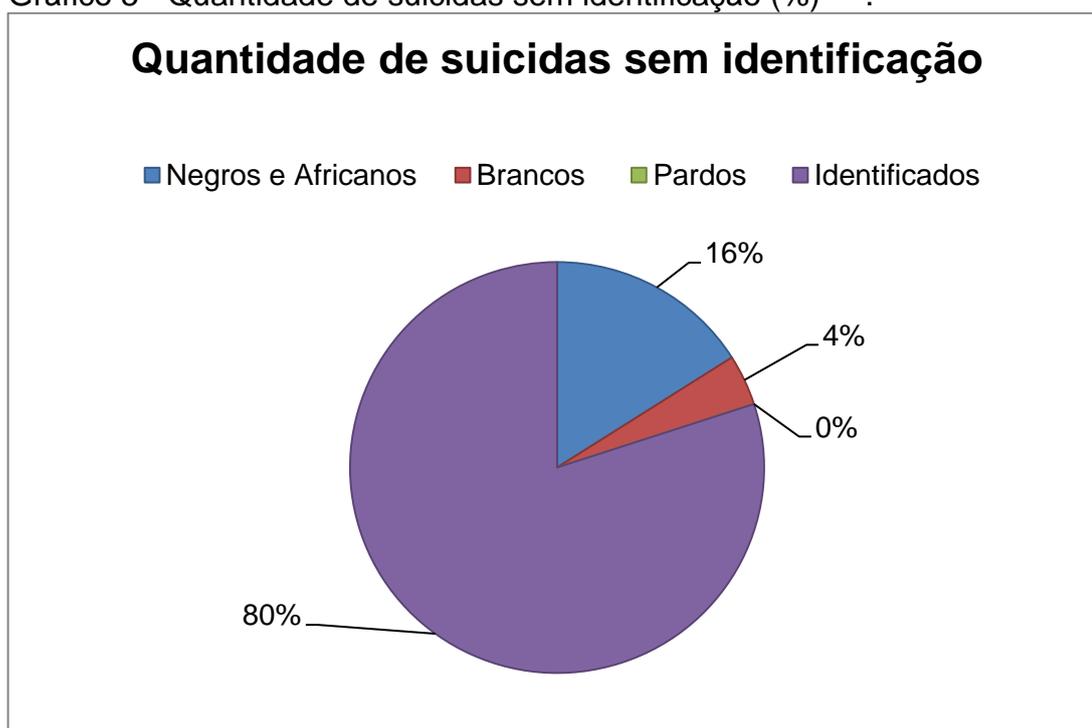
Fonte: *Jornal do Comércio*. (1830-1850).

¹³⁹Amostragem retirada do **Jornal do Comércio**, entre 1830 a 1850. Foram separados 71 casos de suicídio para fazermos as porcentagens sobre: a quantidade de suicidas por cor e a quantidade de suicidas não nomeados na matéria de *Jornal* descrita por cor.

Na tabela acima, nota-se que em 82% dos casos de suicidas, encontramos uma identificação. Em torno de 18% são os suicidas não identificados. Sobre esses indivíduos não identificados, em 16% dos casos relatados sobre o suicídio de negros e africanos, não existe uma identificação dos suicidas. Eles são silenciados até na hora da morte, através da inexistência de seus nomes nas fontes. Em somente 2% dos casos relacionados a indivíduos brancos não há uma identificação. O nome reflete o seu status e lhe confere um lugar a sociedade. Não possuir uma nomeação é fazer parte do vale dos indigentes.

Para uma maior compreensão sobre o silenciamento das identidades desses indivíduos, a partir de uma análise comparativa, trabalharemos os números de suicidas não nomeados nas matérias do *Jornal do Diário do Rio de Janeiro*, descritas no gráfico abaixo.

Gráfico 5 - Quantidade de suicidas sem identificação (%) ¹⁴⁰.



Fonte: Diário do Rio de Janeiro. (1838-1850).

Em 20% dos casos de suicídio não possuem uma nomeação. O suicídio de negros e africanos escravizados sem identificação no jornal são 16% do total. Nos casos de suicidas brancos, somente em 4% não são nomeados. Sobre os pardos,

¹⁴⁰Amostragem retirada do **Diário do Rio de Janeiro**, entre 1838 a 1850. Foram separados 68 casos de suicídio para fazermos as porcentagens sobre: a quantidade de suicidas por cor e a quantidade de suicidas não nomeados na matéria de Jornal descrita por cor.

todos foram nomeados na amostragem. Sobre a ausência de nomeação dos suicidas negros e africanos podemos elaborar algumas hipóteses: a) que por alguns serem escravos, não haveria uma necessidade de se investigar seus suicídios e qualquer dado relativo a esse; b) O público do jornal é um majoritariamente branco e pertencente a uma elite letrada. O periódico não atrairia ao seu público com esse tipo de notícia, somente dando voz a suicídios que ocorreriam na “boa sociedade”. Analisando as duas perspectivas, podemos concluir que ambas correspondem a essa realidade. A sociedade senhorial traria a partir de si, um silenciamento dos casos relacionados aos escravos suicidas. O público alvo desses jornais seriam os principais propagadores desse pensamento aristocrático, produzindo notícias sem qualquer aprofundamento de informações.

Os suicidas negros e africanos nos noticiários são citados de formas genéricas, sem qualquer informação sobre o indivíduo. A divulgação dos suicídios estava relacionada aos anseios dos leitores. O jornal possuía como público, uma elite letrada e poucos indivíduos possuíam acesso a esse tipo de entretenimento, devido à baixa alfabetização. Então, veicular as notícias sobre o suicídio de um negro ou africano não seria algo atrativo. As notícias resumiam-se em poucas informações e refletiam o silêncio. Remetiam-se apenas a uma motivação geralmente: o desgosto do cativo¹⁴¹, conforme podemos ver no *Diário do Rio de Janeiro* no ano de 1849.

Foi ontem o dia dos suicídios. (...) Pelo 1º distrito do Sacramento participa-se que se enforcou, na noite do dia 8 para 9 do corrente um preto, escravo de Antônio Alves machado de Carvalho.(...) Dizem que também uma preta se lançara de uma janela abaixo¹⁴².

No primeiro caso, no *Jornal do Comércio*, nos deparamos com um enforcamento de “um preto” como consta na fonte. O indivíduo não possui um nome, só consta o nome de seu proprietário: Antônio Alves machado de Carvalho. Ele não possui uma história que mereça ser contada. Quem era ele antes do ato suicida? Quais seriam suas motivações que levaram ao suicídio? Percebe-se uma tentativa de um apagamento contínuo de sua existência. Sem motivações, sem identificação e sem uma historicidade. O jornal não investigou qualquer fato referente à notícia. O

¹⁴¹OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2008.

¹⁴²Repatrição da polícia. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 JAN.1849. P.02

silêncio estava relacionado ao seu status social. O africano e o negro escravizados, não possuíam uma vida que lhes pertence, muito menos uma morte.

Os escravos suicidas não sofriam uma identificação. A nomeação era um fator para inserção no meio social. Ela marca a nossa subjetividade e nos humaniza, enquanto indivíduos. Ela reflete a nossa identificação na esfera social, na qual estamos completamente imersos do outro. Individualizamos-nos, por meio de nossa identidade. O apagamento dos jornais e relatórios da identidade desses indivíduos estava atrelado à tentativa de apagamento deles em vida. Ele funciona enquanto um elemento de exclusão deste grupo social, suprimido esses indivíduos até no além-túmulo.

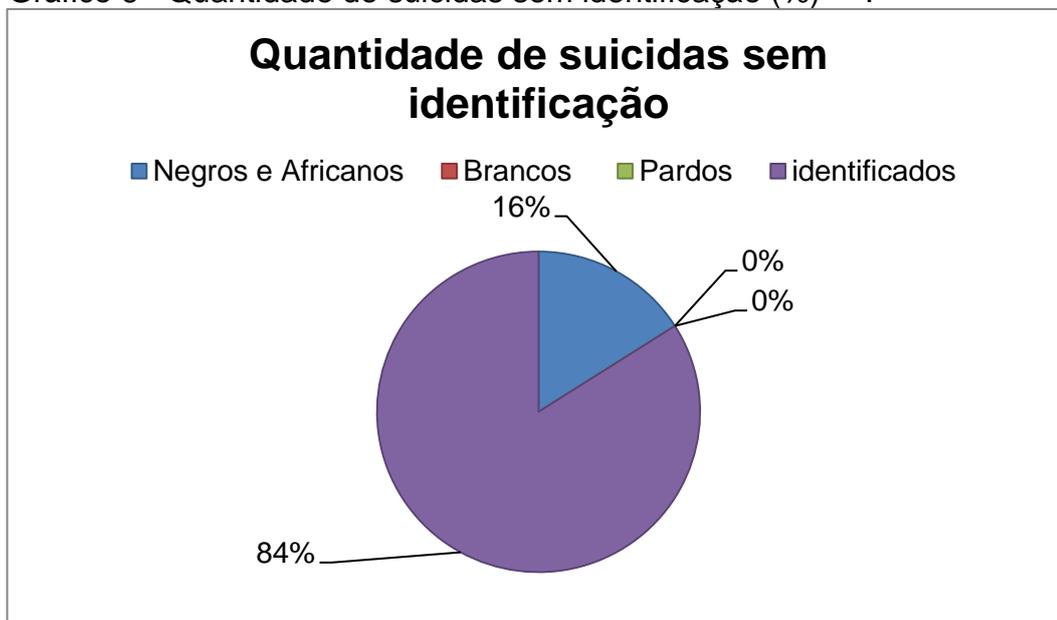
Quando trabalhamos os jornais como fonte, se faz necessário entender o que possuiria um potencial para se torna uma notícia palatável aos leitores. Por meio da compreensão dessas questões, levamos em conta quais seriam as motivações que levariam a disponibilizar a publicidade e visibilidade necessária a uma notícia¹⁴³. A invisibilidade desses indivíduos se faz a partir da necropolítica¹⁴⁴. A ideia de uma soberania que reside no princípio daqueles que merecem viver e dos indivíduos que a morte não tem importância. Essa política refletia a descartabilidade dos escravos na morte, a maneira de se pensar a morte e de se falar sobre a ela através das contingências das criações sociais¹⁴⁵. Em vida, eles eram uma ferramenta primordial para o trabalho, na morte perdem seu valor e tornam-se invisíveis.

Na tabela abaixo, podemos identificar que, nos relatórios da polícia da corte, não há uma mudança significativa nas estruturas que configuram a identificação dos indivíduos. Aqueles que são considerados brancos tinham seus nomes presentes nos relatórios, já os negros e africanos escravizados continuavam ocultados pelo desinteresse daqueles que analisam os processos.

¹⁴³PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

¹⁴⁴MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

¹⁴⁵ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

Gráfico 6 - Quantidade de suicidas sem identificação (%) ¹⁴⁶.

Fonte: Arquivo Nacional – Relatórios da Polícia da Corte

A proposta dos relatórios policiais não se diferia muito dos jornais. Os casos envolvendo suicidas negros e africanos estão em torno dos 16%, relativo à ocultação da identidade dos indivíduos. Relacionando aos indivíduos considerados brancos, em nenhum dos casos nos relatórios, encontramos a ausência dessa identificação. A negação a identidade nos mostra ausência de importância de um determinado grupo para a sociedade vigente. O negro e africano tiveram sua identidade roubada alicerçada em uma política de desvalorização da vida, onde a visão aristocrática rege as relações e determina o lugar dos indivíduos¹⁴⁷.

2.5 Escolhendo como partir deste mundo

Matar-se, poderia ser uma fuga, mas também, um passo para a liberdade. A resistência, a partir do suicídio, era um processo que traz prejuízo aos senhores. Não seria estranho um apagamento desses indivíduos nos jornais e nem a inexistência de

¹⁴⁶Amostragem retirada dos **Relatórios da polícia da Corte (Arquivo Nacional)**, entre 1833 a 1850. Foram separados 50 casos de suicídio para fazermos as porcentagens sobre: a quantidade de suicidas por cor e a quantidade de suicidas não nomeados na matéria de Jornal descrita por cor.

¹⁴⁷MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

uma investigação prévia dos casos nos relatórios policiais. O suicídio era uma prática condenada socialmente uma vez que prejudicava o proprietário. Como o escravo poderia romper com a dominação do senhor sobre sua vida? Negando-se a viver essa vida. O escravo que sofria a tentativa de ser transformado em uma coisa, pela exploração e a violência, só conseguiria humanizar-se quando se revoltava¹⁴⁸.

A morte obedece a ritos de passagem, estes que simbolicamente são responsáveis pelo desligamento dos mortos dos domínios dos vivos. A morte é um produto da sociedade e a escolha sobre o tipo de morte reflete o que somos anteriormente ela, em vida. A maneira de se pensar a morte e de antecipá-la, depende exclusivamente das contingências e das criações sociais¹⁴⁹. Nos processos abaixo, publicados no *Diário do Rio de Janeiro* e datados entre os anos de 1842 e 1845, envolvem três indivíduos de nome Antônio, que cometem o ato suicida. Deparamo-nos com nomes entrelaçados, histórias similares e métodos de suicídios exatamente iguais.

O subdelegado da freguesia de Santa Rita participa que procedeu o corpo de delito no cadáver do preto Antônio, escravo de Thomaz Pereira, que se suicidou com uma corda que atou ao pescoço¹⁵⁰.

Na freguesia da Candelária procedeu-se o corpo de delito no cadáver do Preto, Antônio Moçambique, escravo de José Antônio Lopes, que se suicidou com um barço no pescoço¹⁵¹.

Na de Santa Rita, procedeu-se o corpo de delito no cadáver do escravo Antônio, que se suicidou-se com um barço¹⁵².

Antônio escolheu partir deste mundo, mas não sozinho. Ele possuía um nome comum e sua vida foi o reflexo da sua dor. Todo suicídio está inserido em uma esfera de poder político, ele é sempre contra alguém, contra algo e por alguma coisa. O que Antônio tem em comum com os outros que serão descritos agora através das fontes? Ele era escravo, o poder que se exerce em sua vida é refletido sobre a forma de apropriação da sua morte, enquanto indivíduo.

¹⁴⁸GOMES. Flávio dos Santos. **História de quilombolas: Moçambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

¹⁴⁹ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

¹⁵⁰ Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 13 MAI.1842. p.02

¹⁵¹ Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 14 JUN.1842. p.02

¹⁵² Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 01 OUT.1845. p.02.

A vida e a morte de um escravo pertencem ao seu senhor¹⁵³. Na sociedade aristocrática, a desigualdade política correspondia a uma desigualdade social. As políticas da morte refletiam essa estrutura desigual. A ideia de igualdade se diferia da liberdade¹⁵⁴. Após a morte o indivíduo escravizado seria livre. No *jornal do Diário do Rio de Janeiro*, encontramos três homens chamados: Antônio e com uma história de vida interligada pela escravidão. Na morte de dois deles, ainda são citados como propriedades. A morte não anula para a sociedade, o status jurídico de escravo, continuariam mesmo após morrerem, reconhecidos como propriedade de alguém.

O primeiro Antônio era escravo de Thomaz Pereira atou uma corda ao pescoço e cometeu o suicídio. Sua principal escolha foi o enforcamento. Esse também foi o meio de sair da vida para morte, escolhido pelo segundo Antônio: o Moçambique. Ele era de origem moçambicana, provavelmente por ser estrangeiro poderia estar passando pelo processo de aclimação¹⁵⁵. Um estrangeiro em um território desconhecido, talvez estivesse embalado pelo banzo (Nostalgia que expressa uma saudade de sua pátria). Ele se matou com um barço no pescoço (enforcamento com fios de seda) seu proprietário era de José Antônio Lopes. Os nomes de seus donos não os abandonavam nem na morte. O terceiro Antônio escolheu o barço também como um método de passagem para o outro mundo.

A escolha do método de suicídio possuía um padrão muito rígido. Não foi uma simples coincidência o enforcamento ser o suicídio preterido por nossos três personagens. Ambos eram escravos e escolheram essa metodologia ao partir. Primeiramente, por serem escravos seus recursos financeiros eram extremamente escassos. O método escolhido deveria ser acessível financeiramente. As cordas e os fios de seda eram fáceis de adquirir. Este tipo de suicídio era o preterido pelos escravos e os brancos com baixo poder aquisitivo. Em segundo lugar, a letalidade do enforcamento é alta¹⁵⁶. Juntando esses dois quesitos importantes: a acessibilidade e

¹⁵³RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

¹⁵⁴ MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema**. 5ª edição, São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

¹⁵⁵KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹⁵⁶OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n°. 2, 2008.

a certeza de sucesso ao cometer-se o ato, temos o enforcamento como o método mais rotineiro.

Raramente encontra-se um suicida de classes populares com acesso a armas de fogo. Era um artigo de luxo e de difícil acessibilidade aos escravos e pessoas menos abastardas. Geralmente nas amostragens retiradas tanto dos jornais como dos relatórios da polícia. Os números de suicidas negros e africanos que se enveredaram por esse método de suicídio eram muito baixos. Como podemos perceber nos processos abaixo: um do ano de 1835 (do arquivo) e o de 1849 (*Diário do Rio de Janeiro*) retratam bem essa rara situação.

Na da Candelária, procedeu-se o exame no cadáver de um preto escravo que se suicidou com um tiro de pistola ¹⁵⁷.

Suicidou-se com um tiro de pistola um preto escravo de José Caetano Rocha ¹⁵⁸.

Podemos inferir sobre as duas fontes, a presença do silêncio quanto à identificação desses indivíduos. Na primeira sabemos que é escravo e que utilizara uma pistola para se suicidar e nada mais. Na segunda sabemos também do seu status jurídico de escravo e o nome do seu dono: José Caetano Rocha.

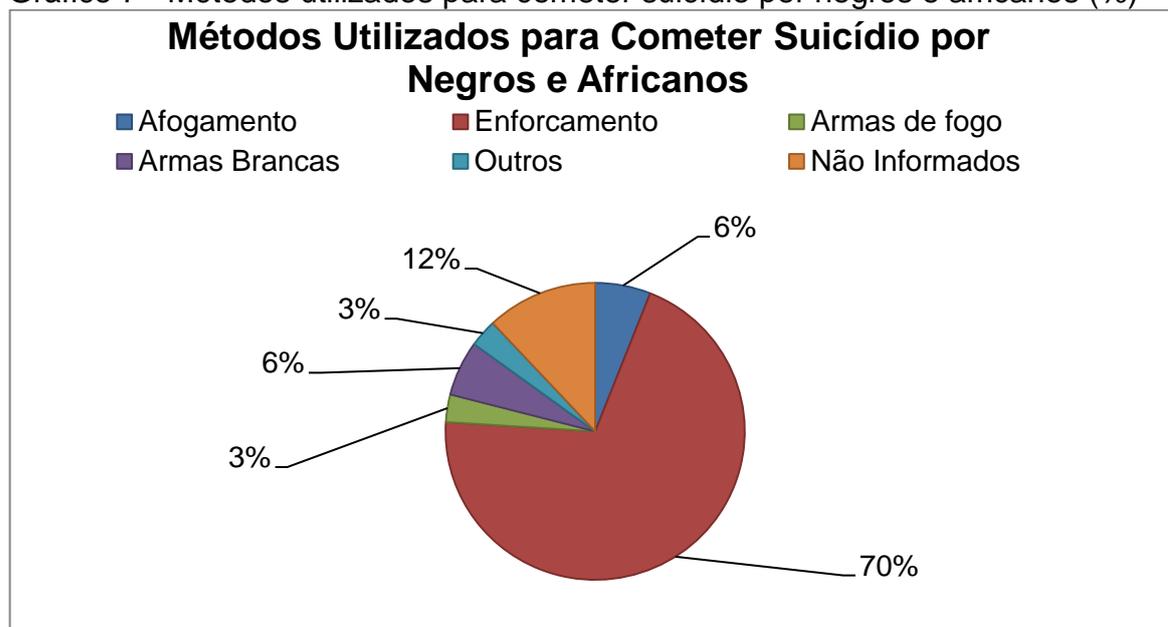
Nota-se uma diferença sutil entre o suicídio do escravo e do branco. Existe um apagamento relativo do suicídio negro nas fontes, não há nada que leve o negro a ser o personagem da sua própria morte. Ele tornou-se estatística, sem uma história e identificação.

O homem é um ser social, ele constrói pirâmides, túmulos, lápides e possui o poder de imaginar os ritos fúnebres. Todo esse aparato que se constrói em meio à morte, se reflete inseparavelmente nas suas experiências em vida ¹⁵⁹. A morte é um espelho para a vida, quando analisamos o seu reflexo, podemos enxergar o lugar de fala ao qual esses indivíduos pertencem. Na tabela abaixo, analisaremos os métodos utilizados para cometer o suicídio por negros e africanos, a amostragem foi retirada do *Diário do Rio de Janeiro* entre os anos de 1838 a 1850.

¹⁵⁷ Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 01 MAR.1849. p. 03

¹⁵⁸ ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça**, IJ 171. Rio de Janeiro, 1835.

¹⁵⁹ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

Gráfico 7 - Métodos utilizados para cometer suicídio por negros e africanos (%) ¹⁶⁰.

Fonte: Diário do Rio de Janeiro. (1838-1850).

O *Diário do Rio de Janeiro* mostra que os negros e africanos optam pelo método de enforcamento em 70% dos casos. Como enfatizamos anteriormente, a sua eficácia e seu baixo custo contribuem para esse tipo de escolha. Geralmente quem optava por deixar este mundo precocemente, buscava uma eficácia. Nos casos de suicidas negros e africanos, o enforcamento geralmente é primeira escolha como destaca Mary Karash (2000), em um relato do Viajante Dabadie sobre o caso do escravo Antônio que tentou se matar três vezes: Primeiro, enforcou-se e alguém cortou a corda, segundo jogou-se da janela do segundo andar, mas sobreviveu e posteriormente apunhalou-se no estômago, sendo salvo de novo. Segundo Dabadie, Antônio afirmava que: Estavam se dando a um trabalho inútil e que ele iria tentar mata-se de novo. “Prefiro morrer a ser escravo” ¹⁶¹. No final dessa história, a Santa Casa de Misericórdia comprou a sua liberdade e a partir desse momento as tentativas cessaram.

O que podemos perceber deste relato, em primeiro lugar são os métodos escolhidos por Antônio. Ele iniciou com o enforcamento e tem sua tentativa frustrada quando sua corda foi cortada. Depois, em sua segunda tentativa, ele tentou se jogar da janela e novamente escapou da morte. Na terceira e última tentativa, ele é frustrado novamente ao se apunhalar. Apunhalar-se era o terceiro método mais comum de suicídio: o crime por arma branca são 6% nos casos de suicídio registrado.

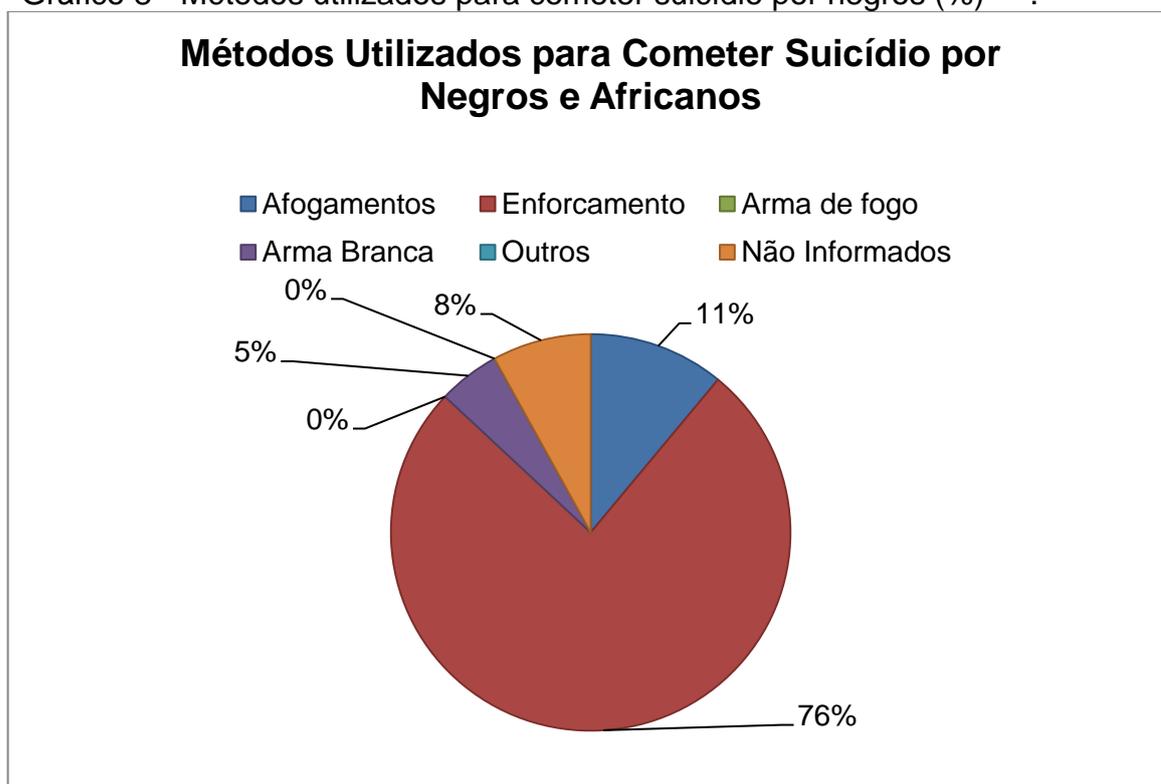
¹⁶⁰Amostragem retirada Diário do Rio de Janeiro entre 1838 a 1850. Foram separados 33 casos de suicídio de indivíduos negros sobre os meios utilizados para se cometer suicídio (%).

¹⁶¹KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, P.420.

O que podemos perceber é que em todas as tentativas, enxergamos a necessidade de infalibilidade do ato, sendo muito comum, a escolha deste tipo de suicídio por negros e africanos. Outro ponto importante é o financeiro. As armas brancas são acessíveis àqueles que não dispõem de recursos. O afogamento em conjunto das armas de fogo tem um quantitativo de 6%, ocupando o segundo lugar na amostragem. Quanto à utilização de armas de fogo, na amostragem ocupa 3% dos casos, revelando uma acessibilidade restrita a esse recurso por negros e africanos escravizados. Em 12% das notícias, não são informadas a metodologia utilizada para o suicídio, mostrando que a falta de informação em casos envolvendo esses indivíduos era de forma rotineira.

Analisaremos a tabela abaixo, a fim percebermos se há variação quanto à metodologia ao se suicidar de negros e africanos sobre a perspectiva do *Jornal do Comércio*. A proposta é realizar uma comparação e conhecer um pouco desses negros e africanos através do método de suicídio por eles escolhidos.

Gráfico 8 - Métodos utilizados para cometer suicídio por negros (%) ¹⁶².



Fonte: *Jornal do Comércio*. (1830-1850).

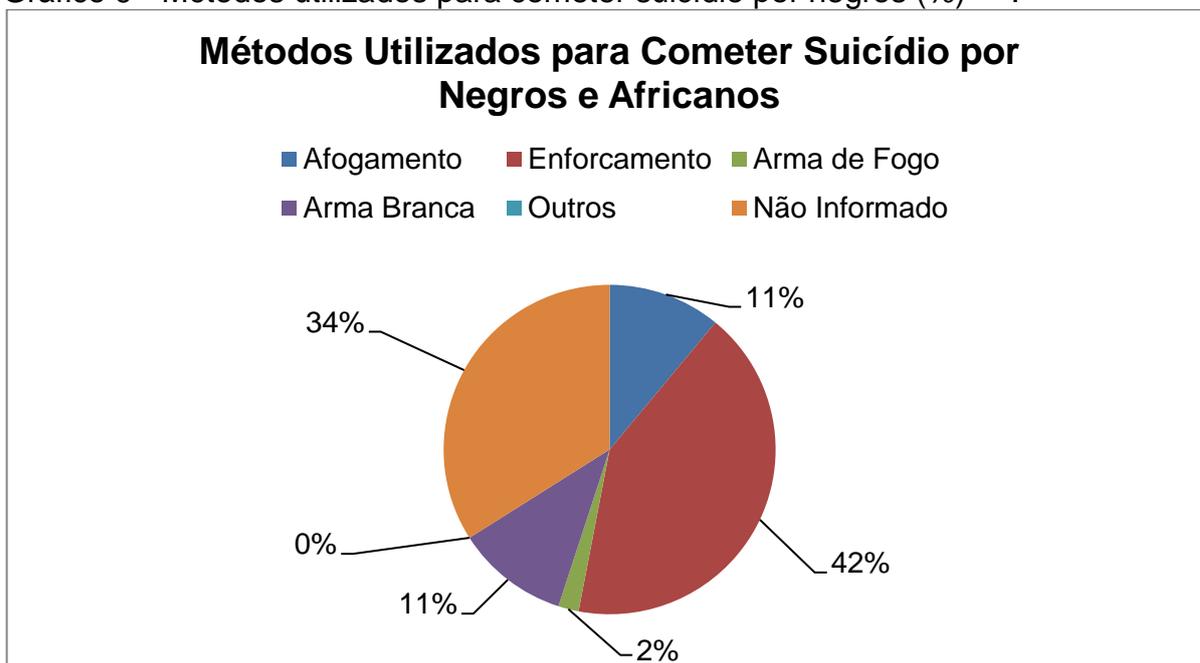
Quando nos deparamos com o *Jornal do Comercio*, não enxergamos uma mudança visível numericamente. O enforcamento continuava ocupando uma posição

¹⁶²Amostragem retirada do **Jornal do Comércio**, entre 1830 a 1850. Foram separados 38 casos de suicídio de indivíduos negros sobre os meios utilizados para se cometer suicídio (%).

de destaquem em 76% dos casos. Em segundo lugar, nos deparamos com a opção pelo afogamento com 11%. Em terceiro lugar, o uso de armas brancas com 8%. Encontramos como nulo uso de armas de fogo nas notícias veiculadas. Percebe-se que o enforcamento, seguido do uso de armas brancas e do afogamento são uma forma barata e eficaz de evadir-se deste mundo.

Na próxima tabela, analisaremos a escolha do método através dos relatórios policiais entre os anos de 1833 a 1850.

Gráfico 9 - Métodos utilizados para cometer suicídio por negros (%) ¹⁶³.



Fonte: Arquivo Nacional – Relatórios da Polícia da Corte

A partir das amostragens, podemos comprovar, em 42% dos casos, o enforcamento era o método mais utilizado pelos negros e africanos. Em segundo lugar, com 11%, nos deparamos com suicídio por afogamento e por armas brancas. Em terceiro lugar, com 2% encontramos uso de armas de fogo. É importante destacar, que as escolhas relacionadas ao método de suicídio estão em sua maioria das vezes ligadas: a letalidade, a acessibilidade e a crenças. No caso da acessibilidade o uso de armas brancas (Navalhas, facas e etc...) eram de fácil acesso, um método barateado. Abaixo nos deparamos com dois processos que enfatizam o uso de armas brancas

¹⁶³Amostragem retirada dos Relatórios da polícia da Corte (Arquivo Nacional) entre 1833 a 1850. Foram separados 38 casos de suicídio de indivíduos negros sobre os meios utilizados para se cometer suicídio (%).

de dois indivíduos, um forro por nome Domingos e um africano escravizado originário da região de Moçambique.

Procedeu-se o corpo de delito do forro de nome Domingos, que se se suicidou cortando o pescoço com uma navalha¹⁶⁴.

Na da Candelária procedeu-se exame de corpo delito no cadáver do preto Joaquim, Moçambique, escravo, que se suicidou com uma navalha de barba¹⁶⁵.

Por meio da análise das fontes, podemos perceber que não somente os africanos e negros escravizados estavam fadados ao ato suicida mediante a sua situação jurídica de escravo, mas aqueles com o status jurídico livre e de camadas populares optaram por armas brancas. Um exemplo seria o caso de Domingos que era forro e residia na Freguesia de santa Rita.

Joaquim era escravo e optou pelo mesmo método. Ele utiliza a navalha para pôr fim a sua vida. Era de origem africana, mas não sabemos muitas informações sobre detalhes de sua vida. Podemos inferir que ele fosse boçal e que provavelmente a comunicação se fazia de forma dificultada. Uns chegaram ao Brasil muito rudes e fechados, e assim continuavam a vida toda, outros em poucos anos saíam ladinos e espertos, assim para aprenderem a doutrina cristã, como para buscarem modos de passar a vida¹⁶⁶. Provavelmente, as dificuldades de comunicação, em alguns casos influiriam na hora de relatar maus tratos, como no caso de Joaquim.

O bom escravo e o mal se definiam em aqueles que conseguiam assimilar mais do convívio social e do estilo de vida do senhor e aqueles que não se adaptavam a inserção nessa nova sociedade. Por meio desta construção, podemos enxergar dois tipos de indivíduos: a) os ladinos que são aqueles que através de uma adaptação cultural se inserem na sociedade, assimilando línguas e os costumes. b) os boçais, que podem vir a se tornar ladinos e assimilarem a cultura e os costumes. Entretanto, existem aqueles que nunca se encaixaram e que negavam a imposição da cultura dos senhores. Esses sobreviveram culturalmente, mediante não aceitação de uma cultura imposta, ou seja, da inadequação a sociedade senhorial. A ligação com a pátria e a questão de inserção em um grupo social anterior fazia com que o indivíduo valorizasse

¹⁶⁴ Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 01 AGO. 1843. p.02.

¹⁶⁵ Repartição da polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 SET. 1849. p.02.

¹⁶⁶ ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Introdução e notas de André e Mansuy Diniz Silva. São Paulo: USP, 2007. Descrição de escravos boçais, P.98.

pouco a vida diante da nova condição. A posição social e a inserção em um novo contexto social, que foge de tudo aquilo que ele conhecia anteriormente, gerando conflitos que os desligam do convívio social nesse novo cenário ao qual são expostos.

Em muitos casos, a inadequação levará ao suicídio. Nesse contexto, podemos descrever o banzo, saudade da pátria distante e para sempre fisicamente perdida, à qual tornaria a voltar graças ao processo de ressureição, como acreditavam¹⁶⁷. O doutor Sigaud descreveu o banzo como um tipo de consumação, resultante de inatividade e tendo uma “causa moral”¹⁶⁸. Dizia-se que os escravos eram “vitimados pelo amor” de sua terra natal, morriam de nostalgia. Recusavam-se a andar, comer ou se exercitar, exceto se açoitados; e definhavam lentamente até morrer. Na verdade, podemos inferir mediante esses indícios, um processo de depressão com base nos sintomas relatados. Não seria uma saudade da pátria, a nostalgia era um processo depressivo decorrente da escravização desses indivíduos e da imposição a condições de vida aviltantes. Nos processos abaixo, nos deparamos com o ato de desespero de africano João Cambinda, que se degolou com uma navalha de barba e de Maria uma parda, uma escrava, que ao tentar se suicidar foi submetida a casa de misericórdia.

Procedeu-se corpo de delito no cadáver do escravo João Cambinda que se degolou com uma navalha de barba¹⁶⁹.

Na Freguesia de Santa Rita foi submetida à Santa Casa de misericórdia uma parda escrava de nome Maria, por ter feito em si um ferimento no pescoço¹⁷⁰.

Alguns suicidas tentam se justificar através de cartas. Elas refletem uma justificativa aos que aqui ficaram. Em alguns casos possuem vozes que ecoam sobre a sociedade. Geralmente os suicidas, por mais criminalizados que sejam, caso sejam livres e estejam dentro desse estereótipo de cidadão ideal: Branco, Livre, Alfabetizado. Estes não têm sua memória fragmentada, até porque raramente os escravos sabiam ler e escrever, pois não tinham acesso à educação e ao letramento.

¹⁶⁷GOULART, José Alípio. **Da fuga ao suicídio — Aspectos de rebeldia nos escravos do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista/Instituto Nacional do Livro, 1972, p. 123.

¹⁶⁸ Descrição do banzo por Doutor Sigaud. Ver: KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 417.

¹⁶⁹ ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça**, IJ 204. Rio de Janeiro, 1834.

¹⁷⁰ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça**, IJ 204. Rio de Janeiro, 1845.

Neste caso a sua voz, sofre um apagamento extensivo quando se trata de justificar o seu suicídio. A sua morte é enxergada através do olhar de um indivíduo branco, podendo ser o colunista do jornal, ou um policial, responsável por relatar essas mortes. O suicídio de um negro ou africano escravizado estava sobre o crivo de olhar senhorial de um homem branco. Havia uma constante anulação desses personagens e uma mordação quando se tratava de suas mortes.

Esse silêncio está presente nos detalhes, nas informações que não são transmitidas e nos que se fazem enxergar essas mortes de maneira tão simplista. O silêncio nos remete a uma voz que ecoa distante. Mediante comparação entre os suicídios, podemos conceber suas tonalidades sociais, trazendo à tona os contrastes, os excessos e o oculto, colocando assim a sociedade em múltiplas perspectivas¹⁷¹. Nos processos abaixo, nos deparamos com suicídios por afogamento, por exemplo, Bento, um pardo se lançou em um poço motivado por delírios. Já no outro processo, nos deparamos com um indivíduo escravizado, que optou pelo afogamento, mas sem muitas informações.

Suicidou-se, precipitando-se em um poço, o escravo Bento, pardo, que se achava doente e que se fez em consequência de delírio ¹⁷².

Na Freguesia de Santa Rita procedeu-se o corpo delito no cadáver de um preto que morreu e se suicidou afogando-se¹⁷³.

O primeiro caso está ligado à alienação. O indivíduo era escravo, pardo e apresentava sinais de não adequação a sua escravização. São raros os casos de suicidas pardos nas amostragens. Mostrando talvez que apesar de ser um indivíduo escravizado em meio a essa paleta de cores, sua morte foi sentida e para ela existia uma motivação descrita.

No segundo caso, não sabemos o nome do indivíduo. Identificamos que era escravo e que se suicidou afogando-se. No primeiro relato, temos um escravo ladino provavelmente, por ser pardo e possuía mais informações sobre o suicida, publicadas no jornal. Na história seguinte, podemos inferir que seria um escravo boçal, provavelmente não se teria muitas informações sobre ele. Quando falamos sobre o

¹⁷¹THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina. *História Comparada: Olhares Plurais*. Revista de História Comparada, v: 01 n°: 01. Jun./2007.

¹⁷² Repartição da Polícia, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 13 AGO.1845. p.02.

¹⁷³ Repartição da Polícia, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 29, SET. 1847, p.03.

afogamento como método escolhido pelos africanos, nos repousamos sobre a questão do banzo na maioria das produções historiográficas. Muitas situações descritas destacam essa melancolia como uma das causas suicídio.

Os africanos se encontravam em depressão, um processo patológico. Em consequência das violências sofridas e as péssimas condições decorrentes da escravização. As degradações morais, humanas e cognitivas, os levavam a cometerem o ato suicida. O afogamento seria uma forma de evadir-se para o plano espiritual em decorrência de estarem psicologicamente doentes. Na cosmogonia banto, existe uma ideia sobre a construção de fronteiras que interligam dois mundos: o mundo dos vivos e o mundo dos mortos. Essas fronteiras encontram-se atreladas a elementos da natureza. Humberto Fernandes, em sua obra cita um caso de suicídio por banzo: onde um indivíduo escravizado que estava sendo recambiado para seu senhor através da Baía da Guanabara. Ele afogou-se ao se atirar da barca. “Conforme o ofício policial: encontramos assinalado que em um momento de precipitação, o preto se precipitou por uma das janelas da barca”¹⁷⁴. Atravessar rumo ao outro lado seria mais fácil, através desses portais que ligam os dois planos e estão em constante interação. É por meio dessas fronteiras que o espírito dos vivos e mortos que se formulariam, as influências sobre a metodologia escolhida, a fim de partir deste mundo.

As crenças Banto trabalhavam com a ideia de que os espíritos estariam instalados nos espaços naturais, acessíveis aos homens. Eles estariam presentes nas águas, na terra, nas plantas e seriam esses espíritos que controlariam os vivos, influenciando em suas relações e escolhas. Existe uma complementaridade na relação entre homens e os espíritos. Esta relação seria indispensável para o funcionamento normal das sociedades da África Central no plano religioso. Em alguns ritos de passagem e enterros, encontramos essa profunda ligação com a natureza. Alguns enterros, principalmente o dos chefes políticos locais, eram realizados nessas fronteiras sagradas. A grande maioria era enterrada nos leitos de grandes rios. A natureza é a força que converge à concentração dos espíritos, permeando as relações que regem essas sociedades, através de meios físicos (água, plantas, solo). A partir dessa interação dos espíritos e do meio físico é possível a compreensão das relações políticas e organizações sociais que se insere em meio as fronteiras espirituais¹⁷⁵.

¹⁷⁴ MACHADO, Humberto F. **Escravos, senhores e café**. Niterói: Cromos, 1993.

¹⁷⁵ HENRIQUES, Isabel Castro. **O pássaro de Mel: Estudos de História Africana**. Lisboa: Colibri, 2003.

Sobre essa relação entre o plano espiritual e a água, Robert. W. Slene destacou a visão banto sobre os espíritos da natureza e sua ligação aos elementos. Ele relata um caso descrito pelo viajante: John Luccock¹⁷⁶. Onde quatro indivíduos africanos em uma embarcação na Baía de Guanabara apresentam o a mesma reação de temor a um objeto crânio de tucuxi. O temor era tão forte que esses africanos estavam prestes a realizar um motim. Ele destaca que, apesar das origens distintas, os mesmos se recusavam a prosseguir viagem. Nas etnografias, existiam profundas semelhanças estruturais. Os umbundos possuíam crenças em espíritos e demônios, entre eles existiam os quitutes ou quiandas¹⁷⁷ que reinavam nas águas e gostavam de árvores e cumes de colinas.

O crânio de tucuxi na Baía da Guanabara remetia a uma presença espiritual. Ele estava relacionado a uma fronteira espiritual. Slenes cita um conto africano sobre a história de uma mulher, que se encontrava com suas filhas. Em um dado momento, se deparam com um crânio de um homem que solicita se casar com a filha mais nova da mulher. Amedrontada, a filha mais velha tentou se livrar do crânio que se transformou em uma Kianda. Este espírito está sempre identificado com a natureza da morte. Alguns contos africanos destacam esse gênio da natureza como um guerreiro que matou um inimigo em batalha e lutou com o senhor do submundo, vencendo a morte. Transformando-se no espírito da morte¹⁷⁸.

Quando Alípio Goulart define o banzo ele o descreve como: aquela irreprimível saudade da pátria distante e para sempre fisicamente perdida. Ele trabalha com o princípio de retorno. Onde os africanos retornariam aos seus respectivos lares graças ao processo de ressurreição¹⁷⁹. Na verdade, não seria um processo de ressurreição,

¹⁷⁶SLENES, Robert. W. **A GRANDE GREVE DO CRÂNIO DO TUCUXI: espíritos das águas centro-africanas e identidades escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro**. In: HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p.201-203.

¹⁷⁷ Em algumas regiões da Angola eram chamadas quiandas: espírito local relacionado às águas. Esse espírito da natureza tinha suas ações relacionadas a morte. Em algumas regiões tanto do Congo como de Angola seu nome varia por ser um espírito local. Entre os quimbudos é conhecido por Kimxumbi, os basundis a chamavam de simbi. Ver: HEYWOOD, Linda. (Org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

¹⁷⁸ SLENES, Robert. W. **A GRANDE GREVE DO CRÂNIO DO TUCUXI: espíritos das águas centro-africanas e identidades escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro**. In: HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. p.201-203

¹⁷⁹ GOULART, José Alípio. **Da fuga ao suicídio — Aspectos de rebeldia nos escravos do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista/Instituto Nacional do Livro, 1972.

seria apenas uma transição. Em África, o mundo dos mortos e dos vivos está em constante entrelaçamento.

Podemos enxergar através das superfícies reflexivas que tangem os dois mundos. Os mortos nunca morrem em África, e por isso que não ressuscitam e são livres para transitar entre os dois mundos, diferentemente dos vivos. O africano viveu através de um prolongamento dos seus antepassados. Ele só concebe a vida em comunidade. Possuindo esta, uma forte ligação social tão intensa que ultrapassa as fronteiras do mundo dos mortos. O elo da criação e Deus estariam presentes na força ancestral. Esse mesmo elo representaria a passagem através dos elementos natureza para a vida espiritual em África.

Na cosmogonia banto, existia um mundo invisível aos olhos. Neste lugar encontrava-se Deus, em segundo plano estariam os antepassados, que possuíam o papel de fundadores dos grupos familiares. A morte era uma passagem desse mundo visível para um mundo invisível. Os laços vitais, não se rompiam, existindo uma linha tênue entre os dois mundos. Quando falamos das interdições ligadas a morte em África, estamos nos referindo aqueles que morrem fora de contexto. Um suicídio interromperia o grande ciclo e romperia a harmonia entre esse mundo material e imaterial¹⁸⁰.

Podemos encarar o ato suicida nesses casos, como um ato de desespero. O suicídio não tem a mesma conotação nas sociedades africanas que em sociedades pautadas sobre uma visão cristã. Decidir a hora de partir, não levaria o indivíduo ao inferno, entretanto seria uma forma ruim de deixar o mundo. A exclusão e a inferiorização do indivíduo escravizado em seu ambiente social, o insere em uma área de risco, propícia a uma opção de morte controlada.

Na data de 18 de fevereiro de 1845 procedeu-se corpo de delito no escravo João que apareceu enforcado em uma das árvores do Campo da Aclamação¹⁸¹.

Na data de, 29 de dezembro de 1836 procedeu-se corpo de delito de um homem preto que se enforcou em um cajueiro na chácara do seu senhor ¹⁸².

As plantas possuem um forte simbolismo e religiosidade. Tinham como missão assegurar os elos com o além. Eram tão importantes na cultura congo-angolana que

¹⁸⁰ ZIEGLER, Jean. **Les Vivantset les Morts**. Paris: Seuil, 1975, p.123.

¹⁸¹ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça**, IJ 204. Rio de Janeiro, 1845.

¹⁸²ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça**, IJ 173. Rio de Janeiro, 1836.

quando morriam, sempre havia uma explicação ligada à espiritualidade. A morte de uma planta significava a ruptura entre os espíritos e o mundo dos vivos¹⁸³. Muitos africanos optavam por determinados tipos de suicídios com o objetivo de facilitar seu retorno à África. Eles acreditam que os ancestrais vivem na terra, nas florestas e nas águas. Justificando alguns suicídios por enforcamento nas florestas. Eles introjetavam a associação entre os espíritos e a natureza¹⁸⁴.

Quando trabalhamos, a escolha de uma forma de partir, em primeiro lugar devemos considerar: a qual lugar estão inseridos os indivíduos dentro de uma determinada sociedade. Este capítulo remete-se a morte dos negros e africanos. Uma morte marcada pela pressa de deixar um mundo, onde seus gritos são constantemente silenciados. Nenhum indivíduo nasce escravo, sendo a escravidão uma construção social. Quando nos deparamos com os métodos escolhidos, podemos concluir que a tentativa de alcançar a liberdade devia ocorrer sem falhas. Quando pegos, havia castigo por infligir a própria morte, então a tentativa deveria ser bem-sucedida. Por isso a escolha por métodos eficazes. O indivíduo escravizado vivia em péssimas condições financeiras, por isso a opção por meios barateados, o enforcamento atinge o primeiro lugar, por possuir essas duas características.

Em segundo lugar, nos deparamos com o afogamento, também preciso para matar e sem nenhum custo, entretanto sua conotação estava além. Havia uma fronteira entre os mundos que se situava no grande Kalunga. A porta de entrada para o outro mundo se situava na superfície reflexiva das águas. Ao partir, não podemos esquecer que não existe, na cultura banto, uma escolha que não se solicite a presença dos espíritos. E as forças espirituais seriam as responsáveis pela imposição da forma de ver e gerir o mundo.

2.6 Quando a partida não importa

Existem padrões que se repetem ao longo de todos os processos estudados, que denotam a falta de importância relativa ao suicida negro e africano. Algumas mortes simplesmente não importam e a falta de informação reflete o grau de destaque

¹⁸³HENRIQUES, Isabel Castro. **O pássaro de Mel : Estudos de História Africana**. Lisboa: Colibri, 2003.

¹⁸⁴KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

associados a essas mortes. Nos processos abaixo, podemos perceber esse explícito silêncio e constante apagamento desses indivíduos.

Na Freguesia de Santa Rita procedeu-se o corpo delito no cadáver de um africano.¹⁸⁵.

Precipitou-se de uma janela a Portuguesa Maria de Tal, mas não teve perigo; suicidou-se a preta Maria¹⁸⁶.

Quando analisamos os dois periódicos, percebemos que o silêncio permeia a alguns suicidas. Na maioria dos casos, enxergamos uma diferenciação entre as pessoas consideradas brancas e aqueles que são vistos como negros. Na segunda fonte descrita acima, Maria de tal possui um nome, um suicídio que apesar das poucas palavras, se mostra mais detalhado. Podemos perceber a necessidade do relato de suicídio e um alívio visível por não ter sido concretizado.

Ao analisarmos o suicídio de negros e africanos nos relatórios policiais, nota-se uma incidência grande numericamente, em detrimento de suicídios de homens livres brancos. Essa análise ocorreu em um processo inverso nos jornais do período. Onde nós encontramos uma espetacularização do suicídio branco. O suicídio negro geralmente é abordado sem as mínimas informações sobre aquele que comete o ato. Sendo considerado nos artigos, como um suicídio sem: nome, motivo, menção a método escolhido em alguns casos ou sequer uma razão para a publicação. O suicídio se faz estratificado, igualmente a morte¹⁸⁷.

Como podemos ver na fonte acima, retirada do próprio jornal: procedeu ao corpo de delito em um africano que se suicidou. Primeiramente o seu nome foi apagado, sabemos que é africano, entretanto não temos informações do seu local de origem, diferentemente de Maria a Tal que era portuguesa. Outro ponto ele não possuía nenhum motivo para o ato. A portuguesa relatada na fonte também não possuía, entretanto sabíamos que se a mesma precipitou por uma janela. O nosso africano somente se suicidou. Ele sofre um apagamento relativo que reflete sobre a importância dada a sua morte e resulta nesse tipo de notícia vaga e pobre em informações. A falta de informação é resultado das políticas que estruturam a morte, que amparando alguns suicídios em detrimento de outros. Para sociedade aquele

¹⁸⁵ Repartição da Polícia, **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 9 DEZ.1842. p.02

¹⁸⁶Repartição da Polícia, **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 26, JAN. 1849, p.03

¹⁸⁷ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

indivíduo, encontra-se em situação de marginalização. Ele não tem um nome, não possui um motivo, não merece ser ouvido. O seu suicídio é justificado pelas condições de vida a ele impostas. O alicerce da sua partida calca-se sobre o olhar de uma sociedade senhorial, onde a sua morte deixa de ter alguma importância¹⁸⁸.

¹⁸⁸MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. dezembro, 2016.

3 QUANDO MORRE UM BRANCO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

O sr. José Vamos, húngaro, de 42 anos de idade, casado, com seis filhos menores, e dono de uma fábrica de chapéus na rua das Violas nº 73, suicidou-se anteontem de tarde, tomando uma dose de ácido hydronico: a morte foi instantânea¹⁸⁹!

Quem são os suicidas brancos, inseridos neste lugar social? Qual seria a história contada por estes personagens? Primeiramente, em sua maioria eram homens. No *Jornal do Comércio*, em 86% dos suicídios apresentados entre os anos de 1830 a 1850, percebemos uma predominância do gênero masculino, em detrimento dos casos de suicidas mulheres com 14% dos números. Percebe-se, um quantitativo similar quanto aos casos de suicidas africanos e negros, apresentando-se respectivamente, os homens e mulheres suicidas com 84% e 16%¹⁹⁰.

No *Diário do Rio de Janeiro*, o protagonismo masculino foi encontrado em 100% dos casos, não apresentando casos de suicidas mulheres. Nos relatos envolvendo negros e africanos, sobre os suicidas, encontramos os homens com um quantitativo de 85% e as mulheres em torno de 15% dos casos¹⁹¹.

Iniciamos, com a construção do perfil da maioria dos suicidas brancos, a partir da história de José Wamosy. Húngaro, tinha 42 anos e proprietário de uma fábrica de chapéus. A notícia sobre sua partida programada continha uma riqueza de detalhes sobre ele e sobre o ato suicida. Ele utilizou por método o envenenamento. Por ser um dono de uma fábrica. Seu lugar de fala reflete “a boa sociedade” a qual pertencia, como podemos ver através da transcrição da fonte abaixo¹⁹².

Wamosy morava com a família, na Rua formosa da cidade nova, dormia há dias na Rua das Violas, a pretexto de estar sem caixeiro. Em todo dia de sábado nenhum indício manifestou do funesto, desígnio que meditava; (...) Levantando-se da mesa, encarregou Wamosy a guarda do armazém ao seu hóspede, enquanto subia ao sobrado para escrever uma carta para sua desditosa mulher. Pedia que lesse a sangue frio, referia-lhe os motivos que o

¹⁸⁹**Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 JAN.1847. p.02.

¹⁹⁰Amostragem retirada do *Jornal do Comércio* entre 1830 a 1850. Foram separados 71 casos de suicídio, onde foram realizadas as porcentagens sobre número de suicídios e gênero descritos por cor. Vide tabela na página 49.

¹⁹¹Amostragem retirada *Diário do Rio de Janeiro* entre 1838 a 1850. Foram separados 68 casos de suicídio, onde foram realizadas as porcentagens sobre número de suicídios e gênero descritos por cor. Vide tabela na página 50.

¹⁹² O conceito de boa sociedade traz a ideia de uma separação em mundos que individualizam a sociedade. A boa sociedade era composta por indivíduos livres, brancos em sua maioria, e economicamente ativos. Ver: *MATTOS, Ilmar Rohloff de. O Tempo Saquarema. 5ª edição, São Paulo: Editora Hucitec, 2004.*

impeliam a cometer um ato de desesperação, os quais se reduzem aos transtornos da vida comercial. Escrita a carta mandou levar a sua mulher e bebeu o veneno. Pouco depois tinha cessado de existir ¹⁹³!

A notícia é rica em detalhes na qual se inserem os endereços de trabalho e de sua casa. A identidade de Wamosy não foi apagada com a sua morte. Ele tinha uma família, um emprego e uma história a ser contada. Quando analisamos uma fonte na qual, o suicida é branco, percebemos o seu protagonismo eminente. Existia busca por uma motivação que o levasse a uma morte programada. Há uma tentativa de se justificar a sua morte, como um ato de desespero e problemas comerciais. As políticas da morte manifestavam-se em torno dessa história, a partir de um princípio de valorização da vida desse indivíduo.

Esses suicidas são aqueles em que a história de suas mortes era contada em detalhes, aqueles que ganhavam o espaço e voz nas páginas dos jornais, diferentemente do suicídio de africanos e negros, onde os dados eram muito escassos, tornando-se impossível de reconstruir suas histórias, em função do silêncio.

Assim sendo, esse capítulo possui uma conotação diferente, ligada ao barulho. Vozes que não foram silenciadas, riquezas de fontes, onde os detalhes excedem. Quando entendemos que as políticas sobre morte e vida se entrelaçam, podemos escrever com uma leveza ampla, a história de pessoas consideradas brancas sobre o olhar repousado, na valorização de uma vida em detrimento de outra. Acreditávamos que estávamos comparando as mortes determinadas pelas cores dos indivíduos neste trabalho, entretanto, as cores estão atreladas ao lugar social. O debate se tornou mais amplo, repousado sobre o olhar das políticas da morte, que giram em torno dos suicidas e de quem mereceria morrer e daqueles que deveriam viver. Porque o suicida negro é apagado? Porque a política que rege a sua vida é a de uma morte ignorada. Uma política, revestida de elitismo que silencia o indivíduo, mesmo diante do suicídio, um ato de liberdade em meio as amarras da escravidão. A proposta deste trabalho seria analisar, esses incomparáveis e opostos comportamentos da sociedade, mediante a morte dos suicidas da “boa sociedade” e dos suicidas negros e africanos escravizados¹⁹⁴. Voltando a análise do suicídio do Húngaro, sobre o olhar repousado no *Diário do Rio de Janeiro*.

¹⁹³**Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 JAN.1847. P.02.

¹⁹⁴DETIENNE, M. **Comparar o Incomparável**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

O infeliz, antes de executar seu horrível projeto escreveu à senhora, e arrumando numa caixinha alguns objetos que a esta pertencia, entregou a carta e a caixinha a um preto, com ordem de levá-las já à rua formosa. Faço ideia da desesperação da desventurada esposa e mãe, ao ler a carta que seu marido lhe participava que sentia muito deixo a ela e a seus filhos, mas que tais eram seus desgostos comerciais, que não tinha outro remédio senão procurar alívio no seio da morte¹⁹⁵.

Quando analisamos o suicídio de José Wamosy, percebe-se que não se diferia muito do relato do *Jornal do Comércio*, quando falamos em um perfil de suicidas brancos. O julgamento se mostra mediante o uso da palavra “infeliz”¹⁹⁶. Criando uma imagem negativa do suicida, entretanto encontramos um apaziguamento na fonte em alguns trechos tais como: “não tinha outro remédio”, “mas tais eram seus desgostos comerciais”.

Analisaremos abaixo, a história de João Manoel Vasconcelos Ribeiro. O seu suicídio ganhou destaque nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, na coluna da Repartição Policial. Ouvimos a sua voz ecoar através de sua carta de suicídio, que ganhou espaço na imprensa e foi publicada na íntegra.

Sr. José Antônio de Oliveira Bastos, meu amo e Senhor. Minha vida tão curta como tormentosa, tem sido um pedaço de desgosto, martírios e tormentos, a que por efeito de resignação e imprecavções ao altíssimo tenho podido resistir; mas, hoje eles transbordam os limites possíveis e minhas forças débeis, cansei de suportar tanta amargura sucumbo sem remédio. Sempre preseí a minha honra, como meu principal dever, como a vereda que guia o meu caminho da felicidade (...) soube ilaquear minha boa-fé, subtrair-me a meus deveres e cavar minha sepultura enfim¹⁹⁷!

Os suicidas desafiam a ordem natural da vida, rompendo com o pacto social de viver regidos sobre os seus relógios biológicos, decidindo a hora exata da sua partida. Os desafios e contradições de um suicida se fazem presente através de sua voz. Se a morte é o fim, qual seria a finalidade de uma carta de suicídio? Ao cavar a sua sepultura prematuramente, a sua voz ecoa, por meio de sua carta, redigida para o momento fatídico. Aquele que comete o suicídio precisa se justificar com o mundo. O constante julgamento e a desmoralização mediante aqueles que optaram por esse tipo de saída, mostra-se constante no âmbito social. A carta de suicídio seria a

¹⁹⁵**Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 18 JAN.1847. P.02

¹⁹⁶LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012- A questão da criminalização do suicídio.

¹⁹⁷Joaquim José Moreira Maia, Repartição da Polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 14 fev.1846. P.02. Carta de suicídio divulgada de João Vasconcellos Ribeiro.

redação de um plano de defesa contra o tribunal, ao qual não se pode fugir, nem depois da morte: a sociedade.

No dia, 10 de fevereiro, no ano de 1846, João Manoel Vasconcelos Ribeiro se suicidou com um tiro de pistola. Ele possuía residência fixada na travessa da Candelária, número 34. Sua profissão era caixeiro viajante e trabalhava para o senhor Antônio de Oliveira Bastos. Em sua carta, ele menciona seu empregador, ao qual endereça suas motivações para o ato extremo. Uma justificativa para aqueles que ficam. Uma busca por expor a obscuridade que o fez envereda-se por esse caminho. Ele relata o quanto era difícil suportar a amargura e que não havia remédio para sua desonra. Por fim, após perder a sua fé nas pessoas, opta por subtrair-se dos seus deveres, através do ato suicida.

A partir da fala de João Manoel Vasconcelos Ribeiro, iniciamos este trabalho com a voz que ecoa de sua carta suicídio. Seu perfil se encaixava no que caracterizava um membro pertencente à “boa sociedade”, ou seja, branco, livre e economicamente produtivo. Entretanto, o suicídio era um mal que atinge a todas as classes sociais. Até que pontos os suicídios são semelhantes? Em qual entrelaçamento se diferem? Esse processo no qual as cores determinam qual história deve ser contada. Essa é uma das premissas aqui apresentadas, ao longo desta trajetória até a sepultura do suicida. Na fonte abaixo, daremos prosseguimento à análise da carta de suicídio de João Vasconcelos Ribeiro:

Alguém me exigiu empréstimo de uma quantia a que sempre me esquivei emprestar. Alegando não poder servir, não obstante toda minha negativa, forçoso me é confessar, doloroso me é dizer o, cai, qual inocentemente passarinho, no laço do armado por mãos traidoras. Vítima da minha fragilidade, tarde me arrependo, mas o mal está sem remédio muito longe dos meus desejos. Debalde procuro aquele que me iludiu, porque sua porta fechada sumiu-se. (...) Em transe tão perigoso, resolvi por termo a uma vida tão desgraçada, suicidando-me¹⁹⁸.

As motivações de um suicídio refletem geralmente, uma tentativa de solucionar situações contraditórias, que surge mediante a imersão do indivíduo em sociedade¹⁹⁹. O suicida se encontrava inserido em uma sociedade conservadora onde culturalmente a desonra pode ser considerada uma forte motivação para o ato suicida. Ao analisarmos o relato, percebe-se que, através de um empréstimo a alguém, houve um

¹⁹⁸Joaquim José Moreira Maia, Repartição da Polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 14 fev.1846. P.02. Carta de suicídio divulgada de João Vasconcelos Ribeiro.

¹⁹⁹ Ver: RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006, p.94.

endividamento que o desonrou. Em meio ao caos e a desonra e por não conseguir encontrar seu beneficiário que fugiu com suas economias, o nosso personagem da vida real decide por matar-se. Inicialmente, analisando a carta podemos pensar que ele seria apenas motivado por problemas financeiros, o que o levou a essa opção, entretanto traz como pano de fundo a questão da desonra. Como justificar aos credores? Como viver mediante a desonra?

Outro ponto de inflexão importante está na ideia de sempre justificar a morte de alguma forma. Toda carta de suicídio em sua maioria apresenta uma tentativa de esclarecer aos vivos o motivo do morto. Porque essa necessidade de esclarecimento e justificativas se ao partir a morte, encerram-se os ouvidos? A carta suicida não é um desabafo, mas sim uma forma de se justificar socialmente. A carta tem a incumbência de nos auxiliarem em relação ao outro e através da mesma nós temos o poder de: aconselhamos, exortamos, consolamos. “Escrever é, portanto, 'se mostrar', se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”²⁰⁰. O ato de escrita uma carta por um suicida, pode ser sua última chance perante a sociedade e em meio à história de arquivar a sua própria vida. Resistindo a imagem que os outros criaram após sua morte, evitando a alteração da imagem de si mesmo mediante ao mundo. A carta suicida é um grito de adeus, imbuído naquele que a escreve, contendo um fragmento do que ele foi antes de decidir partir. O princípio da integridade física, não tolera a invalidação da personalidade social do indivíduo, a qual mediante a condenação coletiva se transforma em uma espécie de carrasco para os demais²⁰¹. Na continuação da carta abaixo, publicada no Diário do Rio de Janeiro, se faz presente as justificativas que levaram o suicida ao ato extremo.

Não é sem horror, sem remorsos, sem temor a Deus, que assim ouse me expressar, mas é esta a única maneira de provar quanto o tinha em crédito que sirva de exemplo a minha morte aos incautos, que como eu não sabem se desviar da malícia e hipocrisia dos maus, que é de que o mundo se compõe. (...). Rogo-lhe mais um favor de remeter a inclusa a meu pai, conforme a direção indica e se for possível relatar-lhe meu desditoso fim²⁰².

²⁰⁰FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: PATSCHIK, Lucas. **Últimas palavras... A carta de suicídio como fonte histórica**. Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2014. Florianópolis. p. 154-156.

²⁰¹RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006, p.93.

²⁰²Joaquim José Moreira Maia, Repartição da Polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 14 fev.1846. P.02. Carta de suicídio divulgada de João Vasconcellos Ribeiro.

Os escritos de um suicida são para os vivos e são bem direcionados. Nesse caso, temos uma carta endereçada ao patrão do suicida, no qual ele se justifica quanto ao ato, ao pai e podemos notar que há uma terceira pessoa não citada: a sociedade. A mesma se faz presente quando ele tenta aconselhar para que outros não caiam na desonra através da frase: não sejam enganados. Ele se faz de exemplo, para que outros não venham a se enveredar pelos mesmos caminhos. Raramente, nos deparamos com cartas de suicidas que incentivam a membros da sociedade a se matar. Ele descreve que não comete o suicídio sem horror, sem remorso e como podemos perceber sem o temor a Deus.

O suicídio dele foi consumado com tiro de pistola. Podemos compreender que ele não era um homem pertencente a uma camada social inferior. A maioria dos suicídios de indivíduos com condições financeiras relativamente humildes ou de escravos tinham por práticas o uso de armas mais acessíveis. A pistola era um artigo caro e por isso limitava os seus casos. Existiam inúmeros suicídios por baração (enforcamento com fios de seda), nota-se que a opção da maioria girava em torno da acessibilidade. O enforcamento era algo que não custava caro e o método preferido das camadas mais populares, incluindo também os negros e africanos nesta análise.

Outro ponto interessante é que o suicida afirmou que não cometeu o suicídio sem o temor a Deus. Temos um indivíduo de um grupo intermediário, provavelmente, de religião católica. A prática suicida era considerada um pecado de extrema gravidade. Segundo a doutrina tradicional ensinada nas Igrejas, Judas por ser suicida, seria o único seguramente a estar no inferno. Ele não conquistou esse lugar, a partir da traição a Jesus e sim por tirar a sua vida. Tinha-se a vida como algo dado por Deus e somente por ele retirado, sem rompimentos no ciclo natural. As interdições aos suicidas sempre foram algo comum. Na idade média, permitia-se a mutilação do corpo suicida, a confiscação de seus bens e a privação de sepultura em solo sagrado, além da recusa a preces e a qualquer intenção para esse indivíduo²⁰³.

A visão sobre o suicídio se faz bem clara nos jornais. Como podemos ver a partir da matéria intitulada: Suicídio legal no Japão, no *Diário do Rio de Janeiro*, onde encontramos algumas visões latentes sobre a temática.

Numa carta do Jesuíta Gaspar Villa escrita no Japão em 1557 e o impresso publicada lê-se a seguinte descrição do suicídio legal (...). O costume de rasgarem o ventre dos nobres criminosos é tão corrente que, sendo de a regra

²⁰³RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006, p.94

fazerem esta execução vestidos com suas ricas roupas, todos os oficiais civis e militares trazem consigo, até viajando, os trajes mais decentes que tem para o que der e vier. O hábito de se matarem faz com que os japoneses sejam extremamente ousados e desprezadores da vida. Como os europeus tem a mania dos desafios, os japoneses têm a coragem de rasgarem as entranhas por qualquer afronta que lhes façam ²⁰⁴.

Primeiramente, temos análise do suicídio no Japão onde não era um ato criminalizado, tendendo ao natural. Mediante a isso, percebemos o incômodo do escritor, ao relatar sobre essa naturalidade e a utilização das melhores roupas para o ato. Em segundo lugar, encontramos uma depreciação dessa cultura, construída em torno da figura do japonês, onde eles eram adjetivados como desprezadores da vida. Despojar de algo que nos pertence nos tornar desprezadores? É interessante como a visão social brasileira criminaliza o suicídio até onde ele se faz rotineiro à realidade dos indivíduos inseridos na cultura nipônica.

Ao analisarmos o suicídio, podemos perceber uma diferença primordial atrelada a essa opção de morte: a criminalização. Algo repudiado na maioria das instancias sociais, vislumbrado como um ato criminoso, passível de uma punição social e espiritual. A vida não pertence ao suicida, pertence a todos. E o mesmo não pode se desfazer dela. Esse atentado contra si é passível de punição dentro do âmbito social. O suicida não tem direito a um túmulo nas mais diversas culturas. Seu ato extremo é associado à insanidade quando nos deparamos com relatos em jornais e em outras fontes. A sociedade os pune, mesmo após a morte devido ao instinto de autopreservação que permeia.

Nas histórias abaixo, temos quatro casos de suicídios que ocorreram no mesmo dia, publicados no *Diário do Rio de Janeiro*. O primeiro Manoel José Baptista Ferreira Guimarães que era caixeiro da fábrica de velas. O segundo Antônio José Machado Corrêa, comerciante de uma loja que se suicidou com um tiro de pistola. No terceiro caso encontramos Ricardo Joaquim de Carvalho, embarcadiço que se suicidou com um tiro de pistola. Já o quarto envolveu José Martins Teixeira, 1º sargento da 6ª companhia do Regimento de cavalaria.

Pelo 3º distrito participa-se que se suicidou com uma faca, no dia 7 corrente, das 3 às 4 horas da tarde, Manoel José Baptista Ferreira Guimarães, Brasileiro adoptivo, caixeiro da fábrica de velas da rua da Alfandega n° 339²⁰⁵.

²⁰⁴Panorama, Suicídio Legal no Japão. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 13 AGO.1838. p.01.

²⁰⁵ Repartição da polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 10 FEV.1841. p.02

Foi ontem o dia dos suicídios!

O Sr. Antônio José Machado Corrêa, com uma loja de fazendas na Rua da Quitanda, suicidou-se com um tiro de pistola. Preparou-se para a morte, fez testamento no dia antecedente; ontem ouviu a missa, despediu-se dos amigos e, termo a vida. Atribui-se a embaraços comerciais, provenientes da paixão desenfreada por loterias.

O senhor Ricardo Joaquim de Carvalho, embarcadiço suicidou-se com um tiro de pistola. Supõe-se que a causa deste suicídio foi falta de meios.

Tentou igualmente contra a vida o Sr. José Martins Teixeira, 1º sargento da 6ª companhia do Regimento de cavalaria. Era sem nota do exército e não se sabe que causa o levou a este ato de desesperação. Não morreu logo, e não há esperanças de salva-lo²⁰⁶.

Sobre o suicídio de Manoel José Baptista Ferreira Guimarães, percebe-se toda uma desenvoltura e a necessidade de expor todos os detalhes em um antes e depois de sua morte. Na notícia, vemos que ele possui um nome, uma profissão, ele era caixeiro da fábrica de velas. Sabemos até o endereço do seu trabalho na Rua da Alfandega.

No *Diário do Rio de Janeiro* constam três suicídios coletivos, noticiados no mesmo dia. Eram pessoas da elite e brancas, com detalhes referentes às suas mortes. Antônio José Machado Corrêa possuía o enredo de sua vida descrito. Ele era comerciante, tinha por motivo para o ato suicida: os problemas financeiros descritos na matéria. O noticiário explicitou os detalhes de seu ritual de preparo, anteriormente a sua morte programada. O comerciante fez um testamento no dia anterior, despediu-se de seus amigos e assistiu a missa. A ideia de construção de uma imagem anterior a sua morte programada é permeada pela concepção dos ritos funerários. O luto é parte fundamental de uma conduta cultural que visa estabelecer, a constituição de uma memória coletiva em relação ao morto²⁰⁷. O luto é estabelecido pelo suicida através dos ritos de passagem e se mostra presente no noticiário, através de toda a descrição da despedida de Antônio José Machado Corrêa.

No segundo caso, não há um detalhamento mais profundo, entretanto sabemos o nome do indivíduo, profissão e motivações para o ato. Ricardo Joaquim de Carvalho era embarcadiço e se matou por falta de recursos financeiros.

No terceiro caso, encontramos José Martins Teixeira, 1º Sargento do Regimento de Cavalaria. Embora não se saiba o que impulsionou a cometer suicídio, o noticiário demonstrou interesse sobre o caso, mencionando que o Exército não

²⁰⁶ Repartição da polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 10 FEV.1841. p.02

²⁰⁷ MEDEIROS, Márcia Maria. **Concepções Historiográficas Sobre a Morte e o Morrer: Comparações Entre a Ars Moriendi Medieval e o Mundo Contemporâneo**. Revista Virtual: Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História, V. 5, n°. 6, 2008. Definição de Luto.

emitiu nenhuma nota sobre as motivações para este suicídio. E questionou: qual seria ato de desespero que levou este militar a pôr fim em sua vida? Quanto a esse o caso noticiado nota-se a importância do estado do suicida, descrito detalhadamente. Ele estava em estado grave e não morrerá ainda, porém não havia o que fazer a não ser aguardar a morte.

Determina-se a importância de uma vida a partir da camada social ao qual o indivíduo pertencia, por meio das fontes que veiculam a sua morte e das circunstâncias que regem essa morte. As políticas da morte estruturam e regem essas relações, definindo o luto que se prestaria ao suicida. A banalidade da morte, não se aplicava nesses casos. A boa sociedade refletia na morte os seus pilares em vida. Os mundos nessa sociedade interpenetravam-se, mas se confundiam. Alguns suicídios mereciam a voz e outros o silêncio.

3.1 A motivação: o suicida e a história apresentada

Quando um branco decidia partir prematuramente, mil motivos são descritos, as palavras de pesar apresentam-se nas descrições dos casos e uma história se faz apresentada nas páginas dos jornais. São partidas que importam, permeadas por uma política de preservação. A tabela abaixo, retirada *Diário do Rio de Janeiro* entre 1838 a 1850, nos informa os nomes e as motivações para o ato suicida.

Tabela 4 - Nomes e motivações para o ato suicida²⁰⁸.

Suicidas Brancos	
Nomes	Motivações
-	Moléstia, problemas financeiros e familiares
Crispim	-
José Ferreira de Macedo	-
Ferran	Arrependimento por matar a amante
-	Problemas financeiros
José Manuel de Oliveira Coelho	Problemas financeiros
Claudomir	Problemas financeiros

²⁰⁸Amostragem retirada do **Diário do Rio de Janeiro** entre 1838 a 1850. Foram separados os casos de 28 suicidas brancos que possuem motivação para o ato descrita.

João Baptista Damos	Distúrbio psicológico
Lancelot AndrenWille	-
Rummers	Encontrou o esquife para o descanso
João da Silva e Almeida	-
Salvador	-
Antônio Rodrigues Coelho	-
Antônio José de Carvalho	-
Felix José dos Santos	Problemas financeiros
Antônio Joaquim da Silva	-
José Alves da Silva	-
João Manuel de Vasconcelos Ribeiro	Desonra e problemas financeiros
Francisco José da Silva Guimarães	-
José de Souza Peixoto	-
José Wamosy	Problemas financeiros
José Maurício de Oliveira Maciel	Problemas financeiros
Antônio José Villela	-
Mr. Gouim	Problemas financeiros
Antônio José Machado Correia	Problemas financeiros
Ricardo Joaquim de Carvalho	Problemas financeiros
José Martins de Teixeira	-

Fonte: Diário do Rio de Janeiro. (1838-1850).

A partir da tabela acima, podemos constatar que em 28 casos de suicídios de pessoas consideradas brancas, encontramos a descrição da motivação em 14 casos (50%) dos casos. Analisaremos essa informação e utilizaremos para comparação, relacionando a informação da tabela acima aos dados anteriores nos casos relatados sobre as motivações para os suicídios de pardos, negros e africanos no capítulo 2 desta dissertação.

Sobre as pessoas pardas somente 2% possuem uma motivação. Não existe nenhuma motivação para o ato relacionado aos indivíduos negros ou africanos. Dos 33 casos relacionados a negros e africanos, nenhum possui nenhuma motivação descrita. As fontes silenciam-se com relação a motivações dos negros e africanos, entretanto o mesmo silêncio não se faz presente sobre casos envolvendo pessoas brancas em 20% dos casos há uma motivação descrita. Lembrando que somente 22% dos casos tiveram uma motivação descrita nos jornais²⁰⁹.

A tabela acima baseada no *Diário do Rio de Janeiro* (1838-1850) reflete informações. Primeiramente, em 28 casos analisados, nos deparamos com 11

²⁰⁹Comparação desta tabela 14 (constando os nomes e motivações para o ato suicida brancos) com Gráfico 3: Número de suicídios e motivação descrita (%) na página 72.

indivíduos que optam pelo suicídio devido aos problemas financeiros. Existem aqueles que não tinham uma motivação mencionada separados por 14 indivíduos. Nos casos por distúrbios psicológicos encontramos um caso. Nas motivações por arrependimento nos deparamos com mais um caso. E por fim, um suicídio planejado no qual a motivação era encontrar um esquife perfeito.

Na fonte abaixo, retirada do *Diário do Rio de Janeiro*, no dia 25 de janeiro de 1844, encontramos o caso do Senhor Felix. Sua motivação para o suicídio se relacionava à situação financeira em que se encontrava. Na maioria dos casos de suicidas brancos existia um perfil de motivação atrelado à falta de recursos financeiros. Já mostrada na tabela acima, como um dos principais motivos para o ato suicida de pessoas brancas.

Hoje pelas sete horas da manhã apresentaram-se em casa do senhor Felix José dos Santos, antigo negociante, morador na Rua do Sabão da cidade nova, n° 102, alguns oficiais de justiça com um mandado de penhora por parte de Mr. Fontaine. O senhor Felix lhes rogou para que demorassem a penhora, e não sendo atendido fez voar o cérebro com um tiro de pistola. Este desgraçado ancião, que há tempos via seus negócios em apuros, deixa uma viúva inconsolável, e quatro filhos ²¹⁰.

O que Felix e Wamosy têm em comum? São homens de prestígio social e financeiro, um é dono de uma fábrica de chapéu e outro um conhecido negociante. Os dois pertencem a uma elite e sua motivação para suicidar-se é fruto dos dissabores financeiros. A raça considerada “branca” vai se organizar na antiga colônia, espelhando a estratificação social existente em Portugal na época dos descobrimentos. Os negros, índios e mestiços mantiveram-se a parte da ordem estamental. Dessa forma, eram uma subordem de castas, em relação ao núcleo estamental²¹¹. A dinâmica econômica da região, no caso do Rio de Janeiro, estruturou-se a partir da separação entre dois mundos: um branco e um negro. O primeiro sob o status de privilégio, político e social e com um acesso a cidadania; o segundo regido pelo mundo do trabalho, ponto de alimento a rede de serviços urbanos e o retrato da exclusão enquanto cidadão.

No relato abaixo da repartição policial, publicado no *Jornal do Comércio*, nos deparamos com um suicida branco em condições diferentes. “Na freguesia de

²¹⁰ Suicídio. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 25 JAN.1844. p.02.

²¹¹ ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro**. Petrópolis. Vozes, 1988.

sacramento se suicidou com um baráço o francês Nicolau Jacob Preaux, no qual se procedeu o corpo de delito²¹²". Sobre Nicolau Jacob Perau não encontramos muitas informações sobre seu suicídio. A falta de dados reflete o local de fala deste indivíduo. Podemos inferir que era um imigrante de poucos recursos, analisando o silêncio que repousa sobre seu suicídio no jornal.

Aqueles que possuem visibilidade nos jornais, na maioria dos casos, pertenciam à elite branca. Raramente encontramos casos de suicidas explicados detalhadamente, quando se trata dos indivíduos menos abastados, como é o caso de Nicolau Preaux. Sabemos pouco ao analisarmos a fonte. Não há uma profundidade nos fatos relatados. Diferente dos demais relatos de suicidas brancos, não há um endereço, não sabemos a sua profissão, ou a sua motivação. A descrição é bem sucinta. Somente sabemos sua nacionalidade, seu nome e o método por ele utilizado para cometer suicídio: o baráço. Ele remete a uma condição de vulnerabilidade econômica do suicida, revelando claramente a qual camada social esse indivíduo pertence.

Na tabela abaixo, vamos nos deparar com as motivações de suicidas brancos, mas sobre a perspectiva do *Jornal do Comércio*. Os casos novamente revelam uma discrepância sobre as motivações em relação aos indivíduos negros e africanos. Novamente nos deparamos com um silenciamento quanto a esse grupo social.

Quando trabalhamos com as motivações sobre a perspectiva do *Jornal do Comércio*, a princípio não há uma mudança significativa no que tange às principais motivações para o ato suicida.

Tabela 5 - Nomes e motivações para o ato suicida²¹³.

Suicidas Brancos	
Nomes	Motivações
Henriqueta Maura	Abandono do marido e problemas financeiros
Antônio Joaquim Pereira	Sofria de uma moléstia que o incomodava
Manoel Batista Ferreira Guimarães	-
General Lavalle	-
Felix José dos Santos	Problemas financeiros
Jaime	-

²¹² Repartição de polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 25 DEZ.1845. p.02

²¹³ Amostragem retirada do **Jornal do Comércio** entre 1830 a 1850. Foram separados 29 casos de suicídio constando: nome e a motivação para o ato suicida.

Miguel Antônio dos Santos	-
Antônio Joaquim da Silva	-
Tristão José de Brito	Alienação
José da Silva Bastos	-
Nicolao Jacob Preaux	-
Rodolfo Borel	-
José Wamosy	Problemas financeiros
Luiz Manoel Azevedo	-
João da Cunha Valle	-
Maria da Glória Lousada	Alienação
Antônio José Peixoto	-
Conde Motesquieu	Problemas financeiros- dívida de jogo
Trollope	Embriaguez constante
Senhor Praslin	-
Conde de Bresson	Moléstia
Joaquim José Monteiro Amaraute	-
Domingos José Martins	-
José Alberto Klier	Problemas financeiros
Marcolino de Souza	-
Joaquim Alberto Barudo	-
Duarte Dias	Cogita várias hipóteses para o suicídio, no fim Fala sobre a influência de leitura de Romances no ato.
Antônio José Machado Corrêa	Embaraços Comerciais
Maria de Tal	-

Fonte: Jornal do Comércio. (1830-1850).

No *Jornal do Comércio*, encontramos 29 casos registrados de suicidas brancos identificados. Das motivações apresentadas, os casos relacionados à saúde são 4, os problemas financeiros apresentam um quantitativo de 6 suicídios que indicam essa motivação, temos 1 caso por embriaguez e também um que envolve como motivação de leitura de Romances no ato. Em 12 casos existem motivações presentes, em 17 casos não há uma motivação informada. Temos como principais motivações para o suicídio de brancos, novamente os problemas financeiros em primeiro lugar e em segundo casos envolvendo moléstias, como o caso publicado no jornal registrado abaixo:

Ontem às 10 horas da manhã se suicidou com um tiro de pistola um dos capitalistas desta Praça do Porto, Antônio Joaquim Pereira: Motivo foi sofrer a anos de uma moléstia que muito o incomodava. Deixou uma carta a sua mulher, e algumas aos seus amigos, e sobre a escrivanhinha um bilhete que

dizia: Fui eu que me matei hoje 6 de fevereiro de 1840, por não poder sofrer mais - Antônio Joaquim Pereira²¹⁴.

Ele deixou uma carta, relatando sua dor. Não suportava mais uma moléstia de anos. Seu nome era Antônio Joaquim Pereira, comerciante e tinha boas condições financeiras. Podemos intuir isso sobre ele devido à exposição de sua breve carta, na qual ele data e afirma a hora que se matou, além disso, ele descreve o motivo que o levou a atirar contra si mesmo. A motivação era sofrimento devido a sua saúde debilitada.

Os jornais trouxeram à tona as motivações que interessavam e atraíam ao público. O silêncio, repousado no suicídio de um negro ou africano escravizado, era apenas um reflexo da banalidade da morte. Enquanto força de trabalho, eles importam. A partir do momento em que perdem essa função, através do ato suicida, a sua morte passa a não requerer explicações ou qualquer detalhamento. Quando se trata da morte de uma pessoa branca temos outra interpretação na qual destacam-se dois tipos de suicida: O branco pertencente à elite e o branco que estava inserido nas camadas sociais inferiores. Para que haja a voz e a visibilidade aos suicidas em suas mortes relatadas nos jornais é preciso que haja a junção de dois elementos: uma classe elevada economicamente (status financeiro) e serem brancos (lugar social).

Na fonte abaixo, temos um caso publicado no *Diário do Rio de Janeiro*. Ele conta a história de um imigrante de nome Salvador. Ele tinha origem humilde, residindo no sótão de um barbeiro. Possuía vício em drogas, utilizava-se do ópio para sair de sua realidade. Matou-se com um tiro na cabeça. O que podemos perceber é que o lugar social influi na visibilidade do suicida nos jornais.

No Passeio público hoje ás 3 horas da tarde, um estrangeiro que se diz ser italiano de nome Salvador, idade de pouco mais ou menos de 30 a 40 anos, morador na Rua do Cano n° 36, em casa ou sótão de um barbeiro, se suicidou dando um tiro de pistola na cabeça: procedeu-se o corpo de delito e exame do que trazia consigo, encontrando-se uma algibeira, uma caixinha de fósforo e um pequeno vidro contendo duas gotas de ópio, e em um dos bolsos do colete um quarto ou oitavo de papel almaço com o nome da rua e n° da casa; na algibeira esquerda da calça uma pistola carregada, a qual se descarregou por ordem do juiz ²¹⁵.

Mesmo o branco considerado pobre possuía mais visibilidade que negros e africanos quando descritos nos jornais. Na fonte acima, mostra alguns dados para

²¹⁴**Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 27 MAR.1840. p.02

²¹⁵Post-scriptum. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 04 FEV.1842. p.02

identificar o suicida tais como: nome, idade e o endereço. Dados esses que tornam o indivíduo o mais realista possível aos leitores. Há um detalhamento maior sobre o método escolhido, objetos pertencentes ao indivíduo, entretanto não passa de uma descrição mais detalhada. Não há sinal algum de uma escrita que traspasse qualquer sentimento de perda sobre Salvador, entretanto podemos conhecer um pouco de sua história. Onde ele morava, seus vícios, o método que escolheu ao se suicidar. Ele ainda vive através do relato de sua morte de forma descritiva nos jornais.

No relato a seguir, publicado no *Jornal do Comércio*, temos o suicídio de Duarte Costa e uma busca incessante por uma explicação do por que ele escolhera esse caminho de uma morte programada.

Aqui se suicidou um destes dias um dos moços de mais esperanças que o Rio de Janeiro. Tinha vindo ultimamente a Paris. Chamava-se Duarte Dias. Não foram embaraços financeiros que o obrigaram a tomar esta funesta resolução; não foi desesperação amorosa, porque não tinha de que queixar-se por esta parte; não foi existência miserável em consequência de moléstia incurável e dolorosa; parece que a leitura de romances lhe desarranjara a cabeça, em tal hipótese pouco segura.²¹⁶

Um rapaz branco, pertencente a uma elite na qual podemos atribuir uma política de controle pela vida²¹⁷. Nos relatos detalhados, podemos perceber a intensidade da perda desses indivíduos. Com uma história bem contada e emoções que traduzem uma política de preservação contra o ato desses suicidas. O interesse em contar a história desse indivíduo pertencente a uma elite se faz presente na fonte acima. Percebe-se a emoção pela perda através da frase “um dos moços de mais esperanças que o Rio de Janeiro”. Um indivíduo que possuía uma importância, a política, atrelada à ideia de controle e preservação da vida, se mostra por meio da busca de uma justificativa. É preciso existir um motivo para Duarte Costa partir. Várias motivações para o ato são propostas: os problemas financeiros que logo são descartados, a doença que é eliminada logo de cara, os problemas amorosos que são considerados inexistentes. Sua história é contada com um enredo, um personagem principal. Ele representava a alguém que nunca deveria ter partido.

Podemos constatar que os casos, em sua maioria relatados nos jornais são referentes a uma elite considerada branca. A diferença se faz gritante no modo de

²¹⁶ *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10 NOV. 1848. p.02.

²¹⁷ LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012

descrever os suicídios referentes aos Indivíduos. No caso dos escravos, nos deparamos com uma escrita pobre e nas notícias constam na maioria dos casos: o meio utilizado para o suicídio, o nome do senhor, em alguns casos o nome do escravo e o local que cometera o ato. Quando se trata de homens livres de camadas inferiores as notícias descrevem: o nome, nacionalidade, a ocupação, local sobre o qual foram praticados o suicídio e o método utilizado. Ao falar-se de uma elite branca a situação muda totalmente de figura. Há uma diferença de grandes proporções nas narrativas desses suicídios, nas quais eram citadas as informações detalhadamente, os motivos são indagados ou comentados de maneira enfática. Há frases que denotam o pesar e trazem condolências à família²¹⁸. Em resumo, temos a percepção de que está morte se faz sentida, uma lástima a sociedade, ou seja, uma vida que importa.

3.2 A escolha ao partir define quem somos: o que o método revela

O Senhor José Alberto Kilier, jovem professor de música de grandes esperanças, suicidou-se anteontem atirando-se no mar no meio da nossa Baía. A seguinte participação dirigida ao Senhor conselheiro chefe de polícia da todos os pormenores sobre esse lamentável acontecimento, atribuído geralmente a embaraços pecuniários²¹⁹.

Quando analisamos esse relato, podemos construir um perfil desse suicida. Ele era professor de música. Sua morte parece causar impacto, percebemos isso ao nos deparamos com a frase “é lamentável”. Foi uma morte que impactou aquela sociedade tendo em vista que podemos considerar esse indivíduo pertencente às camadas mais abastadas. Ao indagar sobre o que levaria esse indivíduo a cometer tal ato, o colunista afirmou que provavelmente seria por problemas financeiros. A importância de se construir uma história em torno do suicídio de Kilier, nos revela o lugar de fala a que ele pertence. O poder (condição social favorável), em alguns casos se apropria da morte, construindo mártires e heróis, aqueles que merecem ter sua história contada e se enquadram dentro desse modelo de morte²²⁰.

²¹⁸OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, n.º. 2, 2008.

²¹⁹**Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 MAI.1848. p.02

²²⁰RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

Os impressos analisados eram direcionados a um determinado público. Eram escritos para uma elite branca e de gênero masculino. Devido a esse fato, existia uma centralidade desse estereótipo de personagem na publicação. Os suicidas que tem a sua história revelada e detalhada, refletindo os leitores desses jornais como em um espelho. Continuaremos a análise da morte do professor de música.

Ontem 16 do corrente, pelo meio dia, na barca que saiu da corte para Niterói, chegando ao meio da baía pouco mais ou menos, lançou-se ao mar um passageiro, que no momento disseram se chamar de Kilier, o qual trajava bem, deixando antes de lançar-se ao mar: chapéu, relógio, guarda chuva e uma carteira contendo 9\$000 reis. em notas e mais alguns papéis, o que foi entregue ao subdelegado de Niterói. Foi imediatamente lançado ao mar o bote da barca, a fim de salvá-lo, se fora possível, e aproximando-se ao indivíduo que ainda boiava, este deixou-se ir para o fundo²²¹.

Sua forma de partir se diferenciava de certa forma, ele escolheu mergulhar da vida para a morte. A maioria dos suicidas, que pertenciam a uma elite, escolhiam métodos eficazes e rápidos e devido ao poder aquisitivo que possuíam, eles optavam pelo uso de armas ou de veneno. Kilier escolhe partir de uma forma diferente. A morte no mar era uma de função sem sepultura. Em muitas culturas, a morte sem terra, significa virar alma penada. No interior do Brasil, se reza constantemente pelas almas das ondas do mar, ou seja, aqueles que morreram afogados no mar²²².

Em alguns casos, podemos encontrar relatos sobre o terror que era morrer afogado. O negociante carioca, Joaquim Luís de Araújo frequentemente realizava viagens para Portugal. No testamento por ele deixado em 1823, encontramos o seu registro sobre o terror que era para ele morrer no mar. Ele afirmava: que esperava na misericórdia divina morrer em terra. Passados três anos, morreu afogado no mar. A motivação para uma morte em terra firme, advinha da necessidade de ser enterrado em um local sagrado²²³.

Quem seria Kilier? Um professor, um artista, um homem que rompe com as imposições sociais e religiosas. Deixou tudo de valor para trás, seus objetos pessoais mais preciosos. Pulou nas águas da Baía de Guanabara, escolheu uma morte sem lápide. Despediu-se desse mundo de uma forma distinta aos demais, pertencentes ao

²²¹**Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 MAI.1848. p.02

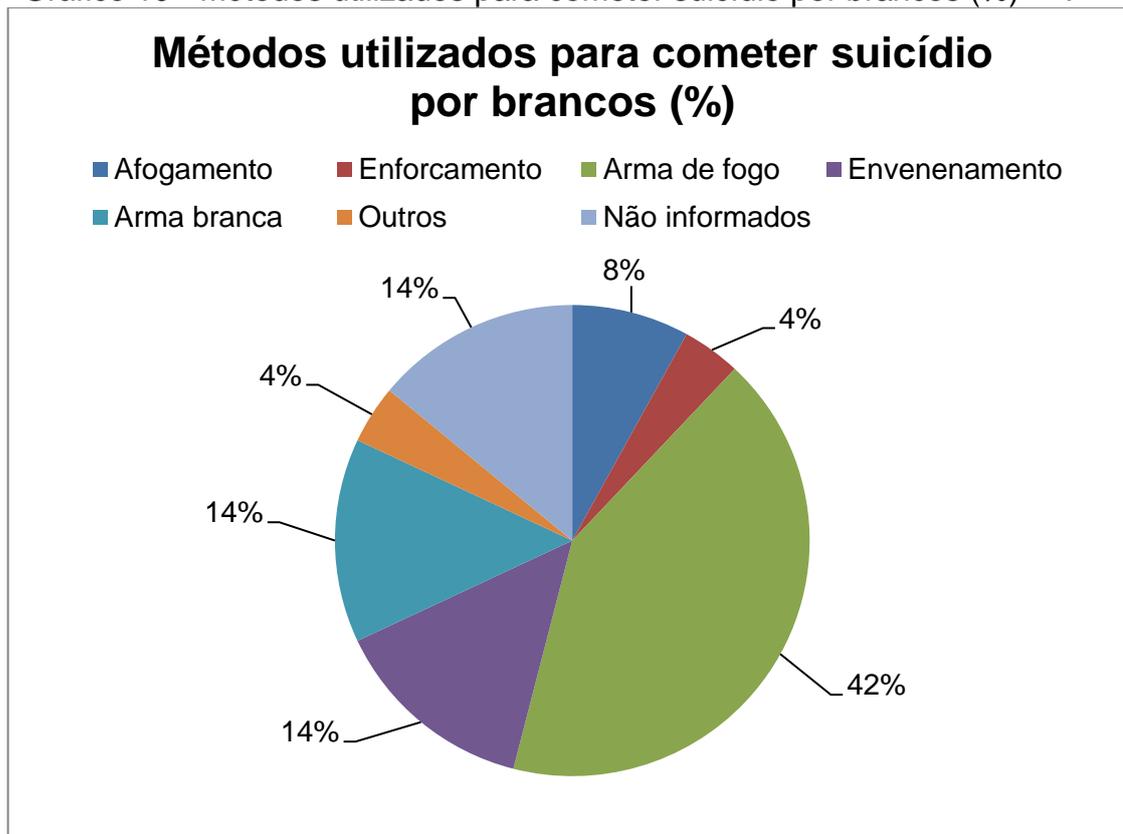
²²²REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

²²³REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

seu lugar social. Não queria uma morte eficaz, não utilizou os meios mais letais e mais rápidos. Mergulhou em meio ao adeus.

Na tabela abaixo, utilizaremos uma amostragem do *Diário do Rio de Janeiro*, com 28 casos de suicídio de indivíduos considerados brancos e os meios utilizados por eles para cometer suicídio (%).

Gráfico 10 - Métodos utilizados para cometer suicídio por brancos (%) ²²⁴.



Fonte: Diário do Rio de Janeiro. (1838-1850).

Quando analisamos a tabela, elaborada a partir dos casos publicados no Diário do Rio de Janeiro, podemos perceber que o meio mais utilizado pelos indivíduos considerados brancos seria a utilização de armas de fogo com o quantitativo de 42%. Em segundo lugar, encontra-se a utilização de armas brancas e do envenenamento com 14%. Os casos, onde o suicídio se faz de forma barateada são o enforcamento com 4% e o afogamento com 8%, sendo os menos utilizados por esses indivíduos. O método escolhido pelo suicida revela sobre ele e o local de fala ao qual pertence. Como podemos ver, em uma das publicações, no *Diário do Rio de Janeiro*,

²²⁴Amostragem retirada do **Diário do Rio de Janeiro** entre 1838 a 1850. Foram separados 28 casos de suicídio de indivíduos considerados brancos sobre os meios utilizados para se cometer suicídio (%).

encontramos a história de Antônio Rodrigues Coelho, um comerciante que se suicidou em sua casa.

Temos de deplorar mais um ato de desesperação. O senhor Antônio Rodrigues Coelho, maior de 50 anos, negociante muito creditado, morador da Rua detrás do Carmo, suicidou-se hoje as 9 para as 10 horas da manhã, em sua casa, com um tiro de pistola. O Sr. Antônio Rodrigues Coelho tem desde muito tempo grandes relações comerciais com a cidade de Campos. Pouco antes do acontecimento fatal que deploramos havia o Sr. Coelho pago uma ordem de um de seu correspondente de Campos. O Sr. Coelho era negociante honrado, liso em suas contas, temente a Deus, e ninguém sabe que motivo o levaria a dar-se a si mesmo a morte, que tem sido geralmente sentida²²⁵.

Antônio Rodrigues Coelho era um comerciante, ou seja, um indivíduo com uma boa situação financeira. Ele tinha 50 anos, possuía certa estabilidade devido à idade e à profissão. Ele era conhecido por ter grandes relações comerciais. Ele utilizou uma pistola para se matar. De grupo elevado, homens de negócios ou comerciantes. São pessoas influentes no meio social, pessoas consideradas de relevância de certo modo.

Nos relatos sobre esse tipo de suicida, encontramos sempre uma história descrita, com sentimentalismo, destacando essa morte, enquanto perda. A matéria se inicia com a frase: “temos que deplorar”. E é finalizada com a seguinte frase sobre a sua morte: tem sido geralmente sentida. Uma morte, a se lamentar, a ser sentida. E essa a morte que ressoa nos seios da boa sociedade. A sua maneira de partir é rápida, nos revela a eficiência do método. O controle e o poder se mostram, muitas vezes através de uma espécie de seletividade, que se reflete nas escolhas de como suicidar-se²²⁶. A morte e o tipo de partida, escolhida pelo suicida impactavam o seu grupo social em vida. Como é possível perceber nestes outros casos analisados no ano de 1947:

Suicidou-se anteontem, tomado uma porção de sublimado corrosivo, o senhor Luiz Manoel de Azevedo, empregado na casa da moeda²²⁷.

Suicidou-se com uma porção de veneno o Senhor José Maurício de Oliveira Maciel, depositário geral. Consta-nos que tendo o veneno produzido um efeito imediato, debalde foram os esforços da medicina. Não sabemos ao certo o motivo que levará a esse infeliz a cortar o fio de sua existência, porém se nos diz que não fora outro se não atraso em seus negócios²²⁸.

²²⁵ *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 28 JAN. 1845. p.02.

²²⁶ RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

²²⁷ *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 FEV. 1847. p.02.

²²⁸ *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 DEZ. 1847. p.02.

No primeiro caso, temos Luiz Manoel de Azevedo, empregado na Casa da Moeda. Temos nesse caso um indivíduo economicamente produtivo, mas pertencente a camadas mais inferiores do ponto de vista econômico. O relato sobre a sua morte foi escrito de maneira pobre e com as informações bem limitadas. No segundo caso, podemos perceber uma enorme diferença ao relatar o suicídio. Em 14% dos casos os suicidas optam pelo envenenamento, geralmente é escolhido por indivíduos brancos pertencentes a uma elite, e como podemos ver na fonte acima, por brancos de camadas inferiores financeiramente²²⁹.

Há indagações sobre o motivo da morte, ao qual o jornalista deduziu a causa, atribuindo a problemas financeiros. Existe julgamento sobre o seu suicídio, quando ele na matéria é chamado de infeliz. Geralmente, expressam-se emoções quando se trata de indivíduos pertencentes à boa sociedade. Os sentimentos, como a perda e luto ou ofensas ao suicida, remetem a ideia de biopolítica²³⁰ (uma das políticas da morte) e atrela-se a questão da preservação da vida desses elementos devido ao seu lugar social.

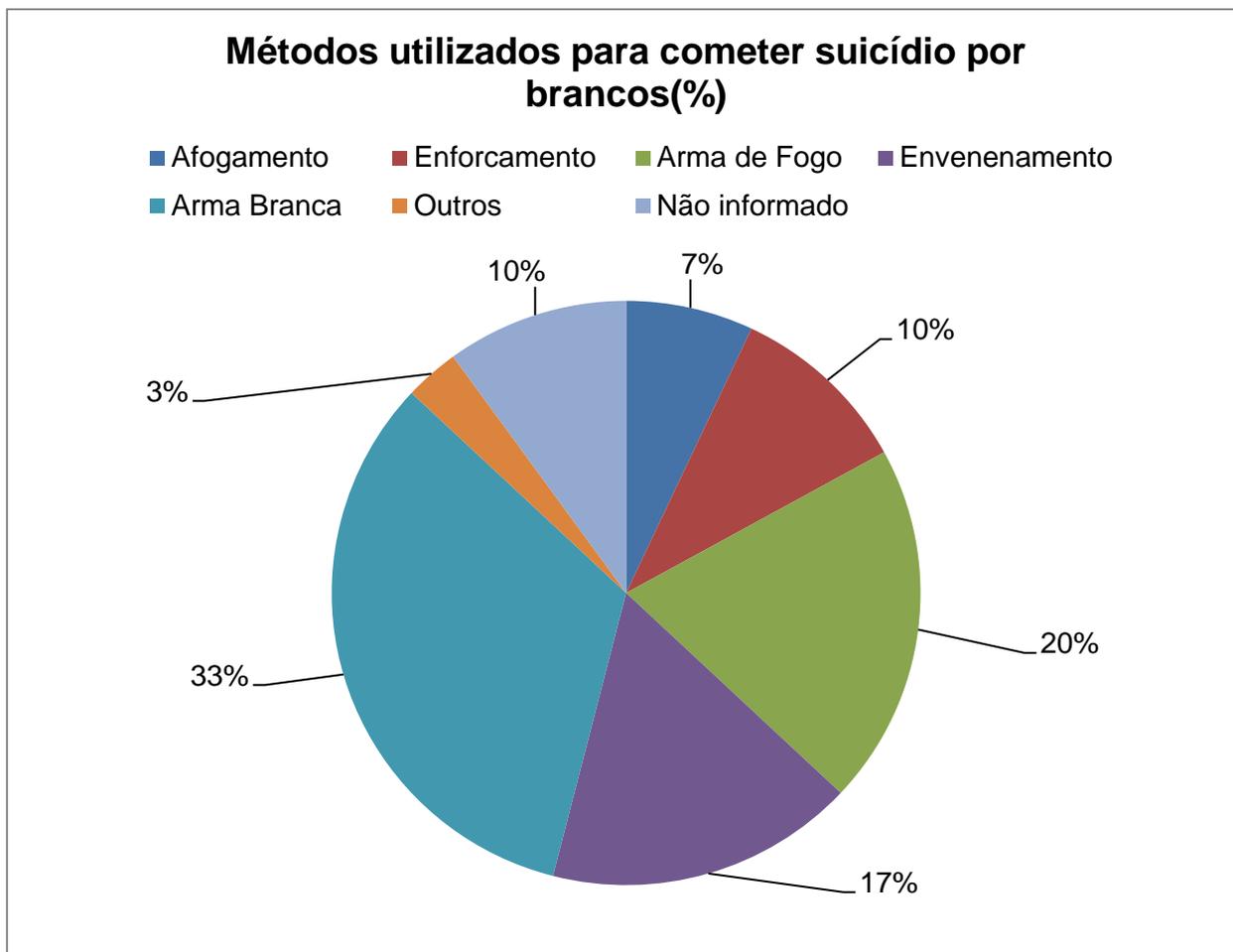
Na próxima tabela, trabalhamos os métodos utilizados para cometer suicídio por brancos, na perspectiva do *Jornal do Comércio*. A proposta é utilizar-se de outra fonte e amostragem, a fim de perceber se existe uma mudança visível de um jornal para o outro, quanto a essas informações.

Gráfico 11 - Métodos utilizados para cometer suicídio por brancos (%) ²³¹.

²²⁹ Ver gráfico 11: Métodos utilizados para cometer suicídio por brancos (%), p.119.

²³⁰ LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012.

²³¹ Amostragem retirada do **Jornal do Comércio** entre 1830 a 1850. Foram separados 30 casos de suicídio de indivíduos considerados brancos sobre os meios utilizados para se cometer suicídio (%).



Fonte: Jornal do Comércio. (1830-1850).

O jornal do Comércio trouxe uma mudança quanto aos valores. O suicídio por armas de fogo atingiu 20%, ficando em segundo lugar. Há uma redução dos números. No *Diário do Rio de Janeiro*, esse tipo de suicídio tem um quantitativo de 42%. O suicídio por envenenamento se apresenta em 17% dos casos e seria o terceiro método mais utilizado, não se diferenciando muito da análise relativa ao *Diário do Rio de Janeiro*, que nos casos de envenenamento tinham uma incidência de 14% de suicídios. No *Jornal do Comércio*, o primeiro lugar seria o do suicídio por armas brancas com um quantitativo de 33%.

No geral, quando uma pessoa branca escolhe um método para se matar, em sua maioria por armas brancas e pelo fato de estar em primeiro lugar no *Jornal do Comércio*, estando geralmente ligada a questão da acessibilidade. Eram fáceis de conseguir e utilizadas na rotina diária. O seu barateamento leva muitos a optarem por seu uso. Os que utilizavam a navalha, ou algum objeto cortante eram geralmente pessoas brancas de camadas inferiores economicamente e sem prestígio social.

Como podemos ver na fonte abaixo, retirada do *Jornal do Comércio*, no ano de 1839 sobre os assassinos da caqueirada.

Albino José Pereira, Levantou logo a Navalha para seguir lhe o exemplo: mas o golpe, que deu em si foi pequeno e não mortal. Deitou-se, e assim permaneceu até meia noite. Há essa hora precipitou- a queixar-se que a morte vinha muito lentamente às dores da ferida o dilacerarão; porem falecia-lhe a coragem de consumir o suicídio. Considere-se esse jovem de 25 anos no albor da idade, cheio de vida, oscilando entre os instintos de conservação e o desígnio de destruir-se (...). Enfim reúne todas as suas forças, e abre com tamanha fúria aferida, que quase separa a cabeça do tronco. ²³²

O ano era 1839, Albino José Pereira, José Martins Carlos e José Vicente Gonçalves se suicidaram na cadeia de Lages, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Eles faziam parte de um grupo que realizava assaltos na urbe carioca chamado de caqueirada, nome esse recebido pelo assalto na ilha da caqueirada, que fica localizada na baía de Guanabara. Os três invadiram a residência de Antônio Gonçalves Liberal, mineiro e soldado da antiga guarda de honra do primeiro imperador. Houve uma tentativa de reação de Liberal, que atirou com sua espingarda no chefe da quadrilha, o José Carlos Martins, entretanto a vítima do assalto foi morta pelos quatro membros da quadrilha. Uma testemunha fugiu da cena do crime: um escravo de Antônio que imediatamente avisou aos outros habitantes da ilha que entraram em uma perseguição contra a quadrilha, mas a mesma conseguiu fugir.

Posteriormente, os três foram presos na prisão de Lages e acabaram condenados pelo judiciário a pena de morte, pois já tinham outras passagens por furtos e crimes cometidos anteriormente, o que contribuiu para essa condenação. Decididos a não morrerem pelas mãos da justiça, realizaram um pacto para tirarem a própria vida dentro da prisão.

Os indivíduos relatados na fonte cometeram um assalto à mão armada, que levou um indivíduo a morte. Eles decidiram matar-se por meio do uso da navalha. Um objeto de fácil acessibilidade, pequeno e de uso discreto e com um preço acessível. O seu uso revela na maioria dos casos: indivíduos inferiores economicamente, aqueles que precisam partir de uma forma menos elaborada, são mortes não premeditadas pelos indivíduos e muito associada ao desespero do momento. Como podemos ver nas fontes apresentadas abaixo: a primeira do *Jornal do Comércio* retrata a tentativa de suicídio de Marcolino, uma tentativa sem sucesso; a segunda foi

²³²Sem nome, Os Assassinos da Caqueirada. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 08 fev.1839. P.02

retirada do Diário do Rio de Janeiro e retrata a tentativa de José de Souza Peixoto de suicidar-se.

Na freguesia de Sacramento foi recolhido ao hospital da Santa Casa de Misericórdia Marcolino de Souza Maciel, por se ferir com navalha com a intenção de se suicidar.²³³

Na freguesia de São José suicidou-se com uma navalha de barba, José de Souza Peixoto.²³⁴

Marcolino de Souza Maciel tentou ferir-se com uma navalha. Sua tentativa foi frustrada, ele foi encaminhado a Santa Casa de Misericórdia. Sobre José de Souza Peixoto, encontramos menos informações ainda, ele utilizou uma navalha e concluiu sua vida através dela. Quando falamos sobre esses dois casos, adentramos em um silêncio profundo, onde persistem as informações rasas. A navalha era uma marca social e a sua escolha, se refletia em uma desigualdade que subsiste sempre a morte²³⁵. Podemos perceber que os relatos de suicídio acima são apenas noticiados, sem muitos detalhes. Conclui-se que os suicidas, não possuem uma posição social e econômica privilegiada, apesar de serem indivíduos brancos, nada sobre eles é relatado além de nome, local e método de suicídio.

No caso dos assassinos da caqueirada, ocorreu uma repercussão do caso, por isso ocorre uma ênfase no ato suicida, eles eram assaltantes que resolvem atentar contra a própria vida, impedindo que a pena de morte seja aplicada pela justiça. Em todo ato suicida existe uma dimensão que se reflete em uma esfera de poder: ele é sempre contra algo ou alguma coisa²³⁶. No caso desses suicídios, para os assassinos da Caqueirada, matar-se antes que se aplique a pena de morte reflete uma revolta com o sistema.

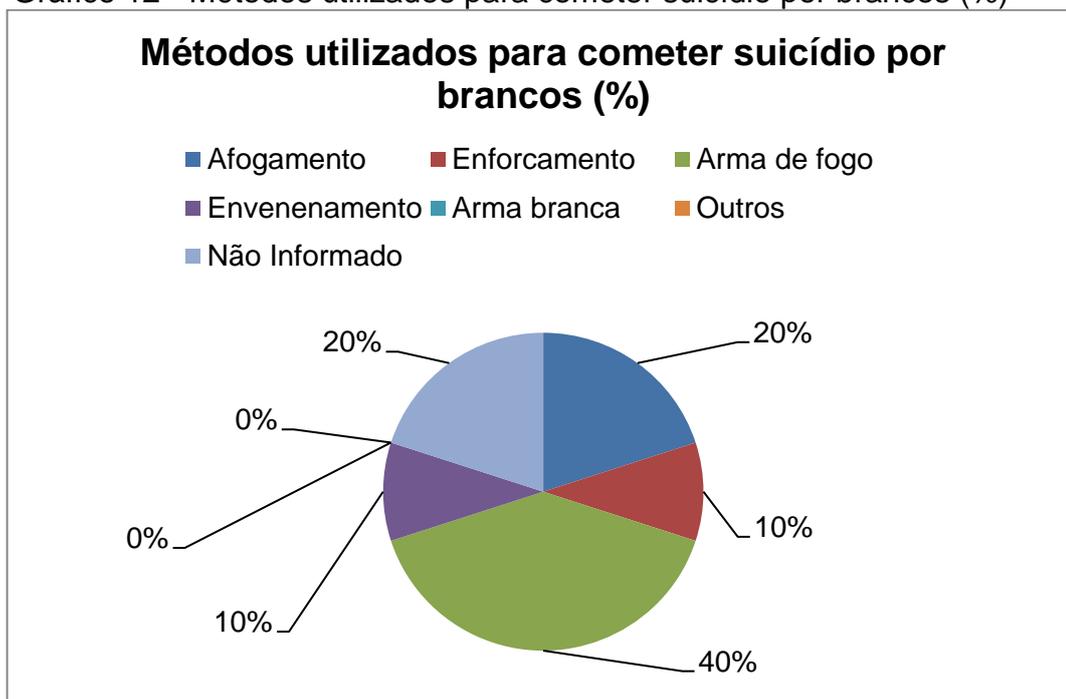
Na tabela a seguir, iremos analisar a escolha sobre esses métodos de suicídio, repousando o olhar sobre os relatórios policiais. A proposta seria perceber se existe uma mudança significativa, quando se trata dos relatórios da polícia da corte em relação aos jornais e tecer uma análise quanto à metodologia escolhida para os suicídios.

²³³ Repartição da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 09 JUN.1848. p.02.

²³⁴ Repartição da Polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 12 JAN. 1847. p.03.

²³⁵MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Publicações Europa América, s/d, 1988.

²³⁶RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

Gráfico 12 - Métodos utilizados para cometer suicídio por brancos (%) ²³⁷

Fonte: Arquivo Nacional – Relatórios da Polícia da Corte

Quando trabalhamos com as fontes referentes ao arquivo, podemos perceber que os suicídios por arma de fogo se mantêm em alta com 40%, os afogamentos com 20% em segundo lugar, seguido dos envenenamentos em terceiro com 10%. O que muda é a visibilidade do afogamento como um meio de suicídio, cotado entre os primeiros lugares. Entretanto no arquivo encontramos 10 casos apenas se formos levar em consideração o *Jornal do Comércio* e o *Diário do Rio de Janeiro* com aproximadamente 30 casos cada em suas amostragens.

Em muitas culturas, as crenças dizem que os mortos vivem em um mundo de sobras, reproduzindo as condições terrenas²³⁸. A forma de partir reflete seu lugar de fala, seu lugar em sociedade. Quando analisamos os suicídios de negros e africanos, encontramos o enforcamento como primeira escolha e o afogamento como um dos mais cotados métodos. Nos suicídios de pessoas brancas temos uma separação visível. Os brancos, com alto poder aquisitivo, escolhem armas de fogo ou envenenamento. E os brancos, com baixo poder aquisitivo, optavam pelas armas brancas. A forma de partir reflete o que os indivíduos são mediante a sociedade. O

²³⁷ Amostragem retirada dos **Relatórios da polícia da Corte (Arquivo Nacional)** entre 1833 a 1850. Foram separados 10 casos de suicídio de indivíduos considerados brancos sobre os meios utilizados para se cometer suicídio (%).

²³⁸ RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio Henrique. **Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

meio que se escolhe partir é um reflexo dos mecanismos de ordenação econômica e social²³⁹. A morte representa a manifestação do social entrelaçada ao econômico, através de um ato político.

3.3 O suicida exterior: entre o estrangeiro e o personagem

Ontem suicidou-se asfixiando-se uma francesa chegada ao Rio de Janeiro, não há ainda quinze dias, de nome Henrequeta Maura, moradora na rua dos Ouvires, n° 52. Esta infeliz casou-se em Tolosa com um Francês que partia para o Brasil, deixando-a em companhia da sua mãe. Henriqueta Julgou de seu dever acompanhar o marido, e veio também para o Brasil. Chegando aqui ao Rio de Janeiro, foi de novo abandonada por seu marido, que, a pretexto de não achar em que se ocupasse, foi para a província de Minas²⁴⁰.

Eram muito comuns nos jornais, os relatos de suicidas estrangeiros. Os jornais abriam espaço para esses relatos, com um grande enredo sobre os trágicos suicídios cometidos por esses indivíduos. As matérias nos jornais são ricas em detalhes, mostrando outra face dos casos, envolvendo estrangeiros. No trecho abaixo, seguiremos com a História de Henrequeta Maura, publicada pelo *Jornal do Comércio* em 1839.

A desgraçada Francesa entrou para a loja de Modas de madame Elise, onde ganhava pouco, não podendo subsistir com o modico salário que lhe davam. A miséria e o abandono de seu marido a levaram sem dúvida à extremidade de suicidar-se. (...) Comprou o papel voltou para casa: fechou-se em seu quarto como se faltasse ao trabalho (...). Desconfiaram os vizinhos e sentindo cheiro de carvão trataram de arrombar a porta... Já era tarde²⁴¹!

Henrequeta nossa personagem, apesar de ser branca pertencia às camadas inferiores economicamente. Ela era imigrante e foi abandonada por seu marido, vivia uma vida de privações financeiras. Sua rotina estava atrelada ao trabalho, na loja de modas de Madame Elise, seu salário era o reflexo da miséria em que vivia. Ao analisarmos o suicídio dessa estrangeira, podemos perceber que existe um padrão de construção de sua imagem, acerca do personagem. Seu suicídio, embora criminalizado através de ofensas como: infeliz e miserável. Ela tem sua história contada minuciosamente e uma atuação descritiva na construção da sua história.

²³⁹RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio Henrique. **Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

²⁴⁰Suicídio. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 08 NOV.1839. p.02.

²⁴¹Suicídio. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 08 NOV.1839. p.02

Existe uma política que buscar valorizar a vida dela, apesar de sua morte premeditada. Sobre a fonte relatada enxergamos: uma justificativa detalhada para esse suicídio, uma criminalização evidente do suicida quando na matéria. Eles a chamam de desgraçada. A proposta de criminalizar o suicida trouxe em si um contexto pedagógico, demonstrando uma “rejeição social” ao ato suicida, quando na verdade seria um grito desesperado da sociedade para que esse indivíduo, não tenha o poder de decidir sobre a sua morte. Refletindo uma política de preservação a vida através da imposição e do controle social.

Continuando a análise sobre a história de Henriqueta, no trecho a seguir, nos deparamos com detalhes importantes sobre ela, que nos fazem entender porque o seu suicídio foi publicado no jornal de forma detalhada. Ela deixa seu suicídio narrado em um conjunto de três cartas.

A infeliz Henrequeta Maura Já não existia. Foi achada deitada em sua cama, em camisa, coberta e com um fogareiro de carvão parte consumido e parte ainda aceso dentro do pequeno quarto. (...) Foram achadas três cartas uma com a data de 29 de outubro escrita a sua mãe na França, na qual ela se mostrava arrependida de ter vindo ao Brasil. (...) Outra para Mr. Cros, morador na Rua Ouvires, datada de seis de novembro, pedindo-lhe que mandasse a carta a sua mãe, e não lhe dissesse como morrera, assim como para seu marido, para quem era a terceira carta, na qual lhe perdoava quanto lhe tinha feito e lhe pedia que não esquecesse sua mãe e mandasse o que lhe prometera²⁴².

A voz de Henrequeta ressoou a partir de suas cartas. Apesar de ser imigrante e com baixo poder aquisitivo, enxergamos a sua história contada detalhadamente no jornal. O que permitiu a riqueza de detalhes sobre o relato de seu suicídio? Foi a sua voz através das cartas de suicídio. Ela era letrada apesar de sua vida em estado de pobreza, sua fala se extravasa em cada contorno escrito. Sobre a voz do suicida, muitas das vezes, ela se enuncia por meio de bilhetes e cartas. Existe uma tentativa de alcançar a realização e a ideia de felicidade em seus escritos pessoais. Eles demonstram sua decepção, por não alcançar o que seria o padrão estipulado para a felicidade.²⁴³ E por meio desse espaço de fala que a escrita possui, podemos mergulhar no mais profundo desse personagem. No caso de Henrequeta Maura, sabemos que ela se encontra em estado de desespero. Em sua primeira carta, ela se diz infeliz e arrependida de ter vindo ao Brasil. Em sua segunda carta, pede ao vizinho

²⁴²Suicídio. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 08 NOV.1839. p.02.

²⁴³ LIMA, Frederico Osanam Amorim, Achei que a hora era essa: O suicídio nas cartas de adeus. **Revista História e Estudos Culturais**, Piauí, v. 12, ano XII, nº2, 2015

que enderece a mãe, e não mencione a forma de sua morte. Na terceira, ela diz que perdoa o marido e lhe cobra a ajuda financeira que prometeu à sua mãe.

A carta de suicídio estava atrelada ao sentimento de vivacidade, que se quer passar aqueles que estão vivos (a sociedade) mediante a morte premeditada do suicida. Ele fizera a escolha de forma consciente, e a vida dele se entrelaça a sua morte, através da intercessão gerada, a partir da elaboração da sua carta de suicídio²⁴⁴. No trecho abaixo, dando prosseguimento ao estudo do seu relato, nos deparamos com detalhes interessantes sobre sua aparência e idade, além de detalhes sobre seu enterro.

(...) Henriqueta Maura teria 34 anos, de feições muito regulares, cheia de corpo e alta. A miséria desta infeliz obrigou a sociedade Francesa de Beneficência a fazer-lhe o enterro²⁴⁵.

Ao analisarmos o suicídio desta estrangeira, podemos perceber que Henriqueta é jovem. Ela tem sua idade descrita, descrição física, uma família, trabalho, endereço e uma justificativa para o ato. Existe um padrão de construção do seu personagem, que embora criminalizado, através das ofensas tais como: infeliz e miserável, ela tem sua história contada minuciosamente e sua atuação bem descrita.

Primeiramente, temos alguém que não alcançou um padrão de felicidade, abandonada pelo marido, ganhando mal no seu trabalho e sonhando em voltar para casa. A concepção de sonhos frustrados se torna eminente. Em um segundo plano, temos uma pessoa que criminaliza o próprio ato, e que deseja que o mesmo seja ocultado da mãe. Ter o poder sobre a sua vida, não significa ser insensível com aqueles que a prezam. E em terceiro, finalizamos com a carta de despedida para o marido, o principal motivo que a levou a cometer o ato extremo, na carta constava seu perdão e a cobrança de zelo pela sua mãe. O interessante seria denotar o quanto é detalhada a vida desta estrangeira, que se suicida. Ela parece ainda viver, após ter o conteúdo de suas cartas publicadas no jornal.

Os detalhes de sua vida são extremamente minuciosos: temos um endereço na Rua do Ouveiros, a loja de Modas Madame Elise, onde ela trabalhava e um cenário bem constituído, no qual podemos conhecer mais profundamente as motivações de Henriqueta. O seu casamento que estava falido e o abandono são os pontos fortes

²⁴⁴MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n°: 32. Dezembro, 2016.

²⁴⁵ Suicídio. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 08 NOV.1839. p.02

que a levaram a dar um fim a própria vida. O outro motivo que a levaria ao ato extremo seria a vida financeira atribulada, que já asfixiava a nossa suicida (podemos perceber sua origem humilde, pela escolha de um suicídio que não lhe custasse muito, através da asfixia), a fumaça do carvão a libertou dessa vida amarga e a colocou nas páginas do jornal do Comércio. O enterro de Henrequeta se tornou uma obrigação infeliz para a sociedade francesa de beneficência, segundo o jornal.

Nem na vida póstuma, os suicidas são poupados. Não tendo eles sequer o acesso a uma segunda chance, pois ao dispor de uma vida que não o pertence, ele se anulava enquanto indivíduo perante seu meio social. Sua vida se tornava uma propriedade de uma sociedade, alicerçada no pensamento religioso sobre as questões do além-túmulo. A morte é algo extremamente assustador, inevitável, e nós não temos domínio sobre a mesma. Controlar e planejar a própria morte significa romper com uma regra geral que impera em todas as sociedades: a da imprevisibilidade da morte, algo que está fora do alcance humano. Aos suicidas era privado o direito de uma boa morte, são recriminados quanto aos ritos funerários e são menosprezados. Apesar de os mesmos não poderem mais ouvir seus insultos, aos vivos cabem ao aprendizado: ser suicida é ser louco, miserável e infeliz diante de todos os olhos.

A preocupação em criminalizar o suicídio ocorreu como uma forma de controle aos futuros suicidas. Podemos acreditar que ideia do controle da morte e a constante evolução da medicina estimularia esse domínio social sobre a vida e sobre aqueles que tentam despojar de suas próprias vidas. Concluindo essa discussão até onde vai a nossa liberdade? Ao sermos livre não deveríamos ter a opção de delinear onde se encerra nossa vida? A sociedade cercearia a nossa autodeterminação sobre a vida a ponto de reter todos aqueles que reivindicam dessa liberdade. No recorte abaixo retirado do *Jornal do Comércio*, em 1841, podemos ver o caso do General Lavalley, que ao suicidar-se teve seu corpo ocultado por seus soldados.

Acreditava-se nestas últimas semanas que a notícia da morte do general Lavalley era inteiramente falsa; correu, porém de novo, nestes dias, que Lavalley, com efeito, se suicidou; que seus soldados ocultaram em umas brenhas o seu cadáver para que não fosse profanado, e que depois voltou o general Pedernera de Bolívia, desenterrou o corpo e o levou²⁴⁶.

²⁴⁶Notícias Estrangeiras. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 22 DEZ.1841, p.01.

Lavalle morreu e seus soldados esconderam o cadáver, premeditaram uma farsa, o enterraram de forma clandestina com objetivo de evitar a profanação do corpo do general. O interessante é como o suicídio foi explorado nos jornais, principalmente, os suicídios ocorridos no exterior. Houve uma construção de enredo, no qual buscou vender a morte do outro e estreitar as políticas sobre a morte. Nem todos os mortos possuíam o direito à sepultura eclesiástica e que dirá aos ritos funerários adequados. Os suicidas se enquadravam nos excluídos do mundo funerário. Eles não podiam ser considerados nem depois de mortos, enquanto vivos invisibilizados, após suas mortes deveriam desaparecer completamente. Faziam parte de uma péssima memória que a sociedade tentava constantemente apagar.

No caso abaixo, temos o suicídio do Sr. Praslin, publicado em 1847 no *Courrier de L'Europe* e posteriormente no *Jornal do Comércio*. Esse suicídio refletiu um processo intenso de criminalização do ato suicida pela sociedade.

O Sr. Praslin morreu hoje às 5 horas na prisão do Luxemburgo. A causa desta morte foi reconhecida e verificada pelos homens da arte. E com arsênico tomando doses consideráveis que se envenenou o Sr. Praslin, no momento em que os indícios se tornavam bastante graves para necessitarem a sua prisão e a sua acusação. Os abundantes vômitos que ele teve desde a tarde de quarta-feira e no dia de quinta-feira. Parece que só demoraram o efeito do veneno, o qual depois de suspenso na sexta-feira e no sábado continuou no domingo com toda a sua força.²⁴⁷.

A fonte apresentada relatou a tentativa de suicídio do senhor Praslin, que passou por interrogatório no qual foi atestado que o mesmo cometera tal ato. Ele acabou sendo penalizado com a cadeia, apesar das sequelas e o estado deplorável que se encontrava, em consequência da tentativa de envenenamento. A morte é algo que advém miscelânea de fatores construídos socialmente, sendo uma junção do social, político e econômico. Como comumente é negado um túmulo ao suicida, entretanto ao africano e o negro escravizado é negada uma lápide social. A sua invisibilidade é extremamente aparente nos jornais, onde podemos perceber matérias longas sobre autocídios estrangeiros e de homens livres. Apesar de não existir uma lápide física para aqueles que se matam, enquadrados no grupo de interesse dos jornais, vemos que socialmente, eles não morrem. Os mesmos não deixam de possuir uma identidade, e aparentemente não são invisibilizados pela sociedade e seus veículos de comunicações. São utilizados, como exemplo, denotando controle sobre a vida daqueles dos quais a história alimentaria os jornais, enquanto artigo de

²⁴⁷Courrier de L'Europe. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 25 OUT.1847, p.01.

curiosidade e interesse. Um dos casos que apresentam esse aspecto o curioso seria do suicídio do alemão Rumes, publicado no jornal do *Diário do Rio de Janeiro*, em 1841, e a matéria foi intitulada de: Suicídio Singular.

Um membro de família alemã dos Rummerts, terminou ultimamente seus dias depois de ter consagrado a sua vida à uma mania singular. Havia vinte anos que ele mandava fazer todos os seis meses um esquife novo. O que ele provava e nunca achava do seu gosto (...). O alemão lançava mão do esquife, e o arrojava ao chão. Não é isso que eu quero; está largo, está comprido, enfim molesta-me as costas. Finalmente 12 marceneiros tinham sucessivamente trabalhado para este maníaco sem o contentar. O último empregado tendo trabalhado melhor, o alemão anunciou, que morreria satisfeito; e depois de tomar veneno convocou os seus amigos, que o acharam muito contente, por enfim ter comprado, segundo dizia um esquife a sua vontade ²⁴⁸.

No relato sobre o suicídio, enxergamos um preparo para a partida de Rummerts. Para o alemão, a sua passagem deveria ser singular e atender às demandas ritualísticas da sua morte. Os ritos funerários, na maioria das culturas, funcionam como um ato simbólico que remete o desligamento dos mortos dos domínios dos vivos²⁴⁹. Apesar de não se preocupar em si com o suicídio, o indivíduo se preocupava com os ritos ao partir. A ideia de controlar a sua partida ao seu modo, rompe com o pacto social da morte. Ele, ao planejar os detalhes para suicidar-se, enfatizou a construção de um personagem totalmente disfuncional e caricaturado. O alemão foi chamado de maníaco no jornal e toda a história que permeia sua morte tende à loucura. A sepultura e a ideia do esquife perfeito nos remetem a uma ideia de sobrevivência após a morte. A obsessão por esses elementos estaria ligada a uma ideia de memória coletiva.

Quando o jornal colocou esse indivíduo no lugar de fala de um louco e insano, não devemos esquecer onde ele está inserido socialmente: um membro de família alemã dos Rummerts. Pelo que podemos perceber, ele possuía prestígio social e recursos financeiros. A quantidade de esquifes reprovados, todo o detalhamento neste trabalho e necessidade de perfeição, nos remete a quem seja esse alemão. Ele busca algo além da sua morte, a proposta se situa em perpetuar sua consciência mesmo após sua partida. Se desligando deste mundo, com todo o requinte em sua morte planejada.

O que podemos perceber sobre ele é a sua importância social que, por sua vez fez com que sua história fosse contada. Sobre ele não repousa uma anulação da sua

²⁴⁸ Suicídio Singular. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 20 OUT.1841, p.01.

²⁴⁹MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Publicações Europa América, s/d, 1988.

história. O seu suicídio, tido como singular é narrado de uma forma a desqualificá-lo enquanto indivíduo, reduzindo-o a alguém maníaco ou fora de si. Durante vinte anos, a sua partida fora arquitetada, minuciosamente e planejada em detalhes. Alguém fora de si, não teria todo esse detalhamento sobre a sua morte. A proposta em criminalizar o suicida novamente se faz presente. Em uma política de preservação do viver, percebemos o não abandono dos suicidas que são retomados constantemente como um exemplo, daquilo que não se deve pôr em prática²⁵⁰. A utilização das suas histórias, como um exemplo a não seguir, implica na sobrevivência delas. Na fonte descrita abaixo, temos a história de um caixeiro viajante que se lançou de uma janela, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* em 1838.

Ontem pelas 8 horas do dia um caixeiro da loja de fazenda da Rua dos Ovíres, esquina da rua do hospício, lançou-se à rua de uma das janelas da casa do amo que assiste em um segundo andar na mesma Rua dos Ovíres. O infeliz caiu de cabeça para baixo e expirou logo. Na véspera, sendo ele chamado para cear, não quis; e como se estivesse a beber muita água, um caixeiro pequeno disse ao amo, o qual chamou médico, conheceu que ele tinha se envenenado; porém, como o acudiram a tempo, foi salvo do perigo, tendo assistido toda a noite pelos facultativos; de manhã aproveitou ele um momento de descuido, e consumou os planos de sua mente alienada; sim, alienada: só a loucura pode produzir resultados tão tristes. Dizem que isto fora o efeito de uma paixão criminosa; não sabemos si é exato²⁵¹.

O caixeiro viajante não possuía uma identificação, entretanto, tinha uma história a ser contada. Ele tentou se suicidar duas vezes. Na primeira, ele optou pelo envenenamento e foi resgatado por seu amo. Na segunda vez, lançou-se para morte de cabeça do segundo andar. A importância que tinham esses casos de suicidas estrangeiros era digna de uma longa continuação. Não eram simples os relatos, eram ricos e detalhados. Nesse caso, encontramos uma peça fora desse padrão apenas: o nome dele não foi citado ao longo da matéria. Temos alguns adjetivos que ao mesmo tempo nomeiam e criminalizam este indivíduo²⁵². Chamando-o de infeliz e alienado ao longo do relato, definem seu suicídio como uma paixão criminosa. Inicialmente, ele tenta se envenenar, demonstrando sinais de apatia, um comportamento estranho e se nega a comer. Ao perceberem o padrão de comportamento, chamam um médico e

²⁵⁰LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012.

²⁵¹**Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 18 SET.1838, p.02.

²⁵²LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012.

mantém uma vigília sobre ele. Aproveitando um momento de distração, ele atenta contra a própria vida e se lança da vida para morte.

Percebe-se o destaque que essa notícia traz. A ideia era desmoralizar para evitar qualquer outra tentativa de suicídio. Essa vida importa e sua importância reside em evitar que o pacto social de preservação seja rompido. E se, para esse fim, a história foi contada sem uma investigação prévia e de uma forma em que exista uma desmoralização desse indivíduo, foi em pró da vida de muitos outros. Há uma necessidade de se vigiar e romper qualquer tipo de relação perigosa com os mortos²⁵³. Abaixo, continuamos com a análise do suicídio do caixeiro viajante, publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, dois dias depois de seu suicídio. A chamada da matéria foi intitulada: Uma explicação.

No Diário de terça-feira vem uma notícia por nós dada sobre o suicídio de um moço, caixeiro de uma loja na Rua dos Ovíres. No fim desse pequeno artigo nós, referindo-nos ao que nos constava, dissemos que tinha sido efeito de uma paixão criminosa: atenda-se, nada asseguramos, porque nada sabíamos ao certo. Agora, melhor informado, sabemos com certeza que tal paixão criminosa nunca existiu, que esse moço era dotado das melhores qualidades, e por consequência incapaz de manchar-se com ações indignas; e tanto ele, quanto as pessoas, com quem se relacionava eram da maior probidade²⁵⁴.

Toda a história publicada anteriormente colocava o caixeiro viajante suicida em uma posição de humilhação e criminalizava os seus atos de uma forma combativa. Posteriormente, encontramos uma chamada de matéria, para o caso, intitulada: A explicação na qual o jornal retratou sobre todas as palavras ditas na matéria anterior. A alegação de que a sua motivação para o ato decorria de uma paixão criminosa, foi uma das retratações, nela eles diziam que não sabiam ao certo e que tal paixão criminosa nunca existiu. O indivíduo tem sua imagem restaurada, recebendo adjetivos positivos, tais como: dotado das melhores qualidades, de maior probidade. Inferindo a fonte, podemos supor que algum ente querido ou alguém que o conhecia, provavelmente exigiu uma retratação sobre a imagem construída do morto após sua partida proposital.

²⁵³LIMA, T. A. *De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)*. Anais do Museu Paulista, V. 2. São Paulo: 1994 p. 87-150

²⁵⁴ Uma explicação. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 20 SET.1838, p.02.

Para que uma morte possa ser considerada aceitável, ela deve ser aceita ou tolerada pelos sobreviventes²⁵⁵. Essa morte não se fazia tolerável do ponto de vista social, por isso toda essa construção negativa ao entorno do personagem em questão. Se há uma política que visa à manutenção da vida, o suicídio seria a prova dessa sua inoperância. A primeira atitude foi a de desmoralização, nos jornais as fronteiras entre o público e o privado em sua maioria eram estilhaçadas. Provavelmente alguém com uma ligação a esse indivíduo, em seu plano privado, exigiu a reparação da imagem do morto no plano público²⁵⁶. Abaixo prosseguiremos na análise da fonte anterior, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*.

Podemos assegurar que os motivos que o levaram a se suicidar não o desonraram; ele foi vítima de um brio funesto, que, quanto a nós, toldou-lhe a razão: era ótimo filho, e ótimo irmão. Este moço há três anos estava no Brasil. Aqui chegando ele supôs que talvez a fortuna, o bafejaria tão lisonjeira quanto tem sido para com outros. Sua família era precisada, ele a socorreu com algumas quantias, que estavam além de suas forças, e por isso se atrasou muito. Casou-se uma irmã sua; e ele reprovou esta união, porque não lhe parecia boa; mas apesar disto socorreu-a, porque, já dissemos a família era necessitada. Depois disso ele teve uma grande moléstia, que o atrasou muito. Tudo isto reunido, tinham lançado a melancolia no seu gênio minimalista apreensivo: com ele procurasse disfarçar o seu estado moral, toda via se percebia que seu espírito vivia agitado ²⁵⁷.

Esse trecho da fonte nos revela um pouquinho da história deste estrangeiro. Durante todas as duas publicações atreladas a ele, percebemos a ausência de seu nome. Esse silêncio revela certo descaso na descrição das informações sobre o indivíduo. Deparamo-nos com um perfil de uma pessoa estrangeira e de origem humilde. A manipulação sobre os dados, as ofensas ao despreverem em um primeiro momento revelam: seu lugar de fala ao morrer. A morte dele se situa de forma estratificada²⁵⁸, estando um degrau abaixo do branco pertencente a uma elite econômica. Por isso seu suicídio será relatado sem qualquer sentimento de comoção e associado à ideia de desequilíbrio mental em um primeiro momento²⁵⁹.

²⁵⁵ARIÈS, Philippe. **História Da Morte No Ocidente: Da Idade Média Aos Nossos Dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

²⁵⁶LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012

²⁵⁷ Uma explicação. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 20 SET.1838, p.02.

²⁵⁸ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

²⁵⁹LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012.

Quando inferimos sobre a retratação, falamos de possíveis familiares. Eles ironicamente aparecem descritos na segunda matéria sobre o caso. Ele possuía família no Brasil e provavelmente podia ser esse o grupo de seu convívio que provavelmente exigira essa retratação. Para a família, a lápide simboliza a unidade do grupo familiar em torno dos quais vários ritos importantes são celebrados²⁶⁰. E essa celebração, expressa o morrer físico, mas não uma morte social em seu plano privado, estabelecendo uma passagem segura para o outro lado. O jornal ao veicular publicamente essa morte de forma desmoralizante, rompeu com essa ideia do luto familiar em torno da lápide.

A próxima análise se remete as motivações para que ele tenha cometido tal ato. Anteriormente, ele apenas era um louco, um insano, movido por uma paixão criminosa. Na segunda matéria sobre ele, os motivos já são justificáveis. Já se apresenta uma comoção e todo um enredo em torno dele, enquanto um personagem. Sua história passa a ser relatada de uma maneira comovente e com várias justificativas para o ato: de problemas familiares aos financeiros. Dando continuidade a análise da fonte abaixo, podemos perceber, uma visão diferente do suicida e uma busca por justificar seus atos, ao invés do julgamento explícito referente à primeira publicação do caso, no dia 18 de setembro de 1838.

No dia anterior ao suicídio ele falando com um sujeito, com que mantinha uma amizade particular, esteve a se queixar de seus infortúnios e atrasos, e mostrava-se possuído de grande aflição; mas depois habilmente fingiu disfarçar: Eis ao que se pode atribuir o acontecimento trágico, que terminou seus dias. Este jovem, infeliz amava a honra, e entendia que não devia sobreviver à posição, em que se achava posição que ele dizia ser má. Nós devemos esta explicação ao público, porque prezamos sobre tudo a verdade²⁶¹.

Existe uma procura por testemunhas que venham a explicitar os motivos para esta decisão. Além desse trecho se mostrar mais revelador, desmascarando o descaso profundo sobre o relato anterior deste suicídio. Eles fecham a matéria dizendo que devem uma explicação aos leitores, inclusive a verdade sobre o caso. O suicida já é condenado antes mesmo de se ter acesso ao enredo de sua história. No caso acima, há uma retratação e uma investigação remetendo a ideia de verdade. Esse suicida importa, ele é utilizado de exemplo, a sua história precisava ser

²⁶⁰RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

²⁶¹ Uma explicação. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 20 SET.1838, p.02.

recontada, mediante a requisição de retratação. O ato suicida suscita uma explicação ao público, portanto, ele é um ato político, pois mexe com os familiares, com a sociedade e desestrutura a “lei” de valorização da vida, que rege os contornos da vida social²⁶². A morte do outro se a configura de forma teórica e o que repousa sobre a morte são objetos que remetem à sociologia, e nenhum dos contornos que se inserem nessa paisagem social, podem de maneira alguma escapar-lhe²⁶³.

Em muitos casos, a classe social, a que pertence o indivíduo muda a forma de se noticiar um suicídio, como podemos ver no caso do irlandês Jaimes, registrado na Glória. Ele tentou suicidar-se, fazendo um pequeno ferimento no pescoço²⁶⁴. Quando nos deparamos com o suicídio estrangeiro nos jornais, podemos notar a estratificação a diante de cada caso²⁶⁵. A repercussão e a busca por informações se davam em casos de estrangeiros com recursos financeiros, em alguns casos como o da fonte que trata da retração sobre um suicídio de um estrangeiro, encontramos familiares e pessoas que questionam a forma de se referir ao suicida em questão. Podemos inferir que o caso e a forma de se relatar o suicida, mudaram com o questionamento de alguém próximo. No caso analisado, nos deparamos com um silêncio. Só sabemos que ele tentou se matar, causando um ferimento no pescoço e que residia próximo a Glória.

Ao fazermos uma análise sobre o suicídio de Jaimes, podemos perceber que ele pertencia às camadas inferiores economicamente e seria um imigrante, provavelmente não tinha pessoas próximas, e não menos importante, ele não teve uma motivação relatada na notícia para o seu suicídio. Os motivos da sua morte não importam. As imagens construídas sobre os casos de suicídio do jornal se diferenciam, mesmo sobre no caso dos brancos, elas são imagens de grupos sociais distintos, refletindo a luta interna, através de suas próprias imagens do que seria real²⁶⁶.

²⁶²LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012.

²⁶³ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

²⁶⁴Repartição da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 29 JUN.1844, p.02.

²⁶⁵ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

²⁶⁶ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

Quando se trata de um indivíduo, pertencente a uma classe abastada, o relato muda de uma forma brusca, como o caso abaixo publicado no caderno de exterior, apresentado no *Jornal do Comércio* em 1847. A história do Conde Montesquieu e seu suicídio ganham um destaque e um detalhamento mais aprofundado.

Horrores e mais horrores, e sempre nas classes altas. O Conde Montesquieu suicidou-se por não ter outra moeda com que pagar 800 mil francos que perdeu ao jogo.²⁶⁷

Mesmo que seja um relato pequeno, podemos ver a mudança ao relatar o suicídio de um indivíduo pertencente a uma elite econômica, o próximo caso é o de um Conde chamado Montesquieu. Ao iniciar a notícia, podemos ver a emoção expressa sobre esse caso, por meio da frase “horrores e mais horrores”. Essa é uma morte que gerou impacto, ela representava uma imagem de um determinado grupo social. Podemos notar também que há uma mudança, o conde tinha uma motivação: a dívida de jogo. Há um detalhamento até do valor. Mesmo em um relato pequeno, podemos ter as sensações de: intensidade de sentimentos quanto ao suicídio e valorização do indivíduo. A morte não passa de uma ideia civil e o suicídio rompe com a regularidade dessa ideia²⁶⁸. A forma como se escolhe partir e a os detalhes narrados sobre a partida, refletem a vida e o grupo social vigente dos indivíduos. Outro caso que reflete uma mudança brusca na forma de narrar o suicídio devido a sua classe social, seria o caso de Frébois Cloudomir. Ele era um rico comerciante da Ilha Maurícia, sua história ganha enorme destaque nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, em uma matéria intitulada: Tribunais Estrangeiros. Ele se suicida e em torno de sua história se desenrola um mistério digno de um enredo de suspense.

Há seis meses, pouco mais ou menos; que o senhor Frébois, (Cloudomir), rico comerciante da Ilha Maurícia, pertencente aos Ingleses, foi achado em sua casa morto e horivelmente mutilado. Seu cadáver jazia no chão, sua cara tinha sido inteiramente despedaçada por arma de fogo, e no chão estava a pistola com que fora operado o suicídio. Em cima da mesa, ao lado do suicidado, foi achada a carta seguinte: Estou falido. Um ratoneiro me rouba 25.000 libras esterlinas, só me resta à desonra, e não quero sobreviver-lhe. Deixo a minha mulher o cuidado de distribuir por meus credores os bens que nos restam, e rogo a Deus, aos meus amigos e aos meus inimigos que perdoem a minha morte. Mais um minuto e estarei na eternidade²⁶⁹.

²⁶⁷Exterior. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30 OUT.1847, p.02.

²⁶⁸MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Publicações Europa América, s/d, 1988.

²⁶⁹(Le Lemp). Tribunais Estrangeiros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 28 SET.1840, p.02.

Alguns suicídios ganham proporções de verdadeiras novelas nos jornais. O ato em si, gera no público: comoção e curiosidade. No caso de Clodomir, um suicida estrangeiro, que tem sua história relatada no caderno de variedades com o intuito de aguçar o interesse dos leitores. Temos um perfil de suicida e de suicídio que chama a atenção. Um estrangeiro e rico comerciante, que é roubado e se sente lesado a ponto de despojar de sua própria vida com uma arma de fogo. Temos o apelo emocional, para instigar e atrair o público. A sua carta de suicídio é divulgada e toda uma história será construída a partir de sua fala. De forma comovente, ele se despede, justifica o seu ato e passa instruções à futura viúva. Abaixo continuaremos, com a análise publicada sobre Frébois Clodomir.

(...) o senhor Willian Barnet, o principal credor do finado Clodomir Frenois, ouviu às cinco horas da manhã alguém bater em sua porta. Mandou abrir e a sua criada lhe anunciou que um estrangeiro, que tinha o maior interesse em se não dar a conhecer, desejava conversar com ele em segredo. (...) O estrangeiro virou-se e saudou com cortesia. No mesmo instante o senhor Burnett deu um grito agudo. Acabava de reconhecer Clodomir Frenois, seu devedor, a quem vira morto e mutilado e ao funeral ao qual assistira²⁷⁰.

Quando trabalhamos esta fonte, nos deparamos com uma história sobre um suicídio forjado. Uma novela, que se desenrola em meio a toda essa trama. Existe uma valorização da morte, enquanto um objeto de curiosidade. A morte está em constante evolução e a inserção dela nos jornais, só enfatiza a sua evolução ao longo do tempo através da cultura²⁷¹. Ao trazer a morte para um plano público, podemos perceber seu impacto sobre o leitor, e através disto compreender as representações sociais do suicídio. Na fonte apresentada abaixo, estaremos dando uma continuidade à análise desse caso, digno de uma novela.

(...) Pouco depois, John Moon compareceu perante o tribunal criminal, acusado de furto com abuso de confiança cometido na casa do falecido Clodomir Frenois. Ele sorria com a confiança de um homem que não tem nada que temer. Tendo-lhe o presidente perguntando se confessava o seu crime, respondeu que a acusação era absurda, que para ele ser condenado, se fazia preciso um testemunho, e que nem a viúva do defunto e nenhum outro empregado da casa tinha ouvido falar do pretendido furto (...) Nesse momento abriu-se uma porta, e Clodomir Frenois, o suicidado se adiantou-se para a barra, fitando o acusado com olhos terríveis. ²⁷².

²⁷⁰ (Le Lemps). Tribunais Estrangeiros. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 28 SET.1840, p.02.

²⁷¹MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Publicações Europa América, s/d, 1988.

²⁷² (Le Lemps). Tribunais Estrangeiros. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 28 SET.1840, p.02.

A espetacularização em torno do suicídio era algo comum nos noticiários. A morte se torna um mecanismo cultural²⁷³. Refletindo o que a sociedade considera legítimo ao morrer. Há suicídios distintos, e nem todos merecem destaque. Ao ser relatado desta forma, o suicídio acaba por se tornar uma estratégia de Clodomir, a fim de revelar um crime de roubo. Ao ser publicado desta forma nos veículos de comunicação resultava em uma visibilidade para o jornal. O ato suicida em si, gera especulação e curiosidade. A sociedade tem a necessidade de compreender os mecanismos que regem esse tipo de morte. O suicídio é um conjunto de suicídios dentro do próprio conceito²⁷⁴. Indo além das especificações e rotulações, temos vários suicídios em um: suicídio político, suicídio social, suicídio cultural. As junções de todos eles estruturam o ato em si. Ao finalizar o relato, publicado sobre Clodemir, o *Diário do Rio de Janeiro*, relata não saber da veracidade da informação e que toda a história foi extraída de outro jornal.

(...) O tribunal de justiça, imediatamente, condenou John Moon à prisão perpétua. A multidão acompanhou seu Clodomir Frenois para a sua casa. (...) N.B extraímos de um jornal a narração acima referida, e que se assemelha em muitos pontos a uma obra de pura invenção. Bem se vê que não podemos garantir sua autenticidade, posto que com confiança a damos a nossos leitores, pois ela é susceptível de diverti-los um momento. ²⁷⁵.

Não existia uma preocupação em averiguar a veracidade dos casos de suicídios. E nem sequer ocorre uma investigação prévia sobre os casos divulgados. O principal objetivo era atrair ao leitor. A morte é um instrumento de coerção e o suicídio passa a ser um objeto, em meio às tiragens de jornais de manipulação, diante do temor humano a ele. A ideia de um controle social sobre a vida coletiva se rompe através de uma morte controlada. A política que regula a vida se desregula através do ato suicida. Esse tipo de morte traz consigo, a perda de uma de individualidade, trazendo essa consciência para uma coletividade, amparada pelo traumatismo deste tipo de morte²⁷⁶. A veracidade dos fatos, não importa e sim o ato político de rebeldia ao sistema social que regula a mortalidade ideal.

²⁷³ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

²⁷⁴ RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio Henrique. **Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

²⁷⁵ (Le Lemps). Tribunaes Estrangeiros. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 28 SET.1840, p.02.

²⁷⁶ARIÈS, Philippe. **História Da Morte No Ocidente: Da Idade Média Aos Nossos Dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Esse capítulo buscou mostrar a espetacularização e a dialética sobre a consciência do ato suicida e a sociedade mediante ao próprio suicida. A morte foi tingida de cores e extratos e os suicídios também foram. A morte de um imigrante tem uma variação que vai depender do fenótipo do indivíduo, classe social e ao lugar de pertencimento do mesmo. A escolha de se matar é um ato político, amparado sobre a estrutura social. Era por meio das amarras sociais que rotulavam os seres humanos e as histórias que mereciam visibilidade mediante a sociedade, que iremos construir um diálogo, sobre as políticas que regem a vida e a morte dos indivíduos.

O suicídio é um fenômeno que rompe com o natural e traz uma série de consequências sobre o âmbito social. O rompimento da política que rege a vida tem consequências diferentes mediante a diversidade, e percebê-la enquanto reguladora é importante para entendermos quais pessoas gerariam comoção ao suicidar-se e os indivíduos que mereceriam um destaque em sua breve passagem no mundo. A política sobre a vida é eximia reguladora da morte e o rompimento deste pacto corresponde a uma reação social, a partir dos mecanismos de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida é interligada a morte. O cruzamento dessas duas concepções reflete as políticas relacionadas a esse fenômeno. O Estado e a sociedade são responsáveis pela construção de esferas de poder que refletem o ato de soberania através da seguinte indagação: quem deve viver ou morrer? Inicialmente nesta dissertação, detalhamos a morte e as questões que a permeiam. Trabalhamos as questões teóricas e conceituais que fundamentam o pensamento sobre a morte e o suicídio.

Quando analisamos o suicídio dos negros e africanos, a luz das fontes, podemos concluir que o suicídio possui uma cor distinta: a negra, repousada sobre uma visão aristocrática. Nas fontes, encontramos uma incidência maior de suicidas negros e africanos. Os jornais e os relatórios da Polícia da Corte também refletiam essa informação. Apesar dos suicidas negros serem maioria, nos deparamos com um silêncio relativo nas fontes. Eles não possuem identificação, não havia explicação acerca da motivação para o ato suicida e raramente encontramos detalhes sobre sua biografia.

A política sobre a morte que regeu as mortes dos negros e africanos estava atrelada ao conceito de banalidade da morte. No estudo dos processos analisados, não enxergamos a expressão de qualquer sentimento de pesar pelos suicidas negros e africanos. Suas mortes são naturalizadas e os relatos sobre o ato suicida, cometido por esses indivíduos, tornam-se mecanizados. A partir desta análise, podemos concluir que existe para vida um valor determinado, e o mesmo é regulado mediante as relações de poder. A ideia de uma banalização da morte se apresenta de forma ampla. O valor desses escravos, enquanto força de trabalho, se faz presente nessa sociedade aristocrática. Após a morte, eles perdem o seu valor deixam de serem ferramentas e tornam-se objetos indesejáveis, dos quais não se podem falar, aqueles que a sociedade deseja eliminar de suas entranhas. Nas fontes abaixo, podemos compreender os mecanismos que levam a estruturação sobre a valorização da vida e da morte.

Através das amostragens, os dados indicam a existência de uma banalização da morte repousada sobre as políticas da morte. Nas fontes, retomadas acima, temos dados que nos revelam as seguintes conclusões: a) A falta de identificação de negros e africanos em documentos, relatando os seus suicídios; b) a inexistência de uma investigação prévia sobre as motivações que levariam esses indivíduos a cometerem

o ato suicida; c) o gênero desses suicidas, em maioria era do sexo masculino; d) a forma de partir deste mundo determina o lugar de fala destes indivíduos.

Podemos destacar que a política que regia os suicidas negros e africanos seguia atrelada ao lugar onde este indivíduo se inseria socialmente, ou seja, estava relacionada ao status social. O pensamento aristocrático reproduzia uma justificativa para essas mortes, que não requer um aprofundamento, gerando o silêncio como resposta nas fontes. Os dados revelam que a maior porcentagem de suicidas não identificados são os negros e africanos. O silêncio se multiplicava à medida que os nomes se apagam dos noticiários e dos relatórios da polícia. Um indivíduo sem identidade perde a sua história.

Sobre a questão de gênero, os suicidas negros e africanos, em geral eram do sexo masculino. As mulheres negras e africanas cometem mais suicídios que as brancas se analisamos os processos. A morte dos homens negros e africanos era marcada pelo trabalho excessivo e as péssimas condições de vida. Eles eram a maioria na composição da escravaria. Na importação de mão de obra escrava, os homens eram os mais requisitados devido a força física e resistência para trabalhos pesados. Já quando analisamos as mulheres, percebe-se a incidência de condições precárias em todos os sentidos e uma vida de exploração, elas estão em número menor se comparadas aos homens, mas se fazem presente ao longo das fontes.

Com relação ao método escolhido por negros e africanos, nota-se uma maior incidência do uso do baraço (enforcamento com fios de seda), armas brancas e o afogamento. Na maioria dos casos a escolha está ligada a letalidade e a acessibilidade financeira em questão. Apesar de existirem casos que refletem o lado cultural, exercendo uma influência no tipo de morte escolhida, tais como: os suicídios por afogamento (remetendo ao retorno ao *Kalunga*) ou enforcamentos em lugares de mata. Podemos concluir que as experiências vividas por eles, condicionaram suas escolhas acerca da metodologia escolhida a ser aplicada no ato suicida.

Os motivos que levariam ao suicídio desse grupo de pessoas são desconhecidos em sua maioria nas fontes. Eram seres humanos que não necessitariam de uma justificativa para a partida. Mataram-se devido à vida de exploração que levavam. Seus modos de vida eram motivos o suficiente para justificar as suas mortes. A partir destas análises, podemos enfatizar a banalidade da morte em cada traço analisado. Ela é o reflexo de uma política que justifica a morte de negros e africanos, anulando-os enquanto pessoas. Eles não precisam de uma identidade ou

de qualquer motivo para a partida. Essa banalização continuou refletindo o silenciamento em meio aos processos históricos, recriando um vazio sobre a vida anterior indivíduos, expresso por meio do silêncio e apagamento social.

Ao estudarmos os casos relacionados aos suicidas brancos, podemos perceber a ausência dessa banalização da morte. Na maioria dos processos, encontramos a construção de um cenário e de um personagem, refletindo o grupo social que merecem destaque. Lembrando que os jornais tinham um tipo de leitor específico: uma elite branca e letrada (boa sociedade). É obvio que as histórias que merecem destaque são aquelas que espelham o público alvo dos jornais em questão. As fontes abaixo são uma representação clara desta política da morte que valoriza uma vida em detrimento de outra.

Os trechos trabalhados nesta dissertação se referem aos detalhamentos sobre as mortes de indivíduos brancos. Primeiramente, encontramos na maioria dos casos: a) identificações desses indivíduos; b) detalhes de suas mortes; c) os motivos que levaram essas pessoas a cometer o ato suicida. Eram raros os casos de não identificação desses indivíduos gerando em torno de 16% na maioria das amostragens.

O suicídio era predominante no gênero masculino. Na maioria dos casos estava relacionado aos problemas financeiros, com a imagem afetada, enquanto provedores da casa, esses indivíduos se tornavam suscetíveis ao ato suicida. Raramente, encontramos suicidas do sexo feminino nas amostragens. As mulheres brancas raramente optavam por este tipo de saída devido ao seu estilo de vida.

Quanto às motivações, para o ato suicida são descritas nos relatórios policiais e nos jornais rotineiramente, sendo raros os casos onde os indivíduos não possuíam motivos descritos para o ato extremo. Quando se trata desses motivos, apresentam-se por meio de uma descrição detalhada dos suicídios de pessoas brancas. O jornal atendia a uma demanda dos leitores. As histórias que vendiam exemplares são aquelas que refletem a vida do público alvo. O perfil dos leitores era composto por: pessoas brancas, letradas e pertencentes a uma elite social. Existia uma justificativa para essa atenção e a busca da divulgação dos motivos que levaram a esses suicídios.

As comoções, relacionadas às descrições dessas mortes, refletem uma política voltada à necessidade da preservação de determinadas vidas em detrimento de outras. Em muitos relatos, vimos um sentimento de pesar e perda transparecer

quando se trata desse grupo de suicidas. Os sentimentos extremos transitam entre o amor (a dor pela perda daquele indivíduo) e o ódio (expresso pela criminalização do suicida). São vidas que importam e a comoção demonstra isso. A criminalização possuía uma função pedagógica, a fim de evitar futuros suicídios.

Quanto aos métodos escolhidos por indivíduos brancos, encontramos entre os mais cotados os suicídios por: armas de fogo, por armas brancas e encontramos os casos de envenenamento. Somente em uma das amostragens, as armas de fogo aparecem em segundo lugar. Esses indivíduos não possuíam a necessidade de um método mais acessível financeiramente, mas sim de um que tivesse eficácia ao matar para que as dores, geradas pelo ato suicida fossem reduzidas. Raramente, nas amostragens, encontramos negros e africanos utilizando-se das armas de fogo para cometer o suicídio. Outro fato interessante é a inexistência de indivíduos negros e africanos que optaram pelo envenenamento. O método escolhido por um suicida refletia também seu lugar social e espelhava a partir das escolhas, a sua construção individual.

Podemos, a partir dessas análises, concluir que: a mortalidade foi alicerçada por sistemas políticos capazes de definir o lugar social dos indivíduos no pós-morte. As tonalidades em torno dessas mortes refletiram a banalidade da morte. Podemos compreender que a vida, ou melhor, a morte desses indivíduos reflete a ideia de soberania do Estado. Onde as formas de controle e o alto grau de institucionalização do Estado incidem no campo da morte. Na ausência desse governo na vida de um determinado grupo social, a morte se faz presente e é justificada e institucionalizada.

O silenciamento desses indivíduos se faz mediante a falta de informação sobre eles nos jornais e nos relatórios policiais. Este trabalho foi o reflexo desse silêncio, no qual não existe uma identificação desse grupo de pessoas e a inexistência de motivos para o ato suicida se faz presente. As tonalidades definiram a profundidade que os indivíduos serão lembrados e como suas mortes devem ser relatadas.

A mortalidade ganhou um sentido racional. De um lado, foi criada uma justificativa para a morte de determinados indivíduos em sociedade, uma política que estrutura a morte, calcada sobre a égide de um princípio de banalização da morte. Os negros e africanos possuem um valor em vida, enquanto força de trabalho. Na sua morte, passam por um processo de desvalorização, enquanto indivíduos. Os seus corações cessam a pulsação, juntamente com as suas lembranças deixadas enquanto eram vivos. A vida tornou-se o reflexo da morte, incidindo sobre uma paleta de cores sociais, criando lugares políticos no *post-mortem* que foram justificados pelo lugar de fala atribuído aos indivíduos em uma sociedade senhorial.

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução: Vera Queiroz da Costa e Silva. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009 [1958].

ALENCASTRO, Luiz Felipe. **O Trato dos Viventes. A Formação do Brasil no Atlântico Sul**, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

ALTUNA, Raul Ruiz de Assús. **A cultura tradicional Banto**. Luanda: Secretariado Arquidiocesano da Pastoral, 1985.

ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro**. Petrópolis. Vozes, 1988.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. Introdução e notas de André e Mansuy Diniz Silva. São Paulo: USP, 2007.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. - tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História Da Morte No Ocidente: Da Idade Média Aos Nossos Dias. Rio de Janeiro**: Nova Fronteira, 2012.

AZEVEDO, André Nunes. **O Rio de Janeiro do século XIX e a formação da cultura carioca**. Intellèctus. Ano IX. N: 2.

AZEVEDO, André Nunes. **Anais do Seminário, Rio de Janeiro: Capital e Capitalidade, de 23 a 26 de outubro de 2000**. Rio de Janeiro: Departamento cultura/NAPE/DEPETEX/SR3/UERJ, 2002.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira Passos: um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX**. Rio de Janeiro: Editora: Biblioteca Carioca, 1990.

BETHELL, Leslie. **A abolição do tráfico de escravos no Brasil - A Grã-Bretanha, o Brasil e a questão do tráfico de escravos, 1807-1869**. São Paulo. Editora: Universidade de São Paulo, 1976.

BLOCH, Marc. **Para uma história comparada das sociedades europeias**. In: *História e historiadores*, Teorema. Paris: 1963, p.15-50.

CARVALHO, J. M. 2003. **A construção da ordem: a elite política imperial; Teatro de sombras: a política imperial**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

DA SILVA PEREIRA, Júlio César Medeiros. **À flor da terra: o cemitério dos pretos novos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

DETIENNE, M. **Comparar o Incomparável**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio – estudo sociológico**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

FERREIRA, Jackson. **Por hoje acaba a lida: suicídio escravo na Bahia (1850-1888)**. Afro-Ásia, n°31, 2004.

FLORENTINO, Manolo; GOES, Roberto. J. **A Paz nas senzalas. Famílias escravas e tráfico atlântico**. Rio de Janeiro, c. 1790-c.1850. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FLORENTINO, Manolo. **Tráfico Atlântico, Mercado Colonial e Famílias escravas no Rio de Janeiro, Brasil, c. 1790-c. 1830**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 51, p. 69-119, jul./dez. 2009. Editora UFPR.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: PATSCHIK, Lucas. **Últimas palavras... A carta de suicídio como fonte histórica**. Anais do II Seminário Internacional História do Tempo Presente, 2014. Florianópolis.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Medicina Social**. In: **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FREIRE, Jonis. **Batismo e tráfico ilegal de escravos no norte fluminense, c.1798 e c.1858**. In: Sidney Chalhou; Jonis Freire; Gladys Sabina Ribeiro; Martha Abreu. (Org.). **Escravidão e cultura afro-brasileira: temas e problemas em torno da obra de Robert Slenes**. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

FREITAS, Décio. **Palmares: a guerra dos escravos**. Rio de Janeiro: Movimento. 1973.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2000.

GOMES, Flávio dos Santos. **História de quilombolas: Moçambos e comunidades de senzala no Rio de Janeiro no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOULART, José Alípio. **Da fuga ao suicídio — Aspectos de rebeldia nos escravos do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista/Instituto Nacional do Livro, 1972.

HENRIQUES, Isabel Castro. **O pássaro de Mel : Estudos de História Africana**. Lisboa: Colibri, 2003.

HEYWOOD, Linda. (Org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808 -1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIMA, Frederico Osanam Amorim. **Achei que a hora era essa: O suicídio nas cartas de adeus**. Revista História e Estudos Culturais, Piauí, v. 12, ano XII, nº2, 2015.

LIMA, T. A. **De morcegos e caveiras a cruces e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)**. Anais do. Museu Paulista, V. 2. São Paulo: 1994 p. 87-150.

LOPES, Fábio Henrique Lopes. **Reflexões históricas sobre os suicídios, saberes, biopolítica e subjetivação**. Art. Cultura, V.14. Uberlândia: 2012

LUCA, Tania Regina. **Fontes Impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **Africanos Livres- A abolição do tráfico de escravos no Brasil**, São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

MACHADO, Humberto F. **Escravos, senhores e café**. Niterói: Cromos, 1993.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. **O Tempo Saquarema**. 5ªedição, São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

M'BOKOLO, Elikia. **África Negra: História e Civilizações – Tomo 1 (até o século XVIII)**. São Paulo, Salvador: Casa das Áfricas, Edufba, 2009.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Arte e ensaios: Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, nº: 32. Dezembro, 2016

MEDEIROS, Márcia Maria. **Concepções Historiográficas Sobre a Morte e o Morrer: Comparações Entre a ArsMoriendi Medieval e o Mundo Contemporâneo**. Revista Virtual: Outros Tempos–Pesquisa em Foco-História, V. 5, nº. 6, 2008.

MILLER, Joseph C. **Way of Death, Medison: Wisconsin University Press,1987**. In: FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2000.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Publicações Europa América, s/d, 1988.

OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão**. Revista Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 15, nº. 2, 2008.

PANTOJA, Selma (ed.), **Identidades, Memórias e História em Terras Africanas**, Brasília: Luanda, Nzila, 2006.

PESSOA, T.C. **Sob o signo da ilegalidade: o tráfico de africanos na montagem do complexo cafeeiro (c.1836-c.1853)**. TEMPO (NITERÓI. ONLINE), 2017.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PLATÃO. "**A República**". 6º ed. Ed. Atena, 1956.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 3 eds. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

RODRIGUES, Claudia e LOPES, Fábio Henrique. **Sentidos da Morte e do Morrer na Ibero-América**. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.

RODRIGUES, Jaime. **De costa a costa: escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro, 1780-1860**, São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro. Fiocruz; 2006.

SILVA. Alberto Costa. **Um Rio chamado Atlântico: Rio de Janeiro, Nova fronteira**, 2011.

SLENES, Robert. W. **A GRANDE GREVE DO CRÂNIO DO TUCUXI: espíritos das águas centro-africanas e identidades escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro**. In: HEYWOOD, Linda. (Org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

SOARES, Luiz Carlos. **O "Povo de CAM" Na Capital do Brasil: A Escravidão Urbana no Rio de Janeiro do Século XIX**, Rio de Janeiro: 7 Letras ,2007.

THEML, Neyde; BUSTAMANTE, Regina. **História Comparada: Olhares Plurais**. Revista de História Comparada, v: 01 n°: 01. Jun./2007.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

THORNTON, John. K. **Religião e vida cerimonial no Congo e nas áreas Umbundo, de 1500 a 1700**. In: HEYWOOD, Linda. (Org.) **Diáspora Negra no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VALLADARES, Eduardo **O Período Regencial (1831-1840)**. In: GUARITA, Sônia. **O Brasil como Império**, São Paulo: Companhia Nacional, 2009.

VANSINA, Jan. **O Reino do Congo e seus Vizinhos**. In: OGOT, Bethwell Allan. (ed). **História Geral da África V: África do século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010. P.677

ZIEGLER, Jean. **Os vivos e os mortos**. Paris: Seuil, 1975.

APÊNDICE - Corpo Documental

Periódicos consultados:

Bremen, Notícias Estrangeiras. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 21 AGO.1830. p.01

BURGIE, O Suicídio. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 17 fev.1844. p.01.

O Cincinato. Colonização europeia e a Escravidão Africana. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 07, Janeiro. 1837, p.01.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 05 FEV. 1831, p.01.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 11 FEV.1845. p.04

Francisco Bernadino de Souza, Breves Reflexões sobre o suicídio. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 30 DEZ.1850. P.01

Extratos da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 17 DEZ.1845, p.02.

Extratos da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 27 MAR.1846, p.02.

Francisco Bernadino de Souza, Breves Reflexões sobre o suicídio. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 30 DEZ.1850. p.01.

Panorama, Suicídio Legal no Japão. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 13 AGO.1838. p.01.

Repartição da polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 10 FEV.1844. p.02

Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 08 JUL.1844. p.02

Repartição da polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 10 FEV.1841. p.02

Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 15 JAN.1849. p.02

Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 13 MAI.1842. p.02

Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 14 JUN.1842. p.02.

Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 01 OUT.1845. p.02.

Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 01 MAR.1849. p.03.

O suicídio. O Cincinato, **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 25 OUT.1838. p.02

Repartição da polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 01 AGO.1843. p.02.

- Repartição da polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 SET. 1849. p.02.
- Repartição da Polícia, **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 13 AGO.1845. p.02
- Repartição da Polícia, **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 29, SET. 1847, p.03.
- Repartição da Polícia, **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 9 DEZ.1842. p.02.
- Repartição da Polícia, **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 26, JAN. 1849, p.03.
- Joaquim José Moreira Maia, Repartição da Polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 14 fev.1846. p.02.
- Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 JAN.1847. p.02.
- Suicídio. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 25 JAN.1844. p.02
- Repartição de polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 25 DEZ.1845. p.02
- Post-scriptum. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 04 FEV.1842. p.02
- Repartição da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 20 AGO.1848. p.02
- Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 MAI.1848. p.02
- Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 28 JAN.1845. p.02
- Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 18 FEV.1847. p.02
- Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 17 DEZ.1847. p.02
- Sem nome, Os Assassinos da Caqueirada. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 08 fev.1839. p.02
- Repartição da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 09 JUN.1848. p.02
- Repartição da Polícia. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 12 JAN. 1847. p.03
- Suicídio. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 08 NOV.1839. p.02
- Notícias Estrangeiras. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 22 DEZ.1841, p.01.
- Courrier de L'Europe. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 25 OUT.1847, p.01.
- Suicídio Singular. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 20 OUT.1841, p.01.
- Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 18 SET.1838, p.02.
- Uma explicação. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 20 SET.1838, p.02.

Repartição da Polícia. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 29 JUN.1844, p.02.

Exterior. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 30 OUT.1847, p.02.

(Le Lemp). Tribunais Estrangeiros. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 28 SET.1840, p.02.

Arquivo Nacional: Relatórios da Polícia da Corte

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 166**. Rio de Janeiro, 1833.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 169**. Rio de Janeiro, 1834.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 171**. Rio de Janeiro, 1835.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 173**. Rio de Janeiro, 1836.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1837.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 174**. Rio de Janeiro, 1838.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 186**. Rio de Janeiro, 1838.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 187**. Rio de Janeiro, 1838.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 191**. Rio de Janeiro, 1839.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 204**. Rio de Janeiro, 1834.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 204**. Rio de Janeiro, 1845.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 467**. Rio de Janeiro, 1834.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Relatórios da Polícia da Corte. **Série Justiça, IJ 467**. Rio de Janeiro, 1835.